



Josimey Costa

A palavra sobreposta

**imagens contemporâneas
da Segunda Guerra em Natal**

A palavra sobreposta

imagens contemporâneas
da Segunda Guerra em Natal

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Reitora

Ángela Maria Paim Cruz

Vice-Reitora

Maria de Fátima Freire de Melo Ximenes

Diretora da EDUFRN

Margarida Maria Dias de Oliveira

Vice-Diretor da EDUFRN

Enoque Paulino de Albuquerque

Conselho Editorial

Margarida Maria Dias de Oliveira (Presidente)

Helton Rubiano de Macedo

Carla Giovana Cabral

Ana Karla Pessoa Peixoto Bezerra

Anne Cristine da Silva Dantas

George Dantas de Azevedo

Regina Simon da Silva

Nêdia Suely Fernandes

Lia Rejane Mueller Beviláqua

Paulo Ricardo Porfírio do Nascimento

Eliane Marinho Soriano Mauricio Roberto C. de Macedo

Paulo Roberto Medeiros de Azevedo

Ana Emanuela Nelson dos Santos Cavalcanti da Rocha

Tânia Maria de Araújo Lima

Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi

Maria de Fátima Garcia

Edna Maria Rangel de Sá

Rosires Magali Bezerra de Barros

Tarcísio Gomes Filho

Fábio Resende de Araújo

Maria Aniolly Queiroz Maia

Editor

Helton Rubiano de Macedo

Supervisão editorial

Ayla Medeiros da Costa

Revisão

Paula Frassinetti dos Santos

Editoração eletrônica

Erinaldo Silva de Sousa

Capa

Helton Rubiano de Macedo

Foto da Capa

João Bezerra Jr.

Josiméy Costa

A palavra sobreposta

imagens contemporâneas da
Segunda Guerra em Natal



Natal, 2015

Divisão de Serviços Técnicos
Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN/Biblioteca Central Zila Mamede

Costa, Josimey.

A palavra sobreposta: imagens contemporâneas da Segunda Guerra em Natal /
Josimey Costa. – 2. ed. – Natal, RN: EDUFRN, 2015.
140 p.

ISBN 978-85-425-0312-8

1. Natal (RN) – História. 2. Guerra Mundial, 1939-1945 – Natal (RN). 3. Guerra Mundial, 1939-1945 – Imagens – Natal (RN) I. Título.

CDD 981.32

CDU 94(813.32)

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRN – Editora da UFRN
Campus Universitário, s/n – Lagoa Nova – 59.078-970 – Natal/RN – Brasil

E-mail: contato@editora.ufrn.br – www.editora.ufrn.br

Telefone: 84 3342-2221

Sumário

- Apresentação, 7
- Abertura, 9
- Uma Rampa, muitas pistas, 11
 - Fluxos de Natal, 13
 - O tear da cultura, 21
 - Cidades, pessoas, 34
- Instantâneos retocados, folhetins inconclusos, 49
 - Estrangeiridade e memórias, 51
 - Personacidades, 73
- Bibliografia, 87
- Material de pesquisa, 92
- Apêndices, 97
- Excertos, 99

Apresentação

Entre 1941 e 1946, a Segunda Guerra Mundial trouxe milhares de militares norte-americanos para a pequena Natal, capital do Rio Grande do Norte, no nordeste do Brasil. Durante todo o período, esses militares ocuparam duas bases na cidade: a Base Naval e *Parnamirim Field*, a maior base da Força Aérea norte-americana em território estrangeiro. No início da década de 40, a população de Natal era estimada em 55 mil habitantes. O historiador Luís da Câmara Cascudo informa que, em algumas ocasiões, o número de militares norte-americanos na cidade chegou a 10 mil. Em 1950, mesmo depois da retirada deles, ocorrida em 1947, a população natalense praticamente dobrou, atingindo mais de 100 mil habitantes.

O legado dos americanos fez e faz parte da cultura natalense. As imagens emblemáticas da guerra, na forma como ela foi vivida e reconstruída em Natal, interferiram inevitavelmente na formação de uma imagem mental identitária da cidade. Essa interferência é revivida nas reportagens de jornal, revista, televisão, nos cartazes, *outdoors*, filmes de cinema, peças de teatro e videodocumentários.

A palavra sobreposta: imagens contemporâneas da Segunda Guerra em Natal busca mostrar a capital do Rio Grande do Norte como uma cidade ao mesmo tempo singular e universal. É uma cidade que parece estar em reciclagem permanente, a mesma e sempre outra, aberta ao universal e desterritorializada exatamente por não apresentar uma identidade cultural impermeável. Essas características podem refletir um desapego dos natalenses em relação a valores locais. Ao mesmo tempo, talvez tudo isso seja a própria afirmação da singularidade de Natal em relação a outras cidades.

A memória desempenha um papel importante nessa afirmação. O ato de recordar é uma questão não de reprodução, mas de construção. Como a memória social é construída através de vestígios, marcas perceptíveis e testemunhais de fenômenos em si inacessíveis, é feita de histórias narrativas. Assim, olhar para trás pelo presente é recuperar o papel do sujeito na história, pois o fragmento revela em si mesmo o conjunto. Nas

memórias de quem viveu o período e nas expressões da cultura natalense contemporânea, se justapõem o passado, o presente e o futuro. Essa compreensão temporal revela a cidade, que é, também, todo o seu próprio invólucro sínico.

Josimey Costa da Silva

Abertura

Refletir sobre a realidade que eu vivo em Natal, focalizada pelos meios de comunicação de massa e pelos imaginários sociais, rejuntados pelo denominador comum da *imagem*: essa foi a aventura que iniciei ao mergulhar numa verdadeira erupção de imagens da Segunda Guerra, indicadoras das identidades possíveis e de um perfil cultural da cidade. Naquela altura, pensei que Cervantes tinha razão, e não é preciso citá-lo exatamente por isso. Todos os autores estão dentro de mim, sob a superfície da pele marcada por tudo o que vi, ouvi, vivi. Todos os textos estão inscritos no meu corpo e falam por mim, ainda que eu não queira. Tenho no rosto todas as formas da mente e trago na mente expressões que tentam traduzir o mundo, mas não me fazem entendê-lo melhor. Ainda assim, busco exprimir um universo através delas.

“Natal, a cidade do ‘já teve’”, “em cada esquina, um poeta, em cada beco, um jornal”, “Natal, cidade aberta!”, “uma cidade sem aquela personalidade marcante” são expressões que pontuam o cotidiano da capital do Rio Grande do Norte. Obsessivamente, tudo isso ocupou meus dias de vigília, povoou meus sonhos à noite e insuflou vida a este trabalho.

Âncora lançada nesse porto, eu iniciei uma peregrinação por Natal semelhante a muitas que em várias ocasiões já fiz. Andei por suas ruas, contemplei suas casas. Observei as pessoas transitando por suas artérias às vezes vazias, às vezes congestionadas. Li livros, monografias, dissertações, obras literárias, de referência teórica e histórica; jornais, entre os publicados no período da Segunda Guerra e os de 1996/97/98; assisti a filmes e a programas de TV, conversei com pesquisadores, escritores e outras pessoas que tenham vivido ou tenham relação com os fatos históricos abordados pela pesquisa, numa amostra em que as emergências são, inequivocamente, mais fortes.

Entretanto, impulsionada por uma inquietação mais aguda do que comumente, visitei lugares onde nunca tinha ido. Conversei com todas as pessoas com quem me deparei e tive chance de discutir a pesquisa. Fui *arroz de festa* em locais históricos e eventos públicos natalenses que recriam, contemporaneamente, aspectos da Segunda Guerra. Estive em

bares, *avant première* de filmes, reuniões e fotografiei, se não tudo, mas praticamente todas as etapas da pesquisa de campo. Pesquisa aleatória: absorvi tudo o que encontrava. Os dados foram se acumulando junto com as dúvidas, em contínuo intercâmbio. A angústia com a avalanche de indícios foi amainada pela solidariedade de outros pesquisadores, que também se aventuraram pelo mesmo caminho movediço e mutável¹, ainda mais por saber que não é possível um critério único nem uma varredura a que nada escape.

Como a amplitude dos dados me pedisse para vir ainda mais à mostra, produzi um videodocumentário com a temática. Não o fiz, porém, como um mero complemento ilustrativo. Inverti o percurso. Colhi grande parte dos dados durante a produção do videodocumentário. O “olho da câmera” alcançou regiões inexploradas da temática. Os entrevistados e eu reconstruímos a guerra, reconstruindo assim, imaginariamente, a cidade no videodocumentário intitulado “Imagem sobre imagem: a Segunda Guerra em Natal”.²

Videodocumentário finalizado, prossegui o percurso transversal. Exibi a fita em sessões abertas, tornei pública parte dos dados, pus em discussão meu olhar sobre Natal. Recebi críticas, novas informações, contribuições valiosas que incorporei ao texto escrito. Nesse momento em que cristalizo tantas imagens, arrumo como apêndices muitas das informações coligidas, especialmente as que não pude transformar em imagens visuais (como, por exemplo, as páginas do *Diário de Natal* e de *A Ordem*, do período entre 1942 e 1946, microfilmadas e sem possibilidade de cópia por falta de máquinas operantes na cidade).

A coleta do material tem, como referência, os períodos de 1941-1947, parte de 1996 e 1998 e todo o ano de 1997, mas isso é apenas um aspecto. O tempo extrapola a cronologia, tanto que o videodocumentário foi elaborado em 1998 e mostra muitos outros documentos resistentes a uma datação precisa.

Assim, com muitas lacunas absolutamente inevitáveis e até mesmo desejáveis, eis este texto. Aberto, em constante acabamento/inacabamento...

1 Postura metodológica também adotada em pesquisas por Silva (1996) e Cascudo (1980), entre outros.

2 Maiores dados técnicos constam dos Apêndices deste trabalho.

Uma Rampa, muitas pistas

Fluxos de Natal

Natal, como eu e como tantas outras cidades, tem um princípio organizador que a unifica, que a distingue sempre entre tantas configurações possíveis de si mesma. Mas Natal é também as muitas diferentes visões de quem, como eu, a olha e vê as cidades que se superpõem dentro dos seus limites urbanos.

Assim, eu tenho visto o tempo coagulado enquanto flui. Absorvo os muitos discursos da cidade sobre si mesma enquanto construo, nela, o meu. Nesse discurso, ao mesmo tempo meu e do todo, utilizo-me de imagens, captadas e expressas neste livro e no videodocumentário produzidos com a pesquisa. Sirvo-me do esteio de Gilles Deleuze (1992, p. 72) para dizer que ambos constituem, de forma simultânea e dialógica, o meu olhar sobre a cidade e uma condição da visibilidade dela.

Natal é uma pequena porção de terra de 170,298 km² de extensão³ cercada por águas de várias salinidades em quase todos os seus lados. A leste, o Oceano Atlântico. Nos outros pontos, a intervalos irregulares e dividindo sua posse com Parnamirim, Macaíba e São Gonçalo do Amarante, lagoas, riachos, córregos, açudes e poças de lama produzidas tanto pela natureza como por uma ocupação humana não saneada.

O relevo é caracterizado por dunas fixas e móveis de areia branca nua ou forrada pela mata atlântica, cada vez mais escassa quanto menos virgem. O mar é verde-opaco: correntes marinhas, areia revolta e plâncton turvam a sua limpidez. A luz é fulgurante, demasiada, e anuncia o sol quase desde as quatro horas da manhã, sumindo com ele pouco depois das dezoito horas.

A África está próxima, pois Natal é a *avant garde* do continente sul-americano, cidade que avança sobre o oceano e puxa o Rio Grande do Norte, no Nordeste do Brasil, em direção a Dakar. É porto tão acessível quanto devassável, e isso em mais de um sentido.

O começo foi a água. O rio Potengi, grande. A cidade era também Alta. A Ribeira. O Forte dos Reis Magos antecipando as Rocas. O Alecrim,

³ Cf. IBGE, censo de 1991. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/areaterritorial/area.php?nome=natal&codigo=&submit.x=19&submit.y=13>>. Acesso em: 1 out. 2012.

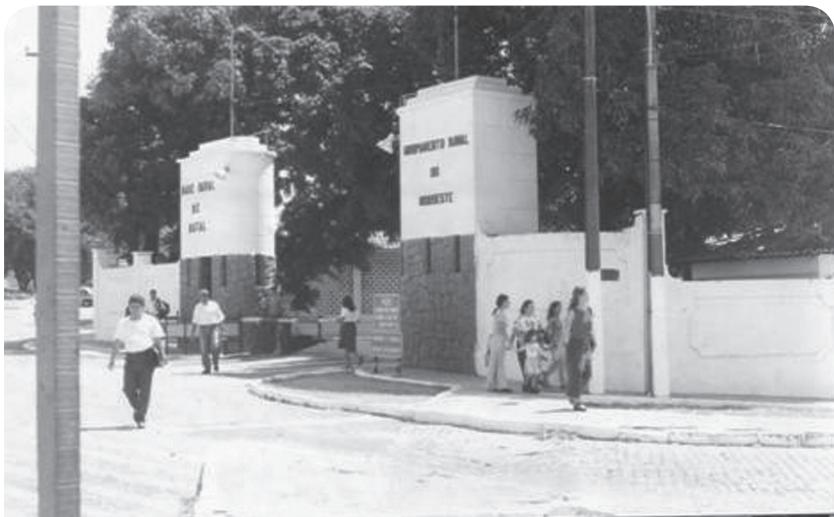
contraponto com os dois outros bairros do princípio (ONOFRE JR., 1984, p. 24-25). A cidade espalhou-se com a chegada de migrantes do interior norte-rio-grandense, repleto, como a capital recém-nascida já cidade, de descendentes dos índios *potiguara* (comedores de camarão), dos franceses, dos portugueses, dos holandeses (que fundaram a Nova Amsterdâ) e dos africanos negros. Quase todos estrangeiros.

Os homens vestiam linho branco, chapéu de palhinha. As mulheres viviam as diferentes modas. Seguindo o rio Potengi, o Alecrim começou pelo cemitério. Ao sul, a cidade morria mal acabava a Cidade Nova ou Cidade das Lágrimas, que depois seriam Petrópolis e Tirol, onde ficavam as poucas residências das famílias ricas. Dali, rasgando a mata, expulsando a areia, uma única tira de asfalto muito longa e isolada de toda urbanidade ligava a cidade liliputiana a uma terra estrangeira: Parnamirim Field (CASCUDO, 1980, p. 50).



Em Petrópolis, edifícios altos encimam monumentos; as ex-casas dos americanos da Segunda Guerra. Esta foto e todas as demais são da autora.

Margens do Rio Grande, que se revelou pequeno, posse holandesa, cemitério dos ingleses, cidade-presépio, musa de cantadores e poetas, cidade do sol, praias, dunas, ar puro, gente morena de cabelo claro, gente morena de cabelo escuro, *cidade-sonrisal*, retirantes, favelas periféricas, Barreira do Inferno, cidade-espacial, militares e quartéis, esquina do continente, cidade de natalenses quase todos estrangeiros, caldo ralo de cultura e arte, pátria da identidade-interrogação.



A entrada da Base Naval de Natal e os aviões na Base Aérea (Centro de Aplicações Táticas e Recompletamento de Equipagens – CATRE) testemunham a história.

Não por acaso as palavras do parágrafo anterior – que são expressão de imagens mentais e, ao mesmo tempo, formadoras dessas imagens – fazem parte do vocabulário dos natalenses e podem ser encontradas em produções culturais diversas, como a publicidade e a literatura⁴. Tanto quanto outras expressões do imaginário natalense, elas formam a cosmologia imaginal que pode ser entendida nos termos de Michel Foucault (1987, p. 36-44), isto é, como uma unidade discursiva produzida historicamente.

Essa cosmologia transborda focos de sentido marcados pela estrangeiridade e pela antecipação cultural em Natal. Não, há, no entanto, natureza normativa explícita nessa visão de mundo. Há, sim, ainda hoje, um conjunto de valores culturais que impregnam o cotidiano natalense, tanto quanto as subjetividades historicizadas dos habitantes da cidade.

Tentando entender esse presente, olho para trás. Vejo que o legado cultural dos americanos fez e faz parte da cultura natalense. Investigo a experiência de Natal na Segunda Guerra mapeada na geografia mental das memórias, tanto quanto nas expressões imagéticas contemporâneas da cultura local. Busco saber se há pontos de aproximação entre os fragmentos do passado e do presente natalense, que possam contribuir para um melhor entendimento do que é a cidade hoje, de como a concebem os natalenses e de que meios se utilizam para dela falarem.

As imagens emblemáticas da guerra, na forma como ela foi vivida e reconstruída em Natal, interferiram vivamente, embora nem sempre conscientemente, na formação de uma imagem mental identitária da cidade. Uso o termo *emblemático* no sentido do que se afirma como uma referência forte, primordial, aquilo que representa uma abstração carregada de valor simbólico. Edgar Morin, ao discutir as referências mais primordiais, ajusta o foco sobre o *imprinting* cultural, que se inscreve cerebralmente desde a infância pela estabilização seletiva das sinapses, manifestando os seus efeitos mesmo nas percepções visuais. Uma pequena brecha representada por um desvio inovador no fluxo dos acontecimentos é capaz de gerar “as condições iniciais de uma transformação que pode, eventualmente, tornar-se profunda” (1992, p. 25-31).

4 Cf. obras como Natal, Secreta Biografia (MELO, 1994), Breviário da cidade do Natal (ONOFRE JR., 19-), Spleen de Natal (JORGE, 1996) e Entre o rio e o mar (GÓES, 1996).

Os *imprinting*s culturais estão na base das representações. Embora estas se situem para além do verificável, são um olhar legítimo da sociedade sobre si, ultrapassando as noções de verdade e falsidade. Além disso, manifestam o sentido do conjunto de questões cruciais para uma abordagem sistemática (SILVA, 1996, p. 15). Em Natal, o *imprinting* da Segunda Guerra é revivido atualmente nas imagens da comunicação de massa (reportagens de jornal, de revista, cartazes, *outdoors*, reportagens televisivas, programas de rádio, videodocumentários, filmes de cinema, todo o aparato de propaganda de pelo menos uma peça de teatro), nos documentos, nos monumentos (entre prédios, fachadas, letreiros, logomarcas em transportes urbanos) e nas memórias transmitidas oralmente.



Material de divulgação da peça teatral *Bye Bye Natal*, do dramaturgo Racine Santos, encenada em 1996.

Os sinais se espalham pela cidade, imperceptíveis para o olhar já acostumado com a paisagem, assim como a fachada de prédios mais altos são invisíveis para quem se acostumou a andar nas ruas esquadrinhando apenas o terreno adiante dos seus passos para chegar mais depressa.

Para mim, realizar um videodocumentário sobre este assunto propiciou a experiência direta do *revival* e a instauração de um novo olhar sobre Natal. Quase que completamente embasado no próprio fazer – já que apenas alguns dados haviam sido previamente colhidos – *Imagen sobre imagem: a Segunda Guerra em Natal* mostrou-me uma cidade inteiramente nova, sendo a mesma. A cidade se desvendou de uma forma inesperada para mim, ao mesmo tempo em que definir entrevistados, marcar as locações, elaborar o roteiro, produzir as condições técnicas, dirigir as gravações, editar e exibir para diferentes públicos o produto final em vídeo deixou-me mais nua perante a cidade.



Entrevistas como a do veterano da FEB, Cleantho de Siqueira, resultaram no videodocumentário que foi notícia na *Tribuna do Norte* (4/3/1998) e no *Diário de Natal* (6/3/1998). Foto de Marcelo Tavares.

Pude ser o objeto e o sujeito da asserção de Dietmar Kamper: “o simples fato de haver uma imagem, confrontada com o observador, diz mais da visão do que aquilo que se pode ver nas imagens” (1997, p. 135).

Em um videodocumentário, assim como no cinema, mesclam-se procedimentos técnicos e artísticos. Na arte, que opera por redução, “o conhecimento do todo precede o conhecimento das partes” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 45). Nessas duas formas de expressão tão assemelhadas, portanto, há sempre algo em aberto. Além do significado alusivo que qualquer obra suscita na interpretação do espectador, há o todo, que o próprio espectador precisa compor em si para que a obra seja “legível”, mas há também o tempo técnica e imaginariamente manipulado. No vídeo e no cinema, o tempo dura e coexiste.

Norval Baitello Jr. (1997, p. 80) considera que a construção de um texto qualquer – e um vídeo é um texto⁵ – seleciona não somente a perspectiva através da qual um acontecimento é visto, mas seleciona o próprio acontecimento enquanto fragmento perceptível dentro de um fluxo. A expressão e a percepção disso ocorrem porque, como esclarece Deleuze, “a imagem torna-se *pensamento*, capaz de apreender os mecanismos do pensamento, ao mesmo tempo em que a câmera assume diversas funções que equivalem verdadeiramente a funções proposicionais” (1992, p. 76-95).

Uma ideia que surge dentro da cabeça pode ser apenas mais uma forma de solidão. Se, entretanto, puder ser *vomitada*, traz consigo, para fora, pedaços das entranhas de quem a concebeu, rejunta um pouco o mundo e os seres da solidão seminando outras ideias e abre espaço para novos partos.

Cada uma das imagens escritas, gravadas, faladas, materializadas sob todas as formas pelos cidadãos, é a cidade, à maneira do que ocorre com os fractais⁶. Hologramaticamente, a cidade é o todo, que é mais que a soma das partes, mas cujas partes contém, em si, também o todo. Assim, Natal é o texto condicionante deste trabalho, não só o texto a ser observado e interpretado. Os menores detalhes do contexto urbano vivido por mim e por todos os natalenses são fonte material de produção e comunicação de criações alegóricas, que significam uma coisa na palavra e outra no

5 Cf. Interpretação e História (ECO, p. 1993).

6 Fractal foi um termo criado em 1975 por Benoît Mandelbrot para definir um objeto geométrico que pode ser dividido em partes, cada uma das quais semelhante ao objeto original. Originalmente, o conceito é do campo de estudos da geometria fractal, um ramo da matemática, mas no presente estudo foi empregado a título de migração conceitual para significar que cada expressão individual sobre a cidade comporta a totalidade potencial da cidade.

sentido⁷. A comunicação de massa, por sua vez contexto determinante da cultura citadina, está na mente de quem a vive, bem como é reconstruída por essa mente.



A empresa de ônibus *Parnamirim Field* disputa o espaço da história com outra empresa de Natal, que ostenta o título de *Trampolim da Vitória*.

Cada um não só possui a cultura enquanto “um corpo complexo de normas, símbolos, ritos e imagens que penetram o indivíduo” (MORIN, 1990, p. 15); a cultura também possui cada um. Cada natalense ressignifica Natal subjetivamente, devolvendo-a sempre transformada ao todo da cidade do qual ele é parte. A cidade, então, é o conjunto das materialidades e das interpretações sobre ela. Todos os elementos do complexo cultural se atualizam num ato cognitivo individual porque este é, de fato, um fenômeno cultural (1992, p. 20).

Para compreender Natal, há que se ouvir as muitas vozes que compõem a musicalidade da cidade e, dentro desse princípio, só a utilização da dialógica tem sentido metodológico porque rejunta, respeita a subjetividade de quem pesquisa e devolve a subjetividade ao informante. A alteridade não é mais diluída mesmo que seja preciso olhar de forma

7 Sobre isso, ver Canevacci (1993).

estrangeira o que é familiar, e tentar encontrar familiaridade no que se apresenta como estranho (CANEVACCI, 1993, p. 101). Essa é a premissa para que eu possa narrar Natal, descrevê-la e interpretá-la.

Ser um narrador de Natal significa selecionar dados relativos à minha percepção, dar-lhes um encadeamento lógico e iluminar o conjunto com o senso do conhecimento e a realidade do sentimento. A própria montagem dos dados já constitui, em si mesma, uma interpretação. São muitas as imagens que me atingem e infinitos os sinais que a cidade me convida a decifrar, resultado de mudanças inesperadas e contínuas da ordem da comunicação.

O real, que me impressiona, também pode ser lido como um texto. Objetos, antes secundários, tornam-se significativos. O novo se entrelaça necessariamente com o velho; a cidade não conta, mas contém o seu passado. Importa o significado, mas também o significante (a forma). Os olhos veem mais do que coisas; veem significados.

A reunião de tantas informações permitiu-me, acredito, a formulação de uma nova forma narrativa. Mais que qualquer outro recurso, é a polissemia das imagens que libera a expressão num grau superlativo. Daí a opção pelo discurso verbal amplificado, em alguns momentos, e pelo recurso literário da metáfora. Daí, também, a opção pelo iconográfico, com o uso de fotografias, *facsimiles* e videodocumentários.

Receio e expectativa, alegria e apreensão se misturaram permanentemente nessa caminhada, mas em nenhum momento estive sozinha. É preciso sempre encher a imaginação de imagens para poder viver diretamente a imagem, como lembra Gilbert Durand (1989, p. 20). Por sua vez, Gaston Bachelard (1990, p. 42-44) chega de imagens a imagem do seu texto, para assim convencer e encantar. Esse foi o espírito que animou todo o trabalho em que me empenhei, procurando me desfazer de couraças que pudesse embotar a minha percepção sem perder de vista os necessários propósitos cognitivos.

O tear da cultura

A perspectiva imagética é o *coagulum* das topografias do espírito e das configurações sociais. As imagens presentificam e reconstruem o passado, e têm um grande poder de influência cultural, pois a sua apreensão

se dá num nível muito mais sensitivo e sensorial que racional. É evidente que qualquer apreensão sempre se principia pelo sensorial e envolve internalização tanto racional quanto inconsciente. No entanto, algumas vias da comunicação humana com o mundo exterior impressionam mais os sentidos e de forma mais ampla que outras, além de terem maiores possibilidades de mobilizar as emoções.

A imagem é a reprodução mental de uma sensação, na ausência da causa que a produziu, mas é também a representação material de um objeto tanto quanto o seu reflexo obtido pela incidência de raios luminosos. Em seu aspecto puramente mental, a imagem é formada a partir de vivências, lembranças e percepções passadas. Quando artística ou técnica, tem a mesmíssima origem, só que expressa materialmente.

Sinto, logo penso e existo. Sou imagem com um “dentro”⁸.

Milton Gurin acredita que a fotografia é mais rápida que o discurso escrito para induzir o “leitor a uma associação de ideias ou de sentimentos recorrentes à informação apresentada” (1992, p. 10). Susan Sontag, por sua vez, coloca que a fotografia é sinônima de aquisição em mais de um aspecto. Através dela se têm a posse simbólica de pessoas queridas, a consumação de acontecimentos e a informação – um tipo de conhecimento que independe da experiência. Quanto mais atrás se busca no passado, mais imagens e realidade se indistinguem. “A fotografia não reproduz simplesmente o real, recicla-o” (SONTAG, 1981, p. 149-167).

O que se tem é um circuito em que duas imagens giram em torno de um ponto de indistinção entre o real e o imaginário (DELEUZE, 1992, p. 69). Assim é que uma imagem nunca está só, mas em permanente e obrigatória relação com outras imagens.

Pensando nisso, deito-me, num belo dia, de cara voltada para o céu. Deixo que o azul maciço penetre minhas retinas, manchado vez por outra com o branco vaporoso das nuvens. Sinto-me em movimento, ainda que alfinetada ao chão pela gravidade. Vejo, por dentro, noites sem lua, azul que vira negro, estrelas avivadas num *black out*.

8 DELEUZE, 1992, p. 57.



O quadro na parede do bar *Black Out*, fechado em 2004, resgata imagens de outro tempo para o presente.

As imagens visuais, conforme coagulam o tempo, também intensificam a consciência da sua passagem. As fotografias, conforme Roland Barthes, mostram o que foi e remetem ao que será. Produzem uma compressão do tempo. A coisa ou pessoa, vista por outrem através da sua imagem, não é ou não está mais daquele jeito. No entanto, vê-se o que ela era, o que passou. Simultaneamente, percebe-se o que vai acontecer, numa projeção mental provocada pela imagem vista e que permite identificá-la. A pessoa ou coisa vai mudar de lugar, vai morrer, vai transformar sua aparência para a forma atual, como é conhecida agora (BARTHES, 1984,

p. 142). As imagens, assim, são como museus que exibem o passado, mas lidam com o presente, por sua vez também transformado em imagem mental como o passado.



G18 - O ESTADO DE S. PAULO

VIAGEM

RIO GRANDE DO NORTE

Bairro da Ribeira é endereço indicado para os notívagos

Local passa por processo de revitalização para resgatar a história da época da 2ª Guerra

NATAL — A noite em Natal não é feita só de discoteca e trio elétrico. Há opções para quem gosta de curtir uma boemia. A Rua Chile, no tradicional bairro da Ribeira, é hoje um dos lugares mais badalados da cidade. São cerca de seis bares, todos com as fachadas coloridas, num cenário que remete aos anos 40. Em fase de revitalização, a área encontra-se em frente das antigas estações de trem e do cais do Rio Potengi. O ambiente é ideal para tomar um chope ao som de boa música.

O acesso para a Ribeira dá-se pelo Canto do Mangue, onde funciona o mercado de peixe. Chegando na Rua Chile, é só escolher entre os bares: o Armação do Cais, Anjo Azul, Bar das Bandeiras, A Lata ou o Blimbo's. Todos funcionam lado a lado, o que causa uma grande confraternização dos que ficam nas mesas colocadas na rua.

"Nossa objetivo é revitalizar toda a rua, principalmente para recuperar a história dessa área", explica o coordenador de Turismo de Natal, Paulo Lopes.

Os frequentadores parecem não querer esperar pela conclusão desse processo de recuperação. Nos fins de semana, o lugar fica lotado de pessoas de todos os idades. Os bares mais agitados são o Blackout e o Armação do Cais. No primeiro, você paga um cover artístico de R\$ 1,50 e curte shows de blues. As apresentações são às sextas-feiras, com ingressos a R\$ 300.

Um conselho: experimente algumas das coquetéis do Blackout, como o Maria Boa, o Submarino ou o Hum-bolt. Não deixe de prostar atenção no período da 2ª Guerra Mundial, quando Natal serviu de base para cerca de 20 mil soldados americanos.

Cinema — Outros bares muito disputados na Ribeira são o Armação do Cais e o Anjo Azul. O primeiro oferece no cardápio pratos de camarão (R\$ 12,00), massas (R\$ 7,00), além de coquetéis variados. No som ambiente, nada de Netinho, Banda Eva ou É o Tchan. Só dão MPB tradicional, jazz blues e mukumbu. Na noite de terça é a vez do tecno e da dança rock.

No Anjo Azul, o destaque é a decoração com temas cinematográficos.

O nome do bar foi inspirado no longa-metragem de 1930, que acabou lançando a atriz atriz Alice Díetrich ao estrelato. Uma das atrações do Anjo Azul são os drinques, que têm nomes de atores. Além disso, cada mês (são 25 ao todo) tem o nome de um filme famoso e, às vezes, nomes de artistas. A maioria dos bares da Ribeira abre a torça a sábado, a partir das 17 horas. (R.S.)



Cena do filme For All — O Trampolim da Vitória: volta à década de 40 no ano passado para reproduzir a história da base militar de Parnamirim Field

A temática da guerra recheia, com versos, o cardápio do bar e rende notícia no jornal *O Estado de S. Paulo* (13/1/1998).

Imagens: síntese de permanência e mudanças, retalhos de sentimentos que afloram à superfície do real concretados em símbolos, em ondas luminosas, em tinta sobre todos os materiais possíveis, matrizes polissêmicas, prenhes de significação.

A construção das significações é, de fato, parte da rede simbólica que constitui a vida e as coisas, que torna uma e outra passíveis de percepção e representação – ou seja, de sofrer a atribuição de um sentido racional ou emocional e, portanto, de serem comunicadas. A simbolização se dá no nível do imaginário humano. O arcabouço imaginário, ao mesmo tempo instituído e instituinte socialmente, é condição e ação humana. É a ambiença que possibilita o entendimento e, ao mesmo tempo, o limita. Por essa razão, Cornelius Castoriadis coloca que o entendimento está cada vez mais imerso na instituição imaginária global da sociedade (1992, p. 63).

Sem comunicação, na verdade, não há vida humana. A comunicação social exerce uma função estruturante do tecido social através da produção e circulação do sentido, que aparecem como um requisito da própria existência social humana, assim como do surgimento da cultura.

Sérgio Paulo Rouanet propõe, certamente ancorado numa perspectiva macrocultural, que há “uma natureza humana universal, fundada na universalidade da comunicação pela linguagem”, sendo, portanto, o discurso um “horizonte virtual dentro do qual se realiza a comunicação cotidiana” (1993, p. 115).

A palavra comunicação, do ponto de vista etimológico, vem do latim *comunicatio -onis*, e deriva da raiz *communis*, comum, pertencente a todos ou a muitos. Comunicar, portanto, é o ato de tornar comum, fazer saber. Mas bem a propósito, a acepção “tornar comum” vem em primeiro lugar, e a razão pode ser encontrada buscando-se as raízes da palavra ação: ato, efeito, obra, do latim *actio -onis*. Entendo comunicação, portanto, como aquele ato de tornar algo simbolicamente comum com vistas a uma nova ação. Comunicação é partilha, são os vínculos criados com o quê ou com quem eu me comunico⁹.

9 Cf. Baitello Jr. (1997).

Evidentemente, a comunicação não pode ser exercida descolada de seus suportes. Se, antes, a comunicação necessitava do grito, do gesto, da imagem pictórica, hoje, terceirizada, se utiliza da tecnologia como mediação, o que ativa novas formas de conhecimento (LÉVY, 1993, p. 129). Mesmo assim, para Antônio Albino Rubim, “a comunicação midiática não se reduz apenas ao aparato tecnológico. Ela torna-se um espaço socio-econômico e cultural, uma dimensão da sociabilidade contemporânea” (1995, p. 109).

Morin (1986, p. 109), ao falar de indústria cultural, de cultura e de comunicação, utiliza o termo “massas”, preferindo, como eu, um enfoque que percebe um policentrismo na indústria cultural e diferenciações na recepção, embora a emissão seja para a massa, para um público universal, para um conjunto indiferenciado de seres humanos.

As massas surgiram, histórica e sociologicamente, com o estabelecimento da democratização política e da industrialização técnica na Europa a partir da década de 20. Ortega y Gasset (1987, p. 73) menciona o sindicalismo e o fascismo como presentes no cerne do processo de surgimento dessas massas. Elas também estão identificadas com uma cultura característica das sociedades industriais, marcada pelas relações de caráter impessoal, fragmentário e indiferente, pela economia de mercado e pela sociedade de consumo. Consumo que tem a ver com técnica. Em consonância com a industrialização, surge a impressão em grande escala, depois o rádio, o cinema, a televisão, conquistas tecnológicas que estão no nascedouro da cultura de massas. Essas invenções eram, a princípio, de cunho científico; objetivavam melhorar as comunicações entre os homens, mas as comunicações necessárias, de ordem prática. Só que a sociedade contemporânea construiu outra coisa: em função dessa ampliação e exacerbação da comunicação social, a cultura e a vida privada entraram intensamente no circuito industrial e comercial. A cultura – que organiza e é organizada através da linguagem “a partir do capital cognitivo dos conhecimentos adquiridos, das aptidões apreendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade” (MORIN, 1992, p. 17) – empresta um caráter de permanência à espécie humana.

Minha existência finita prolonga-se no que eu faço. O que eu sou amplia-se no que todos são. Meu corpo pode mais com o que eu teço

para vesti-lo, vai além com o que eu fabrico para capacitá-lo, multiplicá-lo. A cultura é, em mim, estágio anterior condicionante de um ulterior desenvolvimento. É, da mesma forma, uma bitola por onde posso, limitadamente, impulsionar-me.

A partir da terceira década do século XX, quando a penetração dos Meios de Comunicação de Massa se torna cada vez mais ampla na sociedade, as condições para uma efetiva sociedade de consumo são cimentadas por veículos de comunicação como a TV. Daí, com uma produção cada vez mais massiva e necessidades a serem estabelecidas para que haja consumo (criação de demanda), expõem-se cada vez maiores contingentes da população aos meios massivos da comunicação, na busca de uma sempre crescente homogeneização de padrões de comportamento facilitadora do consumo em larga escala.

Nesse contexto, também a cultura passa a ser produzida em escala industrial, a partir das indústrias de folhetins, do teatro de revista, do mercado fonográfico, dos espetáculos de cinema e de TV, da banalização da vida nas páginas de jornal, hoje características da sociedade de massas. Mais especificamente, a Indústria Cultural é a fabricação industrial de conteúdos culturais, com difusão maciça pelos meios de comunicação social e consumo massivo. Já a cultura de massas constitui um corpo de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida prática e à vida imaginária, e que se acrescenta às outras culturas (nacional, humanista, religiosa), concorrendo com elas (MORIN, 1990, p. 14-15).

A disseminação dos produtos da indústria cultural está, portanto, adstrita à circulação propiciada pelos Meios de Comunicação de Massa (mídias). As mídias são estruturas relativamente autônomas dentro da sociedade. Elas recriam a contemporaneamente, a cultura humana enquanto transmissores/mediadores/receptores da informação, configurando um processo em que cada elemento retroage sobre o outro. As mídias são em si mesmas, produtoras do sentido na medida em que sua mensagem está vinculada à sua forma de transmissão, constituindo um discurso peculiar com linguagem e semântica próprias.

Esses meios voltados para a massa aparecem como detentores de uma competência argumentativa que autentica a mensagem por seu intermédio veiculada, desempenhando o papel de legitimadores de valores

próprios que são, ao mesmo tempo, legitimados nos demais campos sociais. Isso porque tais meios atuam como instâncias detentoras da competência argumentativa, produtoras do discurso (Rodrigues, 1987, p. 21), ao mesmo tempo em que são unidades discursivas. E o que é o discurso, senão expressão e desenvolvimento, encadeados e traduzíveis, do pensamento e da emoção?

Jean Baudrillard, contudo, fala sobre uma perda de sentido como fenômeno basilar da sociedade massificada (1985, p. 25-28). A produção em massa do sentido pode, efetivamente, ser disseminada de tal modo a anular o próprio sentido. A redundância excessiva pode eliminar o representado. Se tudo faz sentido, nada faz sentido. É a banalização, a desvalorização extrema pela saturação.

Se isso ocorre, a razão está em que o indivíduo sofre hoje um bombardeamento de informações que é, ao cabo, um fator responsável pela miséria informacional característica das sociedades de massas. O tipo de informação veiculada pelos Meios de Comunicação de Massa não informa, realmente. Todos os dados, do ponto de vista da emissão, são apresentados descontextualizadamente, amalgamados numa massa informe, sem ligações lógicas, apenas simbólicas. Sem vínculo com o real, podem estabelecer o seu simulacro.

A verdade contemporânea reluz na televisão, estampa-se no jornal e derrama-se, pelo ouvido, digitalizada...

A sociedade de massas pode gerar ansiedade e individualismo. As imagens podem tornar difícil a distinção entre realidade e fantasia. A pseudoinfinita liberdade de escolha propiciada pela tecnologia pode, enfim, levar a uma abstenção da própria escolha, resultando numa verdade de conformidade, que fecha mais do que abre as questões.

Ainda que seja assim, ainda que haja um esforço sintético que considera que o produto é uma globalidade e que seu “fundo” não pode existir sem sua “forma” (MAFFESOLI, 1995, p. 33), ocorre também outro movimento. A par da mundialização da cultura, há fragmentos da informação que – não imediatamente, mas ao longo do tempo – vão se somando. Junto com os simulacros do real que os meios disseminam, há traços de cultura real que não podem deixar de ser mostrados a bem da recepção efetiva da mensagem.

Artistas e casas noturnas devem enviar informações através do fax: (084) 221-3374, a atenção do Caderno Viver ou para a TRIBUNA DO NORTE (Av. Tavares de Lira, 101, Ribeira, Natal/RN, CEP: 59012-050). O serviço é gratuito.

CINEMA



► **FOR ALL - O TRAMPOLIM DA VITÓRIA** — Natal 1. Tel: 235-8206 (ou sistema 139). Censura: 12 anos. Sessões: 15h, 17h, 19 e 21h. Direção: Luiz Carlos Lacerda e Buzi Fernaz. Comédia, drama e suspense. Sobre a chegada de soldados americanos na base aérea de Natal que trouxeram a vida os costumes da população local. A história é em tons de comédia de costumes e musical — gira em torno da família Sandrini, um capataço italiano casado com uma docesinha nordestina e seus dois filhos. O filme ganhou vários prêmios, entre eles o de Melhor Filme em Granado, em 1997. ★★

► **ADVOCADO DO DIABO** — Natal 2. Tel: 235-8206. Sessões: 13h30, 16 h, 18h30 e 21 h. Censura: 14 anos. Drama. Direção: Taylor Hackford. Com Keanu Reeves, Al Pacino, Charlize Theron. Kevin Lomax é um homem de sucesso no tribunal e fora dele. Ele é um jovem advogado de defesa da Flórida que nunca perdeu um caso. Não importa o quando seja repugnante o crime, ou a culpa do réu. Kevin Lomax tem

o poder de convencer o júri com o seu charisma, fazendo com que aceite sua argumentação para colocar seus clientes em liberdade. ★★★

► **FOR ALL** — Rio Verde 1. Tel: 222-2324. Censura 12 anos. Sessões: 15h30, 17h20, 19h10 e 21h. Veja sinopse acima. ★★

► **TITANIC** — Rio Verde 2. Tel: 222-2324. Censura: 12 anos. Sessões: 13h30, 16h50, 20h10. Direção: James Cameron. Com Leonardo Di Caprio, Kate Winslet e Bill Zane. O maior recordista de bilheterias da história do cinema volta em cartaz, depois de uma longa temporada no cinema do Natal shopping. Filme é um romance épico de ação, sobre a trágica viagem inaugural do Titanic, o navio dos sonhos, que afundou nas águas geladas do Atlântico Norte matando mil e quinhentas pessoas. Nesta trama, há um romance incidental envolvendo os dois protagonistas e empolgando o expectadores ao longo das 3 horas de projeção. ★★★★

ARQUIVO



FILAS —
For All já se tornou popular entre os natalenses. As filas para vê-lo são grandes, sobretudo no fim de semana

ONDE DANÇAR



► **HOOTERS** — Boate do complexo de lazer do Chaplin, Praia do Meio. Tel.: 202-1199. Aberto de terça a domingo. Videobar com serviços de garçons volantes, videoclips e festas fixas.

► **LIVERPOOL** — Av. Eng. Roberto Freire, Ponta Negra. Boate e videobar aberta de quarta a domingo, com promoções diferentes a cada dia. Hoje, tem a festa Teen Liver Teen, uma promoção da TRIBUNA DO NORTE.

EXPOSIÇÕES



► **IMAGENS DE CHOQUE** — Mostra de fotografia dos fotógrafos da TRIBUNA DO NORTE até dia 27, no Praia Shopping, e de 28 a 30 no B 52 (ao lado do Blackout, na Ribeira).

► **CÃES** — No Shopping Rota do Sol, Ponta Negra. Exposição de Cães de Grande Porte. Neste domingo, às 16h30.

O roteiro de lazer da *Tribuna do Norte* (24/05/1998) traz a história para o cotidiano do natalense.

Mais ainda, para Lévy (1993, p. 127), os mídia atuais são “tecnologias da inteligência” que configuram um dos polos do espírito: “o informático-midiático”. Este inaugura o tempo real (pontual), induz ao uso da modelização operacional e permite cada vez mais a criação de hipertextos efetivos e efêmeros.

É possível falar, assim, de uma explosão generalizada de mundo-visões que foi possibilitada pelos Meios de Comunicação de Massa. Essa explosão de subjetividades abre espaço para as ressignificações singulares e acena com a possibilidade do caos. Neste, está a esperança de emancipação nas sociedades complexas da comunicação. Uma emancipação que se equilibra na oscilação entre pertencer e desenraizar-se. O ser não coincide necessariamente com o estável, mas tem a ver com o diálogo, a interpretação, com o simbólico. Este ser é “o ser no mundo”.

Dessa forma, fica evidente que ser é, de fato, comunicar-se. O que requer um discurso e, mesmo quando se considera, à maneira de Foucault, que os discursos relacionam-se entre si, requer também um veículo. Nesse ponto de vista, cabem todas as imagens que se referem à representação canônica, aquela que veicula massivamente imagens visuais/sonoras do cotidiano da cidade, as quais são consumidas pelo mesmo sujeito que vive esse cotidiano e que o refaz com suas próprias imagens e representações mentais comunicadas. A importância dessas imagens na construção cultural do quotidiano é exemplar na sociedade brasileira, que passou diretamente de uma cultura oral para uma cultura da imagem, sem ter passado necessariamente por uma etapa de cultura erudita.

Erudito: aquilo que tem instrução vasta e variada, aquilo que é vasta e variadamente instruído, instrumentalizado. Condicionado. Oposto de inculto, pouco e limitadamente instrumentalizado, livre.

A imagem é responsável pela mobilização de sentimentos, memórias e aspectos da experiência ao mesmo tempo singulares e coletivos. Nesse sentido, comporta múltiplas significações. Mesmo a mais acabada tentativa de homogeneização por parte dos Meios de Comunicação de Massa esbarra no fato de que cada receptor interfere singularmente na construção da mensagem. É virtualmente impossível uma recepção absolutamente uniforme, embora haja inequivocamente uma tendência à uniformidade.

Por causa dessa diversidade de receptores, por sua vez também um reflexo da riqueza do imaginário, há sempre um efeito residual imprevisível da ação dos Meios de Comunicação de Massa, não sistematizável, mas impossível de evitar. As características da Indústria Cultural, cujo produto é consumido psiquicamente, passam pela concentração técnica e

econômica e pela concentração burocrática. Só que isso não é rígido; ela deve sempre superar a contradição entre a padronização industrial necessária à sua existência como indústria e a originalidade do produto – ou diferenciação, inovação, o que fica mais bem dito – indispensável para estimular o consumo.

Se a sociedade tecnocrática imbecilizasse completamente os indivíduos, recrudesceria velozmente a sua própria entropia. Imbecis completos não podem ser receptores da informação, nem consumidores dos produtos que as indústrias necessitam escoar. Como a informação é processada simbólica e singularmente pelos receptores, o resultado é que as massas também podem ser vistas, e o são por muitos autores¹⁰, como uma força social que avalia, julga e age politicamente, mesmo quando erra segundo os padrões da cultura elitista vigente. Há, sempre, um saber atribuído ao leitor pelos veículos da comunicação de massa que serve de base a ressignificações nesses veículos. A recepção é construída discursivamente. Ela não é só uma abstração.

É certo que massa é uma homogeneização de indivíduos, que se indiferenciam no todo, sem que possam ser distinguidos por idade, sexo ou classe social. Na sociedade contemporânea, essa homogeneização se dá claramente pela veiculação de valores comuns via mass media e essa tendência é também cosmopolita, respondendo por algumas das mais marcantes características da sociedade contemporânea: as transformações, o fluxo constante da atualidade, a efemeridade do presente.

Mas a vida é uma via de escritura e expressão. A essência reluz sempre em aparência. O um, que é todos, é tudo e um. O eterno é nada.

A sociedade urbana cultua o movimento. Isso é legível nos espaços urbanos, que priorizam o passar, transitar. Sempre mais ruas, menos praças. O essencial, então, é aderir ao movimento, ao momentâneo. Há, em consequência, uma desgerontização e uma correspondente pedocratização. Há um enfraquecimento das imagens paterna e materna. Aparecem as grandes autoridades paternais-maternais (pátria, igrejas) e os modelos da cultura de massas. Os filmes têm heróis sem família. Os novos homens e mulheres são eternamente jovens, amantes eternos, vivendo o tempo

10 Cf. *Televisão: a vida pelo vídeo* (MARCONDES FILHO, 1988) e *Sujeito: o lado oculto do receptor* (SOUZA, 1995).

presente. O adulto hoje é juvenil. Até nas roupas. A dominância do tom juvenil na temática da cultura de massa também prepara, precocemente, a criança para o setor adulto. A erotização cada vez mais disseminada no todo da programação da televisão brasileira é um exemplo eloquente dessa prática.

Apesar disso, há toda uma mobilização emocional, que é necessária à inovação que sustenta a cultura de massas. Isso se dá através do imaginário, pois é por meio do estético que se estabelece o consumo. A linguagem das imagens não é sincrética, isto é, não reúne elementos de todas as culturas dos receptores, mas é uma linguagem universal, que fala diretamente à natureza antropológica dos homens e é o suporte que a cultura de massas utiliza para apelar diretamente às “disposições afetivas” do homem imaginário universal (MORIN, 1990, p. 160).

O público dos Meios de Comunicação de Massa é, então, esse homem médio, que não é outro senão o homem imaginário, o ser tomado em seu grau de humanidade comum, do *anthropos* universal, cuja linguagem é a audiovisual. Portanto, essa linguagem é fruto do imaginário, que tem fronteiras mais fluidas que as da vida prática por não se submeter às limitações decorrentes da realidade material. O público de massa, o público universal que a produção cultural cria é emergência, também, do tronco humano comum a esse público (MORIN, 1990, p. 46).

O consumo imaginário se dá pelo estético que, na sociedade contemporânea, está muito determinado por padrões criados industrialmente. A relação estética implica em transferências psíquicas (projeção, identificação), que constituem a relação humana ampla e fundamental, quase primária, com o mundo. Só que o consumidor dificilmente assimila algo que contraria seus processos próprios de projeção, identificação ou intelecção, o que é demonstrado pelas mudanças nas temáticas e na formatação dos discursos nos Meios de Comunicação de Massa. Isso traduz certa dialógica entre produção e consumo. Daí, a influência da publicidade não ser absoluta sobre esse público universal, o que as novas tendências de segmentação de públicos e mercados vêm igualmente demonstrar.

Abro a imagem em meu televisor e passo, página por página, as ondas eletromagnéticas de rádio que a antena inscreve nos canais três, cinco, oito, onze... Meus olhos captam os sinais luminosos como esponjas

brancas se encharcando de anil líquido. Meus ouvidos vibram como flâmulas. Minha atenção se desliga e eu existo.

Nos Meios de Comunicação de Massa, a realidade das coisas está em sua capacidade de substituir o real. A cultura de massas fornece onirismo misturado com a técnica: o imaginário invade o jornal, o rádio, a televisão; o filme se torna imageticamente, tecnicamente cada vez mais parecido com o real, embora este seja trabalhado de forma a não produzir identificação, mas projeção. Assim, todos os temas são tratados afetivamente. O melhor é o tão perfeito que parece real, e o real que é belo acaba adjetivado como tão perfeito que parece ser falso¹¹. Contudo, embora apareça como mais real que o real, o imaginário ainda é vivido como imaginário.

Com a cultura de massas, com a televisão, especialmente, muda a relação do homem com o espaço e o tempo. Há uma constante ubiquidade entre o aqui e o além, o distante. Não vejo meu vizinho, mas vejo o quarto e os hábitos mais íntimos de uma moça norte-americana¹². Porém, é precisamente nesse sentido que a cultura de massas coloca o homem em relação com o espaço-tempo do século, em direção à aventura humana. Ela é uma cultura evolutiva por natureza, muito mais do que as culturas por autoridade e por tradição. E é assim que a cultura de massas surge como “única cultura ao nível das realidades atuais” (MORIN, 1990, p. 162).

O apelo que as mídias fazem ao simbólico, ao imaginário, leva-os a transitar num reino em que as manipulações têm acesso restrito e apresentam resultado incerto. A amplidão de “leituras” que uma mesma imagem possibilita para uma mesma pessoa é o que configura a polissemia das imagens. Por isso, os esforços para “domesticar” o imaginário em parte dão certo, e em parte, naufragam, soçobram. A criatividade é fundamental para a obtenção da autonomia moral porque a imaginação é a condição da escolha, da decisão. Sem ela, é apenas possível seguir a regra, obedecer.

O imaginário é o cerne da autonomia e da recuperação da dimensão humana porque a imagem é religante (por contágio emocional e

11 Real e simulacro nos Meios de Comunicação de Massa são interessantemente discutidos em *O cinema espetáculo* (GEADA, 1987).

12 *Jennycam*, home page na Internet/1998.

por recurso a múltiplos simbolismos) e são constantes os retornos regulares da cultura às ideias imaginárias. O sonho, terreno do imaginário, é indissociável do pensamento e do questionamento dos poderes. Sonhar é essencial para todos os animais, embora somente os homens sonhem acordados. E esse é o sonho só existe porque há uma parte dele mesmo que nunca se convence.

Cidades, pessoas

Cada uma das cidades que um viajante conhece pode deixar-lhe impressões distintas no espírito, de tal modo que se pode pensar que cada viajante tem reconstruído/organizado uma matriz caleidoscópica que recicla fragmentos de muitas cidades, ao mesmo tempo universais e singulares em si mesmas. Essas cidades, juntas, produzem uma cidade possível, mestiça, totalizadora dos fragmentos e singularidades reais.

A cidade vista assim constitui uma justaposição de passado e de futuro, está constantemente se construindo, destruindo e reconstruindo e, pela remodelação do espaço, remodela também o tempo. A cidade é o palco “onde simultaneamente podem ser colhidos todos os tipos de diferenciações locais e de uma emergente uniformidade planetária” (CANEVACCI, 1993, p. 91).

Tal movimento parece ser o que caracteriza a própria dialogia entre o ser e o estar. O que cada um é muda continuamente porque se constitui a partir de reorganizações internas sucessivas. Ao mesmo tempo, tem uma permanência que só se explica a partir de uma matriz idealizada que cada um tem de si mesmo. Uma matriz cuja fonte está tanto dentro como fora de si próprio, e que depende e independe, simultaneamente, de onde, com o quê e com quem esse ser está.

Tenho um nome. Tenho um perfil. Envelheço permanecendo o que sou, desloco-me sem nunca deixar de ser assim. No entanto, quem me viu adorar, não me reconhecerá, sem aviso, nos contornos do corpo e nos relevos da mente desenhados com o cinzel do tempo. Como a crisálida que se transmuta de larva em borboleta, sou a mesma exatamente porque sou outra.

Assim é que, como ocorre com o ser, cada paisagem urbana tem conformações específicas. O povo tem um tipo físico predominante (mesmo que isso signifique até a falta de predominância de um tipo físico). A cultura, a soma das manifestações culturais como unidades discursivas, tem produtos próprios, até certo ponto diferenciados. As cidades mudam, mas são identificáveis em suas singularidades, embora sejam cidades exatamente pelo que têm em comum com outros aglomerados urbanos.

Muito frequentemente, o conjunto dessas características peculiares é motivo de orgulho para os habitantes de cada local. Às vezes, chega a ser também base de xenofobias. O novo, o estrangeiro, penetra com dificuldades. Em outros casos, porém, as culturas locais se apresentam permeáveis, pouco distintas até para os seus próprios habitantes.

“Isso é Natal, ninguém se dá muito mal, como dizem pessoas quase sem se sentir”, diz a música¹³. Capital do Rio Grande do Norte, no nordeste do Brasil, é uma cidade litorânea turística de porte médio, 800 mil habitantes estimados¹⁴. Nos panfletos da “indústria do turismo” e até em livros de autores locais consagrados, é vendida acriticamente como sendo uma cidade hospitaleira, cuja população recebe visitantes com os braços abertos. O artesanato local, nesses panfletos, não se diferencia dos demais produzidos em outros estados do nordeste. O folclore também parece guardar grandes semelhanças com o do restante da região. E os modismos não demonstram encontrar maiores resistências das tradições culturais locais para se difundirem¹⁵.

Assim, Natal aparenta conter um “caldo de cultura” em reciclagem permanente. Demonstra estar aberta ao universal e parece desterritorializada exatamente por não apresentar uma identidade cultural fechada. Tais características podem refletir um desapego dos natalenses em relação a valores locais.

13 *Linda Baby*, da autoria do cantor/compositor potiguar Pedrinho Mendes. Gravada em 1986 para o disco “Esquina do continente” e composta em 1981 em Natal, tem letra e música publicizada no site Cifras <<http://www.cifras.com.br/cifra/pedrinho-mendes/linda-baby>> e parte da sua história contada no blog do jornalista Alex Gurgel, no link <<http://grandeporto.blogspot.com.br/2008/01/verdadeira-histria-de-linda-baby.html>>. Acesso em: 1 out. 2012.

14 IBGE, censo de 1991.

15 Cf. Onofre Jr. (1984, p. 3).



A Associação dos Ex-Combatentes, na Av. Rio Branco, em Natal, definha suas memórias.

“É tão rica a nossa realidade cultural como qualquer outra; o que falta é a gente se voltar para ela”, afirma o dramaturgo Racine Santos, que vê pouco interesse dos natalenses em valorizar a sua própria cultura¹⁶. É realmente difícil apontar a expressão artística mais permanente e característica da cidade, o produto cultural contemporâneo de maior “originalidade” ou as grandes manifestações indicativas do orgulho do natalense em favor de suas raízes. Há, na cidade, uma imagem de abertura ao novo, ao estrangeiro, que parece extrapolar o fato disso ser característico de grupos sociais litorâneos.

O jornalista e professor Woden Madruga considera que esse espírito de abertura é muito antigo em Natal: “nós tivemos o voto feminino, o primeiro na América Latina. Isso é um fato importante. A primeira prefeita, a primeira vereadora, as primeiras campanhas. As próprias praias dão isso. O mar dá essa indagação ao espírito do homem”¹⁷.

16 Entrevista realizada no dia 8/7/1997, em Natal.

17 Presidente da Fundação José Augusto, órgão executor da política do Governo do Estado do Rio Grande do Norte para a área artístico-cultural (período 1995-1998) em entrevista realizada no dia 30/7/1997, em Natal.

No entanto, os ícones de ruptura produzem mudanças sensíveis, embora de intensidades variáveis, no percurso cultural para toda e qualquer cidade. A presença norte-americana durante a Segunda Grande Guerra, em Natal, se configura num “desvio” que pode ser localizado historicamente e que tem forte significado.



O calendário da Associação dos Ex-Combatentes não atualiza a história.

Esse indicador talvez seja uma afirmação da singularidade de Natal em relação a outras cidades, embora não seja possível descortinar a não ser as *caras* de Natal, como decorrência de uma leitura do mundo

“em bases dialógicas, relacionais, universais, sejam essas bases holísticas ou iluminadas pelo paradigma da complexidade” (MOURA, 1994, p. 5).



Os bares fazem homenagens despercebidas.

Olhar Natal no presente é, então, mergulhar no tempo e transgredir os espaços.

Como numa tecelagem que prolonga a matéria viva da história dos homens, a cidade vive e representa uma compressão temporal, acrescida de outra espacial. A cidade comporta, no seu tecido, imagens de muitas épocas e de muitos lugares. Isso tem importância fundamental na estruturação do próprio pensamento abstrato. A vida na grande cidade, que obriga a uma estreita convivência física nos espaços públicos, seria insuportável sem um distanciamento psicológico que garantisse um mínimo e especial tipo de privacidade. O excesso de vizinhança espacial e temporal é uniformizado pela comunicação urbana, o que é premissa básica para a difusão do pensamento abstrato (CANEVACCI, 1993, p. 91).

Qualquer cidade cria uma imagem identitária que lhe permite recriar sua singularidade e rejuntar o que distingue pessoas e espaços, ao passo em que reproduz, em suas próprias proporções, os movimentos e fluxos das outras cidades. É possível, então, encontrar a mesma necessidade

de convivência próxima e de criação de distanciamento psicológico dos grandes centros urbanos gestada em cidades de porte médio, como é o caso de Natal.

O que o excesso de proximidade física dificulta e a comunicação urbana facilita em termos de pensamento abstrato refere-se à ausência do objeto. Com a ausência, o pensamento separa, considera isoladamente o que antes estava unido, cria uma imagem que substitui o objeto. Claude Lévi-Strauss (1976, p. 39) menciona que os perceptos são indissociáveis da situação concreta em que aparecem. Já o pensamento abstrato estabelece pontes entre a coisa e a representação mental que dela se faz, como ocorre no mito do duplo descrito por Edgar Morin, onde a presença e a ausência coexistem (MORIN, s/d, p. 99).

Maria Rita Kehl (1995, p. 66-67) vê a ausência do objeto como fundamental para a estruturação do pensamento abstrato. Só que, para ela, a televisão seria prejudicial a essa estruturação dentro do processo de desenvolvimento mental da criança porque é o eterno presente, pura imagem sem substância, referente sem referencial. Uma proposição dessa natureza implica em conjeturar como ficam as crianças das cidades, expostas à televisão, aos videogames. Perderiam a capacidade de abstrair? Não é o que parece ter acontecido até agora. Talvez, porque o pensamento recorra a outras vias que permitem a abstração não conceitual, como faz o pensamento mítico estudado por Lévi-Strauss.

São as palavras, que eu disponho, mais do que parecem ser. Elas caem no lugar das lágrimas e soam descontínuas como o tilintar do riso. Escondem tudo o que dizem e revelam mais do que poderiam pretender. Assim, sua presença-ausência é também imago. E sua simbologia restrita se universaliza em mágica...

Embora impere, nas cidades, a cultura das imagens através da publicidade, da orientação iconográfica disseminada,

as potencialidades da comunicação de uma cidade não se exaurem na visibilidade completa de suas manifestações monumentais e viárias, nem na sensibilidade psicológica que ativam ou refinam [...] mas se estendem também às pressões imateriais que determinam o contexto comunicativo (CANEVACCI, 1993, p. 78).

Pressões imateriais são o cabedal cognitivo e afetivo de quem vive numa cidade, e também a ambiência determinante criada pelas múltiplas paisagens e mensagens urbanas, o cadinho cultural que forma a vida urbana. Se essas pressões criam e recriam as percepções, as ações e reações do sujeito que as molda, estando a elas submetido, se expressam também através dessa mesma comunicação.

Assim é que estudar o imaginário é estudar, inevitavelmente, as diversas representações que os homens fazem de si e do mundo em que vivem. É estudar, também, a própria cidade em sua textualidade simbólica, imagética, sensitiva.

Embora a realidade tenha uma existência independente da percepção que se tem dela, apresenta uma “brecha” onde o seu existir oscila entre o concebível e o inconcebível. É apenas por meio de mediações como a das representações e das imagens que essa realidade pode ser acessada, compreendida, explicada, vivida.

Nesse sentido, imagens e representações são, em parte, traduções mentais de uma realidade exterior percebida e recriada por quem percebe, e se referem ao indivíduo e à coletividade, tendo sempre em vista que o todo é mais que a soma das partes e de que a parte também contém o todo.

De modo amplo, as representações assomam da experiência comum e da necessidade dos homens de re(a)presentar os objetos que os cercam. Elas podem ser entendidas como um produto mental, que permite aos seres humanos apreender o mundo de uma maneira particular, ainda que cifrada socialmente, configurando símbolos de inteligibilidade pública. Esse conceito de representação rompe com a separação entre o individual e o coletivo, entre o sujeito e o objeto.

Como utilizada por Foucault (1987, p. 61-231), a representação é sempre social e normativa. Sendo histórica, determinadas temporal e espacialmente, ela se refere, mais especificamente, aos efeitos que se sobrepõem ao nível dos indivíduos que compõem a coletividade e que refletem a própria vida e a consciência coletivas. A representação existe por si mesma. É a síntese criadora onde o todo se sobrepõe às partes e onde estas, recursivamente, também se superpõem ao todo.

Jacques Le Goff (1994, p. 14), por seu turno, faz ressaltar a diferença entre os planos da representação, do imaginário e do simbólico. Todos são exercícios de abstração, mas o simbólico pressupõe a remessa a um sistema de valores correspondente, e está ligado à significação. Já o imaginário ultrapassa a representação por ser criador. Como no caso da fantasia, por exemplo.

O imaginário condensa, no reduzido espaço de um crânio humano, o brilho inimutável de incontáveis sóis e a matéria escura de todo o espaço interestelar.

Numa variação sobre o mesmo tema, Gilbert Durand (1989, p. 23-24) acredita que simbolizações, representações e imaginário estão na raiz de qualquer pensamento. O plano locutório, próprio do simbólico, é o plano primitivo de expressão na criança; é da dimensão afetivo-representativa e precede o plano delocutório, da percepção das coisas. O imaginário aparece, nesse contexto, como o conjunto das imagens e das relações de imagens que constituem o capital pensado do homem.

Para além das classificações das formas intelectuais de apreensão do real, a síntese apresentada por Le Goff em seu trabalho de sondagem histórica a partir do imaginário oferece as mais amplas possibilidades de trabalho. Para ele, não há pensamento sem imagem. A vida dos homens e das sociedades está tão ligada às imagens como à realidade mais palpável. E mais: “o imaginário alimenta o homem e fá-lo agir. É um fenômeno coletivo, social e histórico” (1994, p. 16). Com o que concorda Georges Balandier (1997, p. 232), para quem o imaginário – feito de todas as imagens que cada um cria com a apreensão de si mesmo, de seu ambiente e de sua relação com o outro a partir do capital cultural recebido – é o oxigênio sem o qual as vidas pessoal e coletiva seriam arruinadas.

Quantas vezes surpreendo a mim própria por saber de coisas sobre as quais eu não suspeitava saber? São muitos os episódios da minha vida em que pareci ter criado, do nada, um conto, um gesto ou uma solução. Nada se cria, mas a matéria se transforma. A nova forma, em verdade, não surge do nada. É resultado de uma *bricolage*¹⁸, uma reorganização. Nem por isso a forma deixa de ser nova.

18 Cf. o pensamento *bricoleur* em Lévi-Strauss, 1976.

A reflexão que permite desenhar *personas* a partir do esboço das identidades alça voo com o apoio dessa base de imaginário. A identidade é, também, um sistema de referências simbólico. Construir uma identidade, se identificar é o processo que vai dar condições ao crescimento do psiquismo. Esse processo aparece como uma atividade anterior mesmo ao pensar, porque está relacionada, para a criança, à própria separação da mãe enquanto um ser distinto dela mesma. Do ponto de vista psicanalítico, é a separação/individuação que permite o amadurecimento psicossocial. Em termos lacanianos, todo o processo está vinculado à percepção da própria imagem, referenciada como a consciência de si que a criança adquire vendo o seu próprio reflexo no espelho.

Para além dessa perspectiva, a identificação pode ser vista como reconhecimento. Conforme Tzvetan Todorov (1996, p. 67/81) bem coloca, é a partir do olhar do outro, da percepção do outro que o sujeito constitui uma imagem de si mesmo enquanto tal. O olhar, como veículo do reconhecimento, é buscado desde o princípio e atinge todos os estágios e esferas da existência humana. A criança quer ser vista, não apenas ver. Na mesma direção, Dietmar Kamper aduz que “o acontecimento (*Ereignis*), ou o simplesmente avistado (*Eräugnis*), só pode ter lugar como a silhueta do olhar que lhe é dirigido de fora” (1997, p. 133).

Há uma relação dinâmica entre o *eu* e o *outro* dentro da concepção do olhar do *outro* como condição do reconhecimento do ser humano enquanto ser social. Além das pulsões da autoconservação, (dirigida ao *eu*), e da sexual (dirigida ao *outro*), há outras. O homem partilha, com toda a matéria, a pulsão de ser; com todos os seres vivos, a pulsão de viver; e somente com os outros homens, a pulsão de existir. O viver é a própria vida biológica. Já existir é nascer para a existência (socialmente). É ser reconhecido como igual, e esse nascimento ocorre tanto para os animais como para os homens, embora de forma diferente para uns e outros.

Eu sou matéria inerte em minha permanência. Sou constante mutação para ser viva. Minha humanidade existe, não a despeito do mineral e do animal que me compõem, mas por causa e além deles.

O papel constitutivo do olhar, que conduz a ligação mental entre os sujeitos, é a possibilidade permanente de ser visto pelo outro. A vida

social nada mais é que uma rede de reconhecimentos. Ser desconectado dessa rede é ser relegado à solidão psíquica. Os pobres e os velhos estão à margem dela e, por isso, não são sequer notados pelos seus concidadãos.

O reconhecimento visto por essa ótica tem um papel psíquico estrutural e se dá no nível não apenas da mera racionalidade, mas também no da emoção. O reconhecimento de que os homens tanto necessitam para existir é simbólico, uma vez que os seres vivos obviamente vivem e são parte do universo. Reconhecer o outro é, portanto, reconhecer-lhe a existência simbólica. Nessa perspectiva, a linguagem, por si só social e estruturada a partir de símbolos, marca definitivamente a entrada da criança e do próprio homem, numa acepção antropológica, na existência.

A minha identidade me circunscreve e cifra: mulher humana, mestiça, brasileira, balzaquiana, viva, mas não só isso; também habitante da terra, um ser simultaneamente sábio e louco, concreto e pleno de imaginário.

Essa circunscrição é um pertencimento a certa classe ou a uma classe de fatos que o processo de identificação ainda envolve. Ou seja: uma classificação. Connerton alerta para que “dar nome a uma coisa é vê-la como representativa de uma categoria” (1993, p. 33). Para o mundo social, identidade é sinônimo de constância, previsibilidade ou inteligibilidade. Isso é normalidade. Para obtê-la, esse mundo dispõe de instituições normalizadoras e de unificação, como é o caso do nome próprio.

O nome institui uma unidade social constante e durável, garantindo uma identificação em qualquer campo em que o nominado atue como agente. O nome próprio seria uma identidade do ser consigo mesmo e, em vista disso, não pode variar. Para a sociedade fundada na classificação e na ordem, ele deve ser um denominador rígido.

Em verdade, o nome não pode efetivamente descrever aquilo que nomeia (que é mutável) e somente como uma formidável abstração é que ele pode atestar uma identidade socialmente constituída. O *eu*, num sentido psicológico e moral, é a consciência da individualidade, daquilo que alguém já foi ou é. Sendo produto de sensações e de memórias, constitui uma referência permanente e imutável num fluxo de acidentes simultâneos e sucessivos que constituem o real. Pode ser visto, portanto,

como efeito de uma unificação temporal entre passado, presente e futuro. Num sentido lógico e crítico, o *eu* é o sujeito pensante.

Então, se o *eu* é quem exprime a consciência individual, o identificar-se como ser singular, o nome não é mais do que uma simbolização dessa consciência individual, que não muda radicalmente a não ser em caso de patologias. O reconhecimento afetivo pelo olhar, ao inaugurar a existência social, é que realiza a função verdadeiramente constitutiva do ser, para o qual o nome é antes um designador epidermicamente agregado.

O que não tem nome existe no contexto do mundo físico, mas não no dos homens. Por isso, foge ao controle.

O ser que existe é, em última instância, o sujeito. Metafisicamente, esse é definido pela representação (*cogito*), pela vontade (intenção) e pela vontade de vontade. No sentido aristotélico, a concepção de sujeito real coincide com a de sujeito metafísico, ou seja, é o ser individual que produz os atos ou em que residem as qualidades que se afirmam dele. Para a psicologia, o *sujeito do conhecimento* é o ser que conhece, considerado não nas suas particularidades individuais, mas enquanto condição necessária à unidade de elementos representativos diversos.

O olhar, que reconhece, também singulariza. Ao mesmo tempo, imerge o ser reconhecido na diluição do social. Ao distinguir, nesse social, a dimensão da “determinidade”, mas também a da “indeterminidade”, a sociedade histórica apresenta-se como igualmente formada pela ordem da ação e pela da representação, que está para além da determinação. A história seria inconcebível fora da imaginação produtiva criadora. O sujeito histórico é produto e produtor da sociedade; o social está constantemente se construindo (CASTORIADIS, 1992, p. 59). Assim, o indivíduo é também a socialização da *psique*, determinada historicamente.

Na sociedade contemporânea, surge uma “subjetividade de massa” (MAFFESOLI, 1995, p. 33), igualmente causa e efeito do mundo imaginal das significações. Tal subjetividade está disseminada em todas as esferas sociais.

“As ideias, crenças, símbolos e mitos são não só potências e valores cognitivos, mas também forças de ligação/coesão sociais” (MORIN, 1992, p. 18), mas há um imaginário que, tomado a partir das diversas

subjetividades, é instituído e instituinte, estruturando a sociedade nas e pelas dimensões da imagem, da representação, do afeto e da intenção. O mesmo sujeito que fica indeciso entre a indiferença das massas e a individualista, age.

Ao pesquisar os fenômenos massivos, Sigmund Freud (1974, p. 14) argumenta que cada indivíduo faz parte de várias massas, às quais acha-se ligado, por identificação, nos mais diversos sentidos. O comportamento do indivíduo na massa não surge exclusivamente do fator numérico, tendo influência marcante dos imperativos do inconsciente. Sob essa ótica, o sujeito estaria sempre atuando, simultaneamente, como indivíduo e como grupo.

Como o poema sugere, a

Liberdade é uma palavra
que o sonho humano alimenta,
que não há ninguém que explique
e ninguém que não entenda.¹⁹

Assim, a liberdade como ação singular, a autonomia se põem como pressupostos da ação do sujeito. Como, porém, conceber a liberdade, ainda mais a moral, dissociada da cultura? Libertar-se é sempre um ato realizado em oposição a alguma coisa concreta ou simbólica. A liberdade ou a autonomia tanto podem ser individual como do grupo. Se o indivíduo não existe a não ser socialmente e se o social não pode ser instituído concretamente sem que o seja também na dimensão do imaginário, talvez aí, nessa dimensão, estejam algumas das respostas.

Para que haja a autonomia do sujeito, é imprescindível uma nova relação simbólica entre o meu discurso e o discurso do *outro*. É a partir do *eu* que se constitui dialogicamente o discurso do *outro*. Porém, o *eu* da autonomia não é um *si* absoluto, pois “eu não posso ser livre sozinho, nem em qualquer sociedade” (CASTORIADIS, 1992, p. 141). O *outro* sempre vai estar lá, mesmo na atividade que tenta eliminá-lo.

As constantes reorganizações dos conteúdos que devem acontecer no processo de autonomia do *eu* são o resultado de uma atividade que

19 Versos do poema *Romanceiro da Inconfidência* (1953), de Cecília Meirelles (1901-1964). Cf. nova edição nas Referências deste estudo.

nasce do social-histórico e se completa através da reflexão e deliberação. Desse modo, o sujeito sócio-histórico é capaz de produzir novas relações, novas significações, que resultam da articulação *psique/social*.

Constituído, de fato, pelo olhar, que reflete toda uma visão de mundo e uma construção interior da realidade circundante, o *eu*, isto é, o sujeito participa efetivamente da construção do social. Esse olhar é o que aparece representado nas imagens que o natalense absorve e devolve à cidade, ressignificadas.



Jovens na peça *Bye Bye Natal* personificam a compressão do tempo e tornam atuais imagens da década de 40 com suas performances fotografadas em 1996 e divulgadas aqui. Hoje.

O eclético leque de escolhas simultâneas da sociedade de consumo produz outro efeito alentador. Através da via do imaginário, o indivíduo tem a possibilidade de, permanentemente, “trocar de identidade” (pelo menos, virtualmente), como ocorre com a projeção/identificação que se dá entre espectador e protagonistas de filmes. Isso tem bases mais profundas, como faz ver Michel Serres:

Sou então, na realidade, todos aqueles que sou dentro e através dos relacionamentos sucessivos ou justapostos nos quais me vejo embarcado, produtores do eu, sujeito

adjetivado, sujeitado ao nós e livre de mim [...] o eu é um corpo mesclado: constelado, machado, zebrado, tigrado, ocelado, mourisco, ao qual a vida vai se ajustar (1993, p. 167).

O social é construído a partir da subjetivação. Ocorre, atualmente, uma saturação do princípio de identidade, com a emergência de identificações sucessivas. A identidade única é substituída pelas múltiplas sinceridades, múltiplas identificações; na relação com a alteridade, “o outro é aquele que toco e com o qual faço alguma coisa que toca a mim” (MAFFESOLI, 1995, p. 48). Todo o conjunto social é religado por vínculos que são também afetivos. Os nossos interesses, a nossa atenção só são mobilizados quando algo ou alguém, de alguma forma, nos emociona.

Lévi-Strauss aponta para o fato de que cada criança “traz, ao nascer, e sob a forma de estruturas mentais esboçadas, a integralidade dos meios de que a humanidade dispõe desde toda eternidade para definir suas relações com o mundo” (LÉVI-STRAUSS, 1992, p. 120-122). Isso responderia pela unidade psíquica da humanidade e pela expressão da diversidade cultural – das identidades culturais, que dão sentido a identidades autoconstruídas e expressas socialmente.

Para Conceição Almeida²⁰, identidades individuais, coletivas ou históricas são a expressão da unidade psíquica da humanidade e também da sua diversidade cultural. Assim, denominando-as de “identidades culturais”, ela as descreve como sendo “apenas configurações possíveis das matrizes universais da cultura humana”, estratégias da racionalização que operam como redutores do imaginário e das potencialidades biossocioantropológicas da espécie. As identidades fechadas/unitárias impossibilitam as trocas que fundam a cultura humana, empobrecendo a amplitude do imaginário. Daí, a contemporaneidade poder estar gestando um novo homem ao propiciar a desidentificação cultural, o despertencimento.

Há, pois, uma perspectiva criadora se a atribuição social de papéis estáveis, que pode satisfazer à necessidade de reconhecimento, não demandar obrigatoriamente uma identificação permanente. O ator não

20 MOURA, Maria da Conceição de. *Contra o relativismo: a revolta do logos selvagem* (Parte II). Comunicação apresentada no III Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994. (mimeo).

se confunde com seus papéis. Por isso, pode e deve trocá-los permanentemente, utilizando-se de personas intercambiáveis com os outros atores com os quais se relaciona (TODOROV, 1996, p. 125). Um dos poucos exemplos atuais dessa proposição é a possibilidade de troca dos papéis entre eleitor e eleito representada por uma votação política democrática, com todas as dificuldades e falhas que a realidade apresenta para que isso efetivamente aconteça.

**Instantâneos retocados, folhetins
inconclusos**

*O gostoso da história é que ela
está no limite da ficção – ela
não aconteceu assim.*
Carla Camurati

Estrangeiridade e memórias

A história é um conjunto de lembranças (CONNERTON, 1993, p. 7). Podem ser as lembranças de quem escreveu o texto. Ou as lembranças que ficaram impregnadas num pedaço de tecido, na pedra remoldada pelo vento, pela chuva, pelos seres.

As lembranças podem estar traduzidas numa linguagem comum ao entendimento de tantos. Mas as mesmas lembranças podem estar cifradas num fragmento que muito poucos conseguem perceber (CONNERTON, 1993, p. 22). Podem estar ainda em condição volátil e, num instante, se perderem numa outra dimensão do espaço-tempo sem se deixaram apreender por ninguém.

Uma época pode ser alcançada por quem já a viveu. Ou não ser alcançada nunca mesmo por esses. A memória tece tantos labirintos, tantas saídas e entradas falsas que todas acabam por tornar-se verdadeiras para quem as simula consciente ou inconscientemente. Alcança-se, então, outra época. Sem data.

O que é o passado, senão uma bruma inconsistente como só as brumas podem ser? No entanto, ele se incorpora ao presente com a solidez da terra. Ele se gruda aos atos e aos fatos com a fixidez de uma tatuagem. Nem a mais profunda lavagem consegue apagá-lo sem distorcer definitivamente a estrutura que o suporta. Pode, mesmo assim, ser invisível. Basta a mais tênue cobertura para que sua presença indelével se torne ausência insensível.

Passado é memória. Para que seja história, é preciso que também seja matéria.

Uma transfiguração assim não se processa sem perdas, sem os filtros e as molduras que fazem o ausente presente. E ela só se torna coletiva se e quando construída aos pequenos pedaços da vivência de cada um. Não há vivência sem o imponderável da percepção e da ressignificação

individual. Não há vida real sem a transrealidade do sonho, não há história sem o imaginário (LE GOFF, 1994, p. 17).

É mais real o passado encarnado, assim como a matéria é tanto mais orgânica quanto mais costurada pelas imagens que constituem o sonho, que voam livres em sua própria limitação. São essas imagens que fazem o ontem o mais perto possível do hoje. São elas que falam dos gostos, dos desejos, das esperanças, dos ódios que materializaram a vida em uma época determinável. Foram elas que moveram os atos, que constituíram os fatos, que moldaram as pedras e as deixaram ao tempo, para que terminasse o trabalho.



As porcelanas das *United Service Organizations* – USO – são do acervo de Paulo de Tarso Correia de Melo. Protásio de Melo recebeu a lanterna e os elefantes dos americanos.

Meu olhar constrói o que olha tanto quanto é construído nesse mesmo movimento. Quando eu busco as origens do comportamento que distingue e, simultaneamente, aproxima uma cidade da outra, poderia optar por enquadramentos sociológicos, psicológicos ou históricos, entre tantos. Em qualquer opção, busca-se chegar sempre a um início, uma circunstância deflagradora, que estabeleceu a confluência dos caminhos que a cidade seguiu. Só que esse início, essa origem, é apenas uma opção metodológica. A rigor, ela não existe em si.

É nesse sentido que Foucault critica a obsessão pelas origens na tentativa de construção de uma história global, linear e cronológica. A busca de um princípio único, de uma significação comum a todos os fenômenos de um período, deriva da concepção de que é possível estabelecer, entre esses fenômenos, uma relação linear de causalidade. Ao contrário, o que existe é o espaço de uma dispersão, o deslocamento do descontínuo (FOUCAULT, 1987, p. 10-12). A descoberta de um princípio gerador único é também descartada por Paul Connerton, quando este assinala que “todos os inícios contêm um elemento de recordação [...] o que é totalmente novo é inconcebível” (CONNERTON, 1993, p. 7).

Esse deslocamento do descontínuo, em que as causas se sobrepõem aos efeitos e vice-versa, é passível de percepção, mas com base num contrato – o mesmo contrato que constrói símbolos. É esse contrato que torna possível, a partir da ritmicidade, a atribuição de sentido ao tempo, visto aqui como um sistema simbólico complexo. Os símbolos, como construções sociais, tem maior longevidade que os homens, e oferecem as dimensões prospectiva (futuro) e retrospectiva (passado) do tempo. Desse modo, a articulação do presente aparece como uma tradução, que é a forma característica de percepção dos símbolos, e “o que se vive e percebe agora altera semioticamente a história passada e as expectativas futuras” (BAITELLO JR., 1997, p. 77-108).

O tempo é meu aliado. Posso, lançando luzes sobre o seu fluir organizador, localizar mais ou menos precisamente uma emoção, que aproximou intimamente pessoas estranhas umas às outras e gerou um terceiro princípio, uma nova e concomitantemente antiga forma de continuar.



Lucca Medeiros, nascido em 1990, em Natal, brinca no museu do CATRE com a metralhadora de 1940.

Na presente pesquisa, por exemplo, o fato histórico deflagrador da análise é a presença norte-americana em Natal no período de 1941/1946. Trata-se, contudo, de caminhar em direção de uma estrada por construir, de rejuntar imagens, palavras, sentidos, memórias. Assim, são as imagens que vão estruturar e encadear todas as etapas da pesquisa e da análise dos dados coletados.

A percepção do que há por trás das imagens e do contexto em que foram formadas embasa a reconstituição histórica mais profunda, como o demonstra Jacques Le Goff, ao exercitar a interpretação do real através da imagem compreendida enquanto ícone. Para ele, tudo o que está na vida dos homens e na sociedade está também na história: “estudar o imaginário de uma sociedade é ir ao fundo de sua consciência e da sua evolução histórica” (LE GOFF, 1994, p. 17). O passado, não se sujeitando a periodizações, embora possa apresentar fases referenciais, revela pelas imagens o quanto é o presente.



A igreja do CATRE ainda é a mesma dos americanos; a mobília da sacristia serviu para o escritório cenográfico do filme *For all*, realizado em 1996/1997.

Sontag e Deleuze concordam com essa perspectiva. Para Sontag, “quanto mais atrás buscamos na história, [...] menos evidente é a distinção entre imagem e realidade” (1981, p. 149). Deleuze descobre, na imagem, um tempo que é a coexistência de todos os níveis de duração; daí, que “[...] o imaginário não se ultrapassa em direção a um significante, mas em direção a uma apresentação do tempo puro” (1992, p. 85).

Contendo, em si, o tempo, Natal, como as cidades de Italo Calvino (1990, p. 23-31), permanece na memória. Isso, apesar de não apresentar nenhuma grande particularidade contemporânea, excetuando-se a beleza natural de suas dunas, como a própria literatura local atesta. É o olhar que a percorre que descobre sua singularidade e é a memória que repete os símbolos que a fazem existir. O passado remoto, que faz de Natal o que ela é, muda de acordo com o itinerário do olhar, de modo que a cidade é uma sucessão no tempo de cidades diferentes. Mas o futuro também perfaz esse movimento: todas as futuras Natais, como as Berenices de Calvino, “já estão presentes neste instante; contidas uma dentro da outra, apertadas, espremidas, inseparáveis” (1990, p. 147).

Reconstruir, pois, Natal utilizando esse mesmo viés é contemplar as cidades antigas que se mostram contemporaneamente nos vários bares repletos de inspiração tirada da Segunda Guerra, como Black Out ou Trampolim; ou no filme *For all – O Trampolim da Vitória*, rodado em cenografias bricoladas na própria paisagem urbana natalense; os ônibus intermunicipais Parnamirim Field e Trampolim da Vitória, ou ainda no outdoor, que anuncia show musical numa Rampa, que perdeu seu significado ao longo do tempo.

Durante algum tempo, essa mesma Rampa, que era uma base de hidroaviões durante a guerra, aparece como um símbolo da forte militarização da cidade encravado no quotidiano da população. A cidade, que tinha grande concentração populacional na Cidade Alta, Ribeira e Rocas, foi completamente transformada pelas bases americanas:

As bases americanas em Natal, tanto do Exército quanto da Marinha, tiveram um grande impacto na comunidade. Isso foi evidenciado pelo aumento dos preços, crescimento da população, influência na língua e casamentos entre americanos e brasileiras (SMITH JR., 1992, p. 201).

Hoje, algumas das asas aeronáuticas que ainda enfeitam os muros da Rampa apenas permanecem em meio a tapumes de uma mal-arranjada estrutura de *shows*, evidência de fotos e reportagens²¹, que não recuperam a importância da sua inserção antiga, mas atualizam a sua presença.

21 *Tribuna do Norte*, Caderno Viver, p. 1, 16/9/1997.



Do rio Potengi, a antiga base de hidroaviões Rampa parece funcional, mas o muro esconde o local precário de shows, em 1997, que o *outdoor* e a *Tribuna do Norte* (16/09/1997) divulgam. O adolescente potiguar é José Bruce Lee, engraxate, 16 anos.

Os jornais de alcance massivo, em sua função de sincronizar a sociedade, recriam a força dos acontecimentos. Três circulavam à época: *A República*, *A Ordem* e *O Diário de Natal* (SMITH JR., 1992, p. 28). De todos, o *Diário de Natal* é o que expõe mais dados sobre o conjunto das relações entre militares norte-americanos, personalidades de renome nacional e internacional e população natalense, com as transformações que decorriam disso. A transcrição de trechos de reportagens de 1944 é eloquente por si só:

O PROGRESSO DE NATAL

Antonio Viana

[...] Natal, quando antes da guerra mantinha os produtos que vinha exteriormente de outros estados. [...] Por outro lado, Natal se acha em grande desenvolvimento com o movimento de americanos que ora se acham em Natal e os milhares de cruzeiros dispreendidos por eles, a nossa cidade está se transformando dia a dia. Antes da guerra a Prefeitura Municipal desse Estado marcava em seus arquivos a média de quatro casas por mês, hoje podemos verificar que somente quatro estão sendo construídos por dia.²²

BUDDY E FONTOMAS, SABADO, NO TEATRO CARLOS GOMES

O movimento artístico de Natal, após o advento da guerra que lhe trouxe um rápido progresso, para compensar a bravura que nosso povo enfrentou as ameaças nazistas, é de tal modo animador que não tem faltado o entusiasmo do governo e dos particulares para promover a vinda a nossa cidade do que ha de melhor no nosso país no cenário do rádio e do teatro. Artistas de renome nacional e internacional, brasileiros e estrangeiros, tem atuado nesta cidade

22 *Diário de Natal*, nº 799, p. 6, 9/8/1944. Textos *ipsis litteris*.

numa sequencia admiravel, já diretamente para o publico, como sobretudo, para nossas forças armadas e os da Nações Unidas aqui aquarteladas.²³

RIO GRANDE DO NORTE, SUA ECONOMIA, SEU GOVERNO E SEU PÔVO

- FALA A ESTA FÔLHA O JORNALISTA DJALMA MARANHÃO

- TRAMPOLIM DA VITÓRIA E SHANGAI

Natal rapidamente se transformou no trampolim da vitória, recebendo com vivas demonstrações de entusiasmo a cooperação dos norte-americanos, que em tempo Record construiram a Base de Parnamirim, apontada como uma das maiores e mais poderosas do mundo. Natal devido á sua situação geografica privilegiada, verdadeiro entrepôsto aéreo, chegou a dar uma impressão de cidade internacional, uma verdadeira Shangai, com homens e mulheres de todas as raças, enchendo as ruas e os hoteis com seus trajes bizarros, com suas línguas arrevezadas, sendo facilmente identificados como oriundos dos quatro continentes.

Uma causa que é oportuno frizar, é a nova mentalidade que está arreijando Natal, devido principalmente ao contacto social com a civilização americana, por intermedio dos milhares de soldados, marujos e homens de negócio dos Estados Unidos que presentemente vivem em Natal. Ha um verdadeiro e salutar intercambio, que certamente tomará proporções imprevísiveis, unindo ainda mais no dia de amanhã Brasil e Estados Unidos, “leaders” incontestes do continente americano.²⁴

NATAL, ENCRUZILHADA DOS DESTINOS - O INTENSO MOVIMENTO DE FORAS- TEIROS NO “GRANDE HOTEL”

23 *Idem*, n. 845, p. sem numeração, 4/10/1944.

24 *Idem*, nº 909, p. 2, 23/12/1944.

– A SEGUNDA FRENTE AO INVERSO – AFRICANOS, CHINESES, TURCOS, ARABES E PERSAS: O MUNDO CONDENSADO NO HALL DE UM DOS HOTÉIS MAIS CONHECIDOS DO GLOBO

É uma verdade já muito repetida e ninguém contesta:

– Natal arrancou de Shangai o bastão de cidade cosmopolita. Representantes de todos os países, gente de todas as raças, crentes de todas as religiões, altas patentes de todos os exércitos, ministros, heróis, aventureiros, já passaram por Natal, encruzilhados de milhões de destinos. As ruas da cidade, em certos dias, se enfeitam de tipos exóticos, de exquisitas indumentárias, de perfis latinos, anglo-saxonio, slavos, semitas, negros e amarelos.

Por vezes, a originalidade de algumas figuras, chama a atenção do povo e os curiosos dão palpites:

– Ali vão alguns rapazes da RAF, habituados ao jogo da morte; Além, passeia nas suas figuras austéras, oficiais da França combatente; Acolá, 3 negros serenos de fisionomia respeitável sugerem a alguém a seguinte pergunta: – serão ministros do Imperador Selassié, o monarca da Abssínia libertada?

E assim, como um movietone, o mundo desfila em Natal. O centro de atração é o ‘Grande Hotel’ onde se reunem sem destino conhecido, por algumas horas ou por muitos dias, homens do deserto, do gêlo ou das planícies, filhos dos lugares mais longínquos, pessoas que jamais sonharam vir para Natal e que nos visitam graças às contingências da guerra.

[...].

E, depois da guerra? A pergunta que se insinua em nosso pensamento é logo essa: – E depois da guerra? Ora, depois da guerra o mundo voltará a passar em Natal, porque de agora em diante, o seu pôsto de trampolim da América não será arrancado. Vai custar muito arrumar sobre a face da terra, esses milhões de refugiados, dispersos, prisioneiros, exilados políticos, famílias que voltam às suas terras invadidas

pelos nazistas, polonês, dinamarqueses, franceses, iugoslavos, tchecoslovaquios, gregos, rumenos, judeus, regressarão ás suas patrias, felizes pelo ar da liberdade que respiram. E Natal, ainda uma vez, será a sua escala, sorrirá aos forasteiros com seu aspecto de cidade jovem, acolhedora e democrática.²⁵

A análise contida no artigo anterior é comprovada por inúmeras reportagens que se sucedem entre 1942 a 1946. Porém, no jornal *A República*, como imprensa “oficial” vinculada à Interventoria no Estado, esse fervilhar de estrangeiros, autoridades e artistas durante a guerra praticamente passa sem registro. As referências à presença dos norte-americanos residindo em Natal praticamente não existiam. As notícias eram predominantemente internacionais, embora houvesse informes como o que narra a visita do ministro da aeronáutica, Salgado Filho, à cidade²⁶. Hoje, esse personagem histórico dá nome ao trecho natalense da rodovia BR-101, antes, simplesmente, a pista que ligava Natal à Base de Parnamirim. No jornal, no entanto, o indício mais forte da presença americana eram as notícias sobre o *blackout*²⁷. A cidade às escuras, à noite, assustava e abria portas para muitos sonhos...

A figura do americano, do estrangeiro, portador de outra cultura, foi um aspecto escassamente explorado e, quando o era, o enfoque era sempre de uma perfeita harmonia entre brasileiros e americanos. Havia textos denotativos da crescente importância do idioma inglês na sociedade local²⁸, mas onde havia mais informações e análises sobre as transformações de ordem cultural era na coluna social de Danilo, “Na sociedade e no lar”²⁹.

Até 1944, havia bem poucas propagandas no jornal, essencialmente de produtos como o “vinho creosotado”, anunciado como bom para a saúde, além de serviços locais. A partir do segundo semestre de

25 *Idem*, nº 762, p. sem numeração, 24/6/1944.

26 *A República*, p. 1, 19/1/43.

27 *Idem*, edições de 2/6, 8/10 e 26/11/1942.

28 *Idem*, edições de 1/1 e de 1/3/1944; de 5/5, 26/5 e de 14/9/1945.

29 *Idem*, edições de 9/10/1942, 25/12/1942, 1/1/1944 e 6/10/46.

1944, as propagandas passam a ocupar muito mais espaço das páginas e aparecem produtos como o “whisky Schlenley” e a revista Seleções do *Reader's Digest*³⁰, anunciantes constantes.

A REPÚBLICA

ÓRGÃO OFICIAL DO ESTADO — EDITADO PELO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E DE ESPAÇO PÚBLICO — RIO GRANDE DO NORTE — Natal — Sábado, 20 de Janeiro de 1947 — N.º 296

Conferenciam em Natal os presidentes Vargas e Roosevelt

ATRIBUE-SE UMA IMPORTANCIA EXTRAORDINARIA AO ENCONTRO DOS DOIS GRANDES "LEADERS" DA AMÉRICA

FRANKLIN ROOSEVELT



NATAL deve a breve a Vargas, ainda fará participação da sua conferência, mais de um dia, os dois encontros que ocorrerão no Rio Grande. Getúlio Vargas, presidente do Brasil, e Franklin Roosevelt, presidente dos Estados Unidos, fazem seu encontro, nessa cidade, no dia 20. Ambos vieram a essa capital americana para discutir assuntos comuns à América Latina, e sobre questões diplomáticas brasileiras e norte-americanas. As conversações de importância internacional, entre países amigos, têm sido, até agora, nadia tímida, como é o caso da reunião continental entre o próprio Roosevelt e o presidente que se acham empêçados, no Brasil e os Estados Unidos. A data desse encontro é sempre maravilhosa, já estando maravilhada. A nota do presidente Roosevelt para a imprensa americana

AMEAÇA SUBMARINA

RIO, 29 (Agencia Nacional de URGENTE) — Os presidentes dos Estados Unidos e do Brasil se encontraram hoje em Natal, após quinze dias de tensões. Os primeiros a chegar, passaram revista a inspetores armados e, logo depois, foram ao cinema. À tarde trocaram ideias sobre os problemas da guerra e ameaça submersa, e, em particular sobre o esforço bilateral conjunto do Brasil e dos EUA para combater a existência da ameaça submarina no Caribe e no Atlântico Sul. O presidente Roosevelt, que saiu de Ceará, onde os esforços do Brasil se sentiram nos portos.

ELIMINA A POSSIBILIDADE DE UMA AMEAÇA NAZISTA

O presidente Roosevelt fez um relato de seu colégio-militar e determinou que a sua vindoura missão

francisco, tanto a de visitar Vargas, fato raro, fizeram em inglês com o presidente.

A conferência manterá os grandes "leaders" da América Latina em contato constante com o resto do mundo, e não só com os Estados Unidos, mas com os países vizinhos, como o Uruguai, Argentina, Chile, Paraguai, e no estrangeiro como a Europa, África e Japão.

As conversações que os dois presidentes mantiveram hoje, foram de grande alcance, além daqueles assuntos militares alinhamento entre os Estados Unidos e o Brasil, gal. Gustavo Vargas ainda esclareceu que, atualmente, não há mais a necessidade de retomada da guerra em todos os continentes, e que o Brasil, de acordo com o presidente Roosevelt, deve acelerar o esforço de defesa continental, que ajuda os Estados Unidos a vencer o nazismo. As conversações incluíram discussões sobre o Brasil, a diplomacia, a ligação da América.

REGRESSOU AO RIO O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

BRASIL, 29 (Agencia Nacional de URGENTE) — Os presidentes Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt, após a sua conferência, deixaram o Rio de Janeiro em direção aos Estados Unidos, com o presidente Roosevelt, memorável encontro.

Em companhia do chefe do governo viajaram o Encarregado e o conselheiro fazendário, quando o avião aterrissou no aeroporto às 16.15.

"A CONFÉRENCE DO RIO POTIGUAR"

Notícias de Natal relatam que o presidente Vargas dirigiu-se ao aeroporto, quando o avião despegou em seguida na desembocadura, hebe de um navio que pertenceu, no qual permaneceu de noite, o presidente americano, mas que partiu para a África, seguindo imediatamente ao encontro de Roosevelt, que chegou ao Brasil de avião, e diretamente ao aeroporto, sem fazer escala.

O dia de hoje, é o dia de homenagens ao presidente Roosevelt, que celebra seu aniversário de 65 anos. Ele é, sem dúvida, o homem mais respeitado da América, e considerado por todos os países amigos, como uma figura de admiração, de simplicidade e respeito, ao qual a polícia norte-

transcurso do aniversário instalado no aeroporto de Belo Horizonte.

O presidente Franklin Roosevelt é, desde sempre, um dos deputados nacionais de maior destaque, e é respeitado por todos os países amigos. Ele é, sem dúvida, o homem mais respeitado da América, e considerado por todos os países amigos, como uma figura de admiração, de simplicidade e respeito, ao qual a polícia norte-

A conferência dos presidentes em Natal foi notícia em *A República*, em 1943.

Folhear esses jornais antigos, esses papéis amarelados pela luz de tantos sóis que se levantaram durante décadas, ou ainda decifrar a imagem fantasmagórica de um microfilme, são uma experiência estranha. O registro do tempo se altera. O corpo pode estar sobre o vinil da cadeira, envolto em tecidos sintéticos de ultimíssima geração, mas a mente viaja de bonde e os olhos contemplam abrigos antiaéreos.

Em todos os jornais natalenses da década de 40, o evento mais amplamente noticiado envolvendo personalidades estrangeiras em Natal foi o encontro dos presidentes Franklin Delano Roosevelt, dos EUA, e Getúlio Vargas, do Brasil. O jornal *A República* é ilustrativo: a notícia,

30 *Idem*, edições de 28/5/1944 e 26/5/1945.

publicada na primeira página, ocupa todo o espaço³¹, com imagens que, como em outras edições, têm referências nitidamente estrangeiras, dessa forma inseridas no imaginário local. O *Diário de Natal/O Poti* serve de exemplo, ao divulgar, como se fosse contemporânea, a visita dos dois presidentes a Natal³².



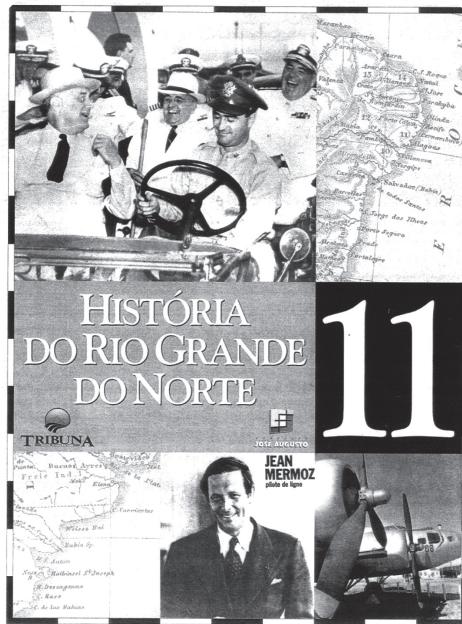
A conferência também foi notícia em *O Poti*, em setembro de 1996.

Essa imagem acaba sendo emblemática do período: ela é a mais frequentemente utilizada para qualquer referência à época, seja na divulgação de filmes ou nas reportagens sobre o assunto. A foto dos dois presidentes no *Jeep* (ou outra também bastante utilizada e semelhante, apenas com uma quase imperceptível variação de postura dos personagens), adorna em Natal o balcão de preciosidades do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, o saguão de entrada do jornal *Tribuna do Norte*, o suplemento sobre a história do estado desse mesmo jornal e o *hall* íntimo da casa do professor aposentado Protásio de Melo, entrevistado desta pesquisa³³.

31 *Idem*, p. 1, 30/1/1943.

32 *Diário de Natal*, recorte sem data, Geral, p.8.

33 Entrevista realizada em 10/4/1997, em Natal. O professor Protásio de Melo faleceu em 2006.



Natal, Rio Grande do Norte, terça-feira, 29 de julho de 1997

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

ESTRATÉGIA
CURSINHOS DEFINEM PROGRAMAÇÃO PARA O SEGUNDO SEMESTRE INTENSIFICANDO AULÕES.

3

DIÁRIO DE NATAL

VESTIBULAR

Editor: Eugênio Ferreira, Reporters: Hélio Credito,

Teste

CONFIRA COMO ESTÁ OS SEUS CONHECIMENTOS NA DISCIPLINA DE INGLÊS.

6

Um dos episódios mais marcantes da história potiguar poderá ser visto no cinema

NATAL NA II GUERRA MUNDIAL

Marco Polo 79/956



A emblemática imagem do encontro entre Roosevelt e Vargas em Natal esteve no suplemento de história (1997) e no caderno Vestibular (29/7/1997) da *Tribuna do Norte*, que utilizou a cena do filme *For all*.

O encontro desses presidentes também foi relatado pelo jornal católico da Arquidiocese de Natal, *A Ordem*, que, no entanto, traz muito menos reportagens sobre a convivência dos natalenses com os americanos que os outros dois. Talvez pela preponderância do protestantismo entre os americanos ou pelo ecumenismo das religiões professadas em *Parnamirim Fields* no mesmo templo. De qualquer modo, também são encontradas referências ao convívio.³⁴

Fatos como o encontro entre Vargas e Roosevelt estão presentes também nas recordações relatadas por pessoas que viveram a época. Essas memórias são resultado de trocas permanentes, em que as delimitações são difíceis. O ato de recordar é uma questão não de reprodução, mas de construção. A recordação varia de acordo com o mapa mental dos indivíduos, e constitui, via de regra, uma curva em “u” - é mais fácil relembrar o início e o final de um evento do que os seus estágios intermediários. Assim, a memória social é construída através de vestígios, marcas perceptíveis e testemunhais de fenômenos em si inacessíveis.

Nesse sentido, o que o historiador faz é uma reconstituição (CONNERTON, 1993, p. 16), que não quer dizer uma construção passiva, mas uma criação de sentido a partir da escolha de alguns fatos e imagens e da exclusão de outros. As sociedades, por sua vez, são comunidades que se autointerpretam, e uma das mais fortes autointerpretações são as imagens que essas sociedades criam e preservam de si mesmas.

Alessandro Portelli sugere que a memória só se torna coletiva no mito, no folclore e por delegação. E ela só é coletiva com a mediação das ideologias, da linguagem e das instituições. Nesse caso, há uma memória dividida (a dos indivíduos, pois somente esses podem recordar) rejuntada pelo controle social (PORTELLI, 1996, p. 127). Esse controle social da memória se estabelece na medida em que o interesse do grupo e sua capacidade de evocação das memórias é que as conjugam no indivíduo. Este, por seu turno, situa o que recorda nos espaços mentais fornecidos pelo grupo. Assim, nenhuma memória coletiva poderia existir sem que se refira a um quadro espacial socialmente específico. A memória individual separada da social é abstração quase sem sentido.

34 *A Ordem*, p. sem numeração, edições nº 2177, de 29/1/1943, e nº 2738, de 4/1/1945.

É novamente Connerton (1993) quem diz que a memória social é feita de histórias narrativas. A vida aldeã é cheia de bisbilhotices e a maior parte das recordações é comum: “a narrativa de uma vida faz parte de um conjunto de narrativas que se interligam, está incrustada na história dos grupos a partir dos quais os indivíduos adquirem a sua identidade” (1993, p. 26). Mas as histórias de vida dos indivíduos pertencentes a grupos subordinados não têm os termos de referência que consolidam o sentimento de uma trajetória linear (origens legitimadoras e acumulação de bens e poder). Não há intervenção individual nas instituições dominantes e o tempo, para as pessoas, é cíclico.

A memória social, de fato, é onipresente na conduta da vida quotidiana, e está inserida, tanto quanto o contamina, no imaginário. É este que dá materialidade à memória coletiva, ao refletir, transformando, as relações que o homem estabeleceu com o espaço e o tempo. As histórias de vida, que narram a história do tempo presente, apresentam a capacidade de eliminar a distância entre sujeito e objeto. Através delas, é possível uma percepção mais aguda das articulações entre as percepções e as representações dos atores sociais e as interdependências e determinações das relações sociais. Essas histórias de vida e histórias do tempo presente podem ser apreendidas através da história oral.

A história é memória, mas nem ela, nem as vidas refeitas nos relatos se constituem um caminho com começo, etapas e um fim (término e finalidade). Do mesmo jeito que fazer da análise histórica o discurso do contínuo é desconhecer o papel estruturante das rupturas, é preciso atentar que cada vida não forma um todo coerente e orientado, a expressão unitária de um projeto.

Ainda assim, olhar para trás pelo presente é recuperar o papel do sujeito na história, pois o fragmento revela em si mesmo o conjunto. A entrevista registra as memórias sobre atos e acontecimentos, mas não a organização dos seus elementos, a sua hierarquização. Para que isso ocorra, é preciso contextualizá-las em seus referenciais simbólicos, confrontar essas memórias com outras manifestações, tecê-las na rede interativa das narrativas sociais. Daí, a história oral pode acabar por demonstrar o quanto a pesquisa empírica de campo e a reflexão teórico-metodológica estão indissociavelmente ligadas. E também levar o pesquisador a perceber

agudamente que a história é sempre uma construção, assim como o mundo pode ser considerado como a articulação de textos, que existem *per si* e que, dialogicamente, são redigidos conforme se lê.

Qualquer uma dessas atitudes é, em última análise, a configuração de uma narrativa sobre a cidade no intuito de entendê-la. Nessa intenção, relatos que reconstroem a década de 40 na cidade mobilizam sentimentos em quem os ouve ou lê e ampliam as possibilidades de compreensão.

A cidade de Natal sediou a maior base aérea fora dos Estados Unidos. A presença dos americanos mudou os costumes, o modo de falar e o jeito de vestir da população. O número de moradores de Natal cresceu rapidamente e nesse período, muita gente ficou rica. Bem antes dos Estados Unidos entrarem na guerra, o governo americano iniciou negociações com o governo de Getúlio Vargas para instalações de bases militares no litoral do Brasil. Natal foi escolhida para sediar a mais importante das bases por ser o ponto mais estratégico entre o Brasil e a África. Segundo o Brigadeiro Rui Moreira Lima, a costa do Brasil, principalmente Natal, era um ponto tão estratégico, que tudo leva a crer que os americanos acabariam instalando bases na área, mesmo que o Brasil não permitisse. Ele afirma que setores do governo de Getúlio Vargas se opuseram à entrega das bases aos americanos. Mas Getúlio fez uma troca com os EUA, ou seja, negociou a ocupação das bases pela construção da usina de Volta Redonda, que a princípio, seria construída na Pensilvânia. Segundo o coronel e historiador Fernando Hippólyto da Costa, a finalidade da base era dar apoio aéreo, viação de patrulha contra os submarinos alemães e ponto de apoio para as unidades que se deslocavam dos EUA e iam para as operações na África, sul da Itália e Oriente Médio. Ele diz que chegaram a pernoitar na base 22.000 homens e que o movimento diário dos aviões eram em torno de 500 a 700. Para o coronel, o maior legado dos americanos para o Brasil foi a doutrina. A aviação do exército, que nos idos de 1930 seguia a orientação dos franceses, passou à doutrina americana, pois ela possuía um ensinamento muito mais atualizado. Portanto, a força aérea brasileira foi montada com o estilo dos americanos. A cidade de Natal que em 1942 possuía pouco mais de 50 mil habitantes, não ficou indiferente à

presença dos americanos. Segundo o Professor Protásio de Melo, a população da cidade só ia à praia por determinação médica. Os americanos, ao contrário, frequentavam à praia todo dia. Não demorou muito para que os natalenses copiassem a nova moda. Mudaram os costumes. Saíam com as moças sozinhos, o que antes era proibido; beijavam as moças na rua, coisa que não existia na época; os rapazes da cidade só andavam de terno e gravata, eles trouxeram a camisa esporte, a informalidade. O professor diz que muita gente ficou rica às custas dos americanos, tanto ilegalmente como de maneira honesta. Com o fim da guerra, muitos deles saíram de Natal chorando, com saudades da cidade, do clima tropical. O professor se recorda perfeitamente da visita a Natal de Getúlio Vargas e do Presidente dos Estados Unidos, Roosevelt (janeiro de 1943). “Eu estava com uma turma sentado, daqui a pouco lá vem a zoadá, a sirene. Quem é? É Roosevelt, que vem com Getúlio e Winston Churchill. Não era, era só Roosevelt e Getúlio. Eles passaram de frente ao Grande Hotel, cortaram a praça e subiram. Cascudo estava na esquina da farmácia Torres. Quando eles passaram, Getúlio deu adeus a Cascudo. Cascudo chegou em casa contou a mãe dele. Mas Donana não acreditou que Roosevelt tivesse dado adeus a Cascudo”. O livro “Natal USA” do historiador Lenine Pinto, publicado em 1995, diz que, depois de pronta, a base virou uma verdadeira cidade, com agência de correio, igreja, fórum, hospital com 178 leitos, polícia e cadeia, escola, lavanderia, padaria, barbearia e lanchonete. A maior parte dessas instalações funcionava 24 horas por dia. A base de Parnamirim também possuía um anfiteatro ao ar livre com tela de cinema onde os filmes eram exibidos meses antes de entrarem no circuito comercial. No anfiteatro eram apresentados grandes *shows*, com os nomes mais conhecidos de Hollywood e da Broadway. A assistente social Maria Lúcia Lira lembra-se muito bem daquela época, pois segundo ela, teve a oportunidade de assistir Glenn Miller. O médico Grácio Barbalho também publicou um livro relacionando as mais de 50 músicas feitas no Brasil inspiradas na guerra. Ele é considerado um dos maiores colecionadores de discos de 78 rotações de música brasileira, possuindo cerca de 7 mil. Grácio diz que fez o livro de acordo com a perspectiva de sátira aos comandantes,

os fatos e acontecimentos ocorridos na guerra, além de incentivo musical para as pessoas que participaram do evento. Os americanos chegaram a Natal em 1942 e foram embora em 1946. Deixaram para trás mais de 700 galpões, grande quantidade de jipes, armas e munições. A Base Aérea montada pelos americanos é utilizada até hoje. Segundo o comandante da Base, Brigadeiro Éden de Oliveira Havolinsk, Natal possui o maior complexo aeronáutico da América Latina. Um grande comando de treinamento operacional que cuida da formação do piloto de combate³⁵.

A instalação da maior base militar norte-americana fora dos EUA ocorreu em Natal, mais precisamente, entre 7 de julho de 1941 (data oficial do início das atividades) e 1946, ano ao longo do qual os norte-americanos foram deixando gradativamente a base, por fim administrada somente por brasileiros (CLEMENTINO, 1995, p. 15). Segundo estimativas de Câmara Cascudo (1980, p. 401), um contingente de 10.000 americanos, sem contar os militares brasileiros, aportou em Natal, numa época em que a cidade tinha cerca de 55.000 habitantes. Ou seja, 18% da população, num período de tempo muito curto, passaram a ser constituídos por estrangeiros em trânsito pela cidade.

Esses estrangeiros não estavam confinados nas bases militares. Ocupavam, rotineiramente, pelo menos dez outros lugares, como o *Marine Corpus*, as *staff houses* para pilotos, as casas do cônsul e comandante da base, o *FirstAid* e os clubes USO – *United Service Organizations*, todos espalhados pelos bairros da cidade, além da Fazenda Milharada (CLEMENTINO, 1995, p. 11).

Apesar de nenhuma cidade permanecer estática, à espera de observadores que lhe tracem um perfil imutável, pode-se falar de uma cidade que existia antes e que foi reconstruída com a instalação da base militar norte-americana. Houve, como os documentos atestam, uma explosão imobiliária, aumento generalizado do custo de vida e escassez de gêneros alimentícios. Durante a presença dos americanos, o montante de dinheiro em circulação aumentou; mesmo depois, a população local continuou

35 Transcrição da gravação de programa da BBC de Londres transmitido mundialmente em português, 1996.

crescendo: passou de 55.000 para 103.000 habitantes em apenas dez anos, entre 1940 e 1950:

Este incremento populacional permanece em ritmo mais modesto, porém crescente, nas décadas que se seguiram à guerra, apesar da retirada dos norte-americanos e da desmobilização de parte dos contingentes nacionais. Isso se deveu, grosso modo, a dois motivos: a fixação e a continuidade de tropas e atividades militares das 03 armas das forças nacionais e ao novo papel, mais dinâmico e participativo, que Natal assume no contexto da economia estadual (CLEMENTINO, p. 1995, p. 23).

Um acontecimento desse porte só poderia ter produzido fundas marcas na cultura local, com reflexos que o presente testemunha. A paisagem urbana natalense sofreu grandes modificações com a simples presença, o tipo físico e as atitudes estrangeiras de milhares de soldados de folga do serviço dentro da cidade. Mudanças com essas proporções forçosamente implicaram em outras de igual ou maior amplitude na forma de pensar e de ver o mundo dos habitantes locais.

O provincianismo da cidade na época está no discurso de muitos natalenses. O advogado e professor aposentado Alvamar Furtado diz que “Natal naquela época, vamos admitir, era uma cidade provinciana, extremamente provinciana. [...] Aí, de um momento para outro, começou a invasão consentida depois que o Brasil acertou-se com o Presidente Roosevelt naquele encontro. Houve uma invasão consentida e os americanos começaram a chegar”.³⁶ Essa cidade provinciana passou a ser conhecida por milhões de americanos e outros aliados e a sua localização geográfica “continuou importante, depois da guerra, porque os aviões não podiam realizar voos transatlânticos se não usassem a rota canadense” (SMITH JR., 1992, p. 206).

Protásio de Melo confirma as mudanças no vestuário, nos hábitos alimentares, na forma de diversão e até nos relacionamentos amorosos. Segundo explica, os homens começaram a usar calções curtos – *shorts* – e camisas para fora das calças – *slacks*; as mulheres começaram a vestir

36 Entrevista realizada no dia 27/1/1998 em Natal. Sobre o provincianismo, cf. também o documento *Base Naval: suas origens e influências*, pertencente à Base Naval de Natal.

calças compridas. Outras testemunhas dizem que, dentro da Base Aérea, em Parnamirim, a população local viu, pela primeira vez, o mesmo templo servir para a prática de rituais de religiões diversas. Os rapazes natalenses não conseguiam vencer a concorrência dos altos, loiros e garbosos rapazes fardados para namorar as moças. Aquelas que já tinham passado da idade de casar com brasileiros, conseguiram maridos norte-americanos³⁷.

Os fatos transpiram da memória nos documentos impressos e nos relatos. Estão datados, mas desconhecem os limites do acontecido e permanecem acontecendo.

37 MEIRELLES, Carlos (dir.). *Natal na 2ª Grande Guerra*, videodocumentário produzido pela TV Universitária/UFRN, [s.d.].

Não me venham com conclusões! A única
conclusão é morrer.
Fernando Pessoa

Personacidades

“Os americanos chegaram (1)”³⁸.

Essa não é a manchete de página do *Diário de Natal* do início da década de 40, quando, efetivamente, muitos americanos chegaram a Natal. Essa é a manchete de 6 de julho de 1997. O título serve para duas reportagens em forma de conto, que revivem a chegada dos militares norte-americanos para ocuparem *Parnamirim Field* e que antecipam a chegada, poucos dias depois, dos mesmos americanos que vieram para participar da Segunda Guerra³⁹.

2 | Natal, domingo, 6 de julho de 1997

LAZER & CULTURA

LITERATURA

Escritor potiguar lança livro com histórias da época da Segunda Guerra Mundial com a presença de

OS AMERICANOS CHEGARAM (1)

O escritor potiguar Geraldo Edson de Andrade, que lançou recentemente o livro *Feriado Municipal*, edição do *Diário de Natal* de Agosto, no período anterior à Segunda Guerra e especialmente em retratar Natal na época da Segunda Guerra, O Dia em Que Tyrone Powell Enfrentou o Mar e o autor também dos livros *Dona Lina e Pensou*, *Conquista do Meio e Numa Noite de Luar Assim*, O *Diário de Natal* publica hoje a primeira parte do conto de livro *Feriado Municipal*, encantando o prazer do leitor no encontro com o escritor que renova uma época jamais esquecida pela memória potiguar.

Geraldo Edson de Andrade

Muito antes dos americanos chegarem à cidade, mudando hábitos e costumes provincianos, ela já era falada entre os natalenses. Eram os americanos que, aliados pelos comentários maliciosos, deu-lhe uma aura de ciúme e promoveu uma ainda pior se a visse outra vez à vista no bairro. Com um vidente História, que bateu com um vidente de passagem por Natal: “Você acaba na prisão de Maria Boa se não ‘varar’, ele gritou bufando de riva-

nhecidia na sociedade, mantinha-se coberta em relação aos maledicentes. — Esse homem tem uma filha, essa é uma coisa boa — disse — dona Lina pergunhou-lhe quando o clima de tensão na casa já havia se dissipado. Preocupava-a os falatórios dos vizinhos.

— Fique assim não, minha mãe, temos que nos unir! E lá sei, mesmo,

que só sôlo... Os três filhos haviam

prometido esbofeteá-la caso a en-

contrasse outra vez agarrada com ho-

mens de futebol. Temia um escândalo,

— Sorte teve a filha de Mariá Capistrano — a mãe disse balançando a cabeça — Adenorita, sente-se aqui me diga: esse homem não abusou de você?

— Adenorita soltou gostosa gargalhada:

— Fique assim não, minha mãe, temos que nos unir! E lá sei, mesmo,

que só sôlo... Os três filhos haviam

prometido esbofeteá-la caso a en-

contrasse outra vez agarrada com ho-

mens de futebol. Temia um escândalo,

— Por que você não namora um rapaz decente daqui mesmo, de boa família, como Zeca. Ele gosta de você minha filha. Outro dia me pareceu bonito.

Aquela pé-rapado? Adenorita per-

guntou com ar desabafado — Tô doida não, minha mãe! Me casar com um pé-rapado como ele, seu profissão, feio que se sente? Só rabobas... Es-

tava em 1942, o mundo era outro,

não é mesmo no seu tempo.

A filha tinha razão, dona Lina con-

cluiu. Não aprovada a maneira como

ela vivia, sem pudor, e das desordens. Ainda a veria casada e felizes para passar na cara dos faladores.

Adenorita estava longe de ser ferida.

Magnífica, corpo bem feito, ti-

nha um quê especial nos olhos vi-

“ALDENORA NÃO PERDIA OS FOOTINGS AOS SÁBADOS E DOMINGOS, NEM TAMPONOU OS BAILES NO BRASIL CLUBE”

como o que envolvera a filha de Ma-



A Base Aérea de Parnamirim na época da Segunda Guerra é o tema preferido do escritor

O *Diário de Natal* diz, em 6/7/1997, que os americanos chegaram; concretamente, eles chegaram em 1942/1943 e em 22/8/1997.

38 Diário de Natal. Caderno Lazer e Cultura, p. 2, 6/7/1997.

39 Cf. Diário de Natal, edições de 5/7, 6/7 e 13/7/1997; Tribuna do Norte, de 20/8 e 22/8/1997.

Esses americanos vieram também em 1942, mas são notícia de jornal em 1997 porque estão voltando a Natal e porque estão imbricados em seu tecido mnemônico, presença pura ou imiscuída em outros elementos de todos os discursos da cidade sobre si mesma (CONNERTON, 1993, p. 15). Na trama dessa memória, eles e tudo o que representam são imagens que, fortes, ressurgem como fênix, incessantemente. Ainda assim, são imagens fracas, desbotadas por múltiplas imagens sobrepostas, como se reveladas no mesmo negativo muitas vezes exposto à luz (FOUCAULT, 1987, p. 28).

Nos jornais locais de circulação massiva em 1997, os visitantes foram exaustivamente noticiados e deram oportunidade a eventos paralelos na cidade, que remetem à importância histórica da sua passagem. É o caso da inauguração do museu histórico do Centro de Aplicações Táticas e Recompletamento de Equipagens – CATRE, antiga Base Aérea de Natal.⁴⁰ A Segunda Guerra, na Base, é uma presença ainda viva, seja no pequeno museu, que ainda guarda equipamentos da época, nos monumentos ao ar livre ou em algumas memórias, mas praticamente ignorada do ponto de vista institucional. A capela é uma imagem inalterada desde então – o mobiliário serviu de locação para o filme *For all* – mas os filmes do período estão mofando em condições absolutamente impróprias de conservação.

Em 1997, os 16 ex-pracinhas e suas mulheres vieram a Natal para participar da 19^a Reunião Anual do Esquadrão VP 83, organizada pelo empresário Salomão Borges, que guarda relíquias do tempo em que foi funcionário dos primeiros americanos a chegarem à Base em Natal. Animado pelo encontro, mas reclamando um maior interesse das instituições da cidade sobre o assunto, ele conta que os americanos “perguntaram pelo museu da II Grande Guerra. Eu já tinha dito a eles lá que não tinha. O governo sempre falou mais de uma vez que ia fazer o museu, mas até hoje nada. Eles chegaram até a dizer: olha, aqui tem muita coisa que pode se fornecer para o museu. Chegaram até a me dizer que nessa lagoa de Parnamirim tem muita coisa enterrada ali do tempo da guerra”⁴¹.

O Capitão Cleantho Homem de Siqueira desistiu de esperar um museu em Natal. Ele é presidente da Associação dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira – FEB – e, como os demais sócios, usa, em dias

40 Cf. *Tribuna do Norte*, p. 3, 20/8/1997.

41 Entrevista realizada em 5/10/1997, em Natal.

de festa, a boina que simboliza a sua condição. As tentativas, conforme afirma, foram todas infrutíferas:

“O governo do Estado tinha algum interesse em fazer esse museu, partindo de lá com o apoio da Fundação José Augusto. Eles nos procuraram e nós oferecemos um pouco que nós tínhamos aqui pra oferecer para eles. Não era praticamente nada. Todo o material que nós conseguimos trazer da guerra [...] o que eu trouxe foi razoavelmente pra organizar, começar um museu. [...] Isso eu tive que doar pro museu do meu regimento, foi o 11º Regimento de Infantaria de São João Del Rey. Eu doei todo esse material pra lá porque eles podiam um dia se perder e tudo isso fazia parte da memória”.⁴²

As tentativas a que se refere o veterano são simbolizadas pelo projeto do Museu Histórico da Aviação e da Segunda Guerra, que tem, dentro da sua proposta conceitual, um núcleo chamado Natal – Segunda Guerra⁴³. A demora, no entanto, para implantação do mesmo abriu espaços para outras iniciativas, advindas do setor privado. O farto noticiário local e nacional sobre o assunto demonstra o interesse do público.⁴⁴



Relíquia da Segunda Guerra em Natal.

42 Entrevista realizada em 19/1/1998, em Natal.

43 Cf. Projeto da Fundação José Augusto, de 1993.

44 Cf. *Tribuna do Norte*, edições de 24/7, 1/8, 19/10, 21/10, 26/10 e 9/11/1997, e 29/6/1998; *Jornal de Natal*, de 20/10/1997; *Folha de S. Paulo*, de 26/8/1998.



As relíquias da Segunda Guerra em Natal estão espalhadas na Fundação José Augusto; outras, no CATRE, em coleções e em residências particulares.

O sentimento de falta causado pela inexistência de um museu invade a literatura. Para responder ao tom trágico do poema sobre os americanos em Pernambuco escrito por Mauro Mota (1975) – que consta do cardápio do Bar *Black Out*, em Natal – Paulo de Tarso Correia de Melo fez poema leve e bem-humorado, mas que alerta:

Muita preciosidade
documental se perdeu
e coisas em quantidade
para montar um museu.

Quase toda a arquitetura
remanescente na área
não resistiu à usura
e febre imobiliária.

Dificultou-se o acesso
a cenários e lugares.
Serão motivos secretos?
Ou segredos militares?

Folclore e anedota
foi o que restou. Estudo
alentado não se nota
nem de Câmara Cascudo.
(1994, p. 75)

Isso não impediu determinadas manifestações, cuja origem, embora não seja possível precisar exatamente, não deixa de suscitar indagações. Jovens excluídos na periferia de Natal usam o termo *knife* para se referir à faca. Crianças e adolescentes de todos os extratos sociais, especialmente os de sexo masculino, chamam qualquer outro garoto de *boy*; por vezes, até as garotas são chamadas assim. Guias turísticos da cidade, a despeito da falta de informação e estruturas oficiais, organizam o roteiro de *tours* pela cidade passando por antigos abrigos antiaéreos e outros sítios históricos, atendendo ao desejo manifestado pelos próprios turistas⁴⁵. Estudantes de segundo grau procuram frequentemente as bases militares e as bibliotecas em busca de informações para elaborarem estudos sobre o assunto. Os jornais da cidade estão, por uma razão ou por outra, sempre voltando ao tema.⁴⁶

Protásio de Melo, o ex-professor universitário, afirmava ter o grande orgulho, traduzido jocosamente por um amigo, de ser “o homem que ensinou inglês aos americanos em Natal”. Cidade da qual ele falava com prazer, especialmente no que se refere ao início da década de 40: “Eu comparo Natal da época de 40/41 com uma mocinha recatada que não tinha convivência com um camarada sabido, desses sem vergonha, que vão logo beijando a moça. Aí, subitamente, essa mocinha recatada encontra esse sabidão, que está consubstanciado nos americanos que chegaram aqui. Donos de tudo, sabendo de tudo, com muito dinheiro no bolso, com muito prestígio. Então, eles ‘desarnaram’ essa moça; com pouco tempo, ela já sabia tudo e já estava completamente apta para as coisas da vida”.

Desses jovens soldados norte-americanos, até hoje, ele guarda algumas relíquias em sua casa. Personagem que simboliza, para a cidade,

45 Informação fornecida por alunos de curso para guias de turismo realizado pela professora Tânia Mara no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, em setembro de 1997.

46 Cf. *Diário de Natal*, edição de 16/5/1998.

um período de tantas mudanças nos costumes, as imagens são fortes: “A paisagem era cáqui, da cor da farda dos soldados americanos”. Esse mesmo homem, no entanto, não reconhece herança cultural do período. Para ele, as modificações viriam de qualquer maneira; foram apenas adiantadas. “Mas professor Protásio, nem esse jeito informal como o senhor está vestido, de bermudas, com a camisa para fora da calça, é um resquício de modo de ser que os americanos fizeram Natal incorporar?”, eu pergunto e o deixo mudo por alguns instantes. “Agora você me pegou...”.

O imaginário é o domínio da imaginação, faculdade criativa, produtora de imagens interiores eventualmente exteriorizáveis. O simbólico, ao se constituir, escapa ao sujeito, que com ele se relaciona através de formações imaginárias. E é graças às imagens que o sujeito faz funcionar o seu registro identificador e o dos objetos, embora esse sujeito também só os possa apreender com base em identificações já operadas (AUMONT, 1995, p. 118-119).

Darcy Ribeiro, teorizando sobre a formação do povo brasileiro, diz que este só começa a reconhecer a sua identidade pela estranheza causada aos portugueses e que “o sentimento de estrangeiridade está na formação da etnia brasileira, que é a representação coletiva de uma identificação que existe fora dos brasileiros” (1995, p. 127-133). Se assim é, a presença dos americanos e os vários domínios a que Natal esteve submetida ao longo da sua história foram fator de grande significação na formação de uma identidade não única, mas matizada por múltiplas conformações.

Essas identidades de Natal podem ser representadas pelos personagens, que, como Protásio de Melo, encarnam o tema como testemunhas dos fatos, por terem escrito sobre o assunto ou por terem eles próprios se tornado temática de muitas narrativas. Zé Areias (ou Areia) é uma das temáticas prediletas. O professor Protásio escreve sobre ele, mas também o Lenine Pinto, que produziu três livros sobre os americanos em Natal, aludindo aos hábitos natalenses alterados pelo contato. Seu trabalho explica diversas siglas, esclarece muitos episódios do cotidiano e atesta que os americanos eram vistos como “salvadores do mundo” (1995, p. 119).

Cascudo (1980), pelo que escreveu em livros e crônicas publicadas nos jornais locais, parecia ser também um entusiasta da “ocupação” americana. Chama à atenção, inclusive, entre os depoimentos e textos

colhidos, a reduzida quantidade de referências negativas à convivência entre os soldados estrangeiros e a população. Uma dessas poucas é o conto “Crônica do amor e do ódio”, de Francisco Sobreira, que dá título ao livro de ficção e que manifesta, através do personagem principal, um sentimento que passou à história como “vencido”:

A hostilidade de Rafael à presença americana, de tão radical, chegou a atingir uma espécie de delírio. No seu entender, Natal tornou-se uma cidade “invadida”, ocupada pelos americanos, tanto quanto dezenas de cidades europeias o foram pelos alemães. E que essa “ocupação” transformou a vida da cidade e dos seus habitantes para pior, porque os “invasores” impuseram a sua cultura, os seus costumes, a sua maneira de viver (1997, p. 7).

O coronel-aviador Fernando Hippólyto da Costa também se transformou em personagem pelo que escreveu sobre a Base Aérea de Natal (1980), assim como Lauro Pinto (1971), por suas reminiscências, e Raimundo Nunes, que, como outros narradores, destaca o intenso labor sexual na cidade em sua crônica (1985, p. 47). Esse labor também é tratado por Franklin Jorge, que não é contemporâneo dos fatos, mas fala sobre a Segunda Guerra na memória de um personagem fictício. No seu texto, há também referências a Zé Areias e a Edgar Borges, artista conhecido na cidade como “Blecaute” (1996, p. 140). Outro escritor, Manoel Onofre Junior, encontra, no seu roteiro turístico de Natal, aspectos como “prafren-tismo” e “espírito aberto, permissivo do natalense”. Embora não estabeleça ligações de causa e efeito, ele aborda assim a presença dos americanos: “[...] chego mesmo a distinguir duas épocas para a cidade: antes e depois da guerra” (1984, p. 23). Essa afirmação também foi feita pelo veterano Cleantho Homem de Siqueira, em depoimento para o videodocumentário *Imagen sobre imagem*.⁴⁷

Outra imagem recorrente entre os narradores de Natal é a metáfora da cidade como mulher. Como Protásio de Melo, Moacyr de Góes a utiliza em seu romance, mas não perdoa: para ele, Natal é “a cidade do ‘já teve’. Não tem mais” (1996, p. 232).

47 Cf. Apêndices deste trabalho.



I NOSTALGIA — Na Base Naval de Natal, os veteranos visitaram o navio Guaiába e o museu que recorda a Segunda Guerra

REMINISCÊNCIAS

Americanos voltaram à Base Naval

Hoje, vão visitar a Base Aérea de Parnamirim e o bairro da Ribeira

Mais de 50 anos depois da Segunda Guerra Mundial e da saída dos americanos de Natal, 16 dos integrantes da Esquadra VP-83, da Marinha dos Estados Unidos, que estão na cidade desde terça-feira vão rever hoje a Base Aérea de Natal, em Parnamirim. Os veteranos ficaram sediados entre 42 e 45 no Parnamirim Field, construída para dar apoio às forças aliadas na luta contra o 3º Reich.

Os veteranos de guerra americanos visitaram ontem a Base Naval de Natal, fundada por Ary Parreira,

no bairro do Alecrim. O americano Oscar Brooks, hoje com 76 anos, foi um dos que mais comemorou e se empolgou na chegada à Base Naval.

Na visita que durou mais de duas horas, Brooks disse estar surpreso como a base que foi bem preservada ao longo destes 50 anos. "Eu aprecio o que a Marinha brasileira fez para manter a base e preservar um museu com a história da entrada do Brasil na guerra", disse emocionado. Brooks foi o único dos 16 veteranos que acompanhou de perto a construção da base.

Quando servia em Natal, durante a Segunda Guerra, época em que a base começou a ser construída pelos brasileiros, Brooks ficou um mês sediado nessa unida-

de militar para dar apoio aos hidroaviões e às outras aeronaves americanas que por lá amerisssavam ou aterrissavam. Durante a visita, os 16 veteranos da guerra americanos, alguns com suas mulheres, conheceram as instalações da base, acompanhados do comandante da unidade, capitão-de-fraga José Carlos Negreiros de Lima.

O museu que retrata a história da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a construção da Base Naval Ary Parreira atraiu a atenção dos veteranos. Eles se divertiram a observar, minuciosamente, as publicações da época, dados sobre navios e o arsenal bélico exposto no museu e pediram explicações sobre a base e sua atual estrutura.

A segunda navio-patrulhaamento Naval d ranos conhec do navio que mar territorial uma emoção p la Marinha vis muito bem n Brooks.

O patrício ex-combatente que participou veteranos nos ter percebido, vontade que é Natal. A viage do governo b para os própri ficam em Nata visitam a Bas

Pouco se sabe sobre o papel das mulheres na Segunda Guerra em Natal. Mas não serem nomeadas não esconde a sua participação, como ilustra a reportagem na *Tribuna do Norte* (22/8/1997).

Algumas testemunhas dos fatos são personagens que nada ou quase nada revelaram do que conheciam. É o caso do fotógrafo João Alves, que registrou com sua câmera muitos dos momentos que à cidade viveu à época, mas cuja maior parte do acervo permanece secreta, sob a guarda da família. Ou de Maria Oliveira de Barros, a famosa “Maria Boa”, dona do cabaré mais refinado da década de 40 e cujas histórias nunca contou para ninguém. Seus segredos morreram com ela.⁴⁸

Maria Boa faz parte de um universo pouco explorado de narradores: o feminino. Nos produtos da Indústria Cultural, encontrei pouquíssimas autoras, mas muitas personagens. Uma dessas é Terezinha Lemos Rêgo, comerciante aposentada que viveu a década de 40 em Natal como mocinha resguardada pelos pais em casa. Mas ela ouvia as histórias e via alguns fatos. Relata pelo menos uma boa lembrança: “... houve mais, assim, emprego [...] e eles também ensinaram muita coisa. O pessoal foi vendo e aprendendo”.⁴⁹

Já Cinira Raymond, funcionária administrativa aposentada, vivenciou o período de outra maneira: casou-se com um militar norte-americano em Natal. Morou em *Parnamirim Field* e também quatro anos nos Estados Unidos, onde teve duas filhas, mas diz ter aproveitado bastante a vida antes de casar. Ao contrário de Terezinha, ela ia às festas dos USO, mesmo não falando inglês: “Os homens de Natal eram muito machistas [...] quando passava o ônibus, diziam: lá vão as mulheres atrás dos homens. Mal sabem eles que a gente tinha um tratamento tão bom [...] eu aproveitava, mas dentro do limite. [...] Natal era uma cidade pacata, mas Natal vivenciou a fase da guerra”.⁵⁰

Depoimentos como esses ficam à margem da história oficial. Eles não constam de livros, jornais ou outra forma de transmissão de notícias, as quais resultam dos mecanismos e procedimentos culturais de textualização. Segundo Baitello, os “sistemas comunicativos têm sempre a função ordenadora dentro das sociedades” (1997, p. 97) porque, através deles, os símbolos regram as relações, estabelecem significados e valores através das convenções e, portanto, ordenam, tecem as relações.

48 Cf. *Diário de Natal*, p. 2, edição de 23/7/1997 e *Tribuna do Norte*, p. 2, edição de 24/7/1997.

49 Entrevista realizada em 21/1/1998, em Natal.

50 Entrevista realizada em 22/1/1998, em Natal.

Desse modo, o mesmo sistema de transmissão de notícias que omitiu as participações de Terezinha Rêgo e Cinira Raymond as trouxe à tona divulgando o videodocumentário que contém os seus depoimentos.⁵¹ A mídia da imagem em movimento, passeando do jornalismo à ficção, capitaneou o resgate de muitos fatos e de todo um imaginário sobre os americanos em Natal. O lançamento do filme *For all* respondeu por muitas manchetes de jornal e reportagens de televisão que atualizaram o episódio para os natalenses.⁵²

The screenshot shows a section of the website 'Clube do Solto' with the heading 'Especiais'. An article titled '# 1943: Natal na 2ª Grande Guerra' by Iacelcio Puplico is displayed. The article discusses the participation of the United States in the war and its impact on Natal. It includes a small image of a historical building and a map of the city. To the right, there is a calendar for May 2012 and a newsletter sign-up form.

O site do Guia Cultural Solto na Cidade (http://soltonacidadecom.br/guia/especiais_confira.php?id=26) mostra, em 2012, a importância da Segunda Guerra em Natal e divulga os filmes e documentários feitos sobre o assunto, incluindo *For all* e *Imagen sobre imagen*.

Num artigo escrito na *Tribuna do Norte* sob o título “*For all*: para mim, não!” (Coluna Opinião, p. 2, 5/10/1998) o ex-secretário de Educação do Estado, Dalton Melo de Andrade, critica o filme por passar a ideia de que todas as mulheres natalenses queriam “arrumar” um americano e de que os homens eram acomodados. O filme, em detrimento de seus dotes cinematográficos lamentados por muitos críticos, *glamourizou* a passagem

51 Cf. *Diário de Natal*, edições de 6/3/1998 e *Tribuna do Norte*, edições de 1/3 e 4/3/1998.

52 Cf. *Jornal de Natal*, edição de 7/10/1996; *Tribuna do Norte*, edição de 10/5, 25/7, 18/8, 21/9, 22/10/1998; *Diário de Natal*, edições de 17/3, 18/3 e 12/5.

dos americanos por Natal e suscitou várias notícias nacionais⁵³, o que fez a cidade voltar os olhos para si própria e, a partir de um reconhecimento vindo de fora, passar a considerar esse período como importante.

A iniciativa da *Folha de S. Paulo* de revelar, como atração turística, o fato de Natal ter tido a primeira fábrica de Coca-Cola da América Latina⁵⁴, confirmado por Smith Jr. (1992, p. 157) desvela uma Natal pouco reconhecida pelos natalenses, que respira através dessas brechas.



O jornalista Marcelo Tavares, que hoje escreve para o Guia Cultural Solto na Cidade, faz anotações de pesquisa sobre a Segunda Guerra recostado em uma reminiscência simbólica do período que sinaliza para a história de Natal no CATRE.

53 Cf. *Jornal do Brasil*, edição de 15/7/1997 e *Folha de S. Paulo*, de 24/6/1998.

54 Cf. *Folha de S. Paulo*, Turismo, p. 6, de 7/4/1997.

Calvino assinala que a cidade é feita “das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado [...] Os olhos não veem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas” (1990, p. 14-17). Muito do que poderia simbolizar a Segunda Guerra, em Natal, ainda permanece vazio de significado. O passado, porém, em sua força constitutiva, confere a esses símbolos esquecidos um germe de sentido que, à menor faísca de luz, pode preencher as lacunas e religar a teia das significações da cidade. Embora seja uma tarefa literalmente impossível saber como a cidade realmente é sob esse carregado invólucro de símbolos. Somente as aproximações têm possibilidades concretas.

Advogado e professor aposentado, Alvamar Furtado é um dos que tentam deslindar a teia das significações da cidade relacionadas com a Segunda Guerra: “Natal ficou cidade [...] As mulheres ficaram mais atrevidas [...] Isso tornou Natal a cidade mais evoluída do Nordeste brasileiro. [...] Natal ainda hoje é uma cidade aberta.”⁵⁵

Assim como ele, longe de estabelecer uma identidade única para Natal, descortino, sob e sobre seus signos, várias identidades. A representação “Natal não tem identidade cultural”, que aparece em muitos discursos, compreende um modo de vida, um jeito de ser no cotidiano que define os comportamentos, os produtos culturais, as autorreferências do natalense sobre si e a cidade. Há, aqui como em todo o Brasil, uma tendência de se constituírem discursos sobre a cidade a partir da “teoria da falta”⁵⁶. Cabe perguntar se falta mesmo alguma coisa, ou se é o olhar que não descobre a coisa sob o invólucro sínico do momento.

Dentro dessa perspectiva, o meu olhar sobre a cidade, o olhar de qualquer um, ao mesmo tempo em que contém o que a cidade é, faz a cidade ser. Encontro aí, o meu espaço uma ação como indivíduo. O sentido se faz também com a recepção, e não apesar dela. Os textos culturais que, em seu conjunto, constituem a cultura da cidade, se relacionam num encadeamento de signos, ao qual se incorpora a categoria “temporalidade” (BAITELLO JR., 1997, p. 28-41). Esses textos são construídos nas singularidades individuais tanto quanto no todo social.

55 Entrevista realizada em 27/1/1998, em Natal.

56 Sobre essa teoria, cf. Silva (1996, p. 16).

A construção das significações é parte da rede simbólica que constitui a vida e as coisas. A simbolização se dá no nível do imaginário humano. É nesse patamar, o do imaginário, que tentam intervir as mídias e a indústria cultural. Nele, em que se tenta colocar as amarras, os esforços em parte dão certo, em parte, naufragam, soçobram. Por causa dele, falham as instituições que cuidam de apagar a memória e, então, o passado ressurge sempre, como a crisálida, que se autodestrói e se recria num novo e mesmo ser.

Assim vejo as muitas cidades reunidas sob o nome Natal.

Para também mostrar o que vejo, não quis produzir um texto científico simplesmente. Busquei configurar, em mim, a experiência da abertura que a imaginação representa para o espírito humano, e quis que este texto reproduzisse isso. Eu o quis belo, uma constelação de imagens que pudesse levar a uma melhor compreensão de outras imagens, apesar da consciência de que mesmo as mais ricas imagens óticas e as mais preciosas metáforas são ainda pequenas e pobres diante da imensidão do imaginário.

Bibliografia

De referência

- AUMONT, Jacques. *A imagem*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.
- BACHELARD, Gaston. *Fragmentos de uma poética do fogo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BAITELLO JR., Norval. *O animal que parou os relógios*. São Paulo: Annablume, 1997.
- BALANDIER, Georges. *O contorno: poder e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUDRILLARD, Jean. À sombra das maiorias silenciosas. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto III: o mundo fragmentado*. Paz e Terra, 1992.
- COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Portugal: Celta, 1993.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução: Peter PalPelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DURAND, Gilbert. *Estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arque-tipologia geral*. Lisboa: Presença, 1989.
- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução: Salma Tannus Muchail. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Col. Ensino Superior.
- _____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do ego*. [S.l.]: Standard Brasileira, 1974. (Obras Completas, vol. XXI).

- GEADA, Eduardo. *O Cinema espetáculo*. Lisboa: Edições 70, 19--.
- GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.
- HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. [S.l.]: Guanabara, 1985.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KAMPER, Dietmar. Os padecimentos do olhar. In: CASTRO, Gustavo de; ALMEIDA, Conceição; CARVALHO, Edgard (Org.). *Ensaios de complexidade*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- KEHL, Maria Rita. Imaginar e pensar. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Rede imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Portugal: Estampa, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Nacional, 1976.
_____. *Estruturas elementares do parentesco*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
_____. *O que é virtual*. 1997. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LUHMAN, Niklas. *A improbabilidade da comunicação*. [s.l.]: Passagens/Vega, 1992.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MARCONDES Filho, Ciro. *Televisão: a vida pelo vídeo*. São Paulo: Moderna, 1988.
- MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- MORIN, Edgar. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
_____. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Volumes I e II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986/1990.
_____. *O método III: conhecimento do conhecimento*. Portugal: Europa-América, LDA, 1986.
_____. *O método IV: as ideias: sua natureza, vida, habitat e organização*. Portugal: Europa-América, 1992.
- _____. Abertura. In: CASTRO, Gustavo de; ALMEIDA, Conceição; CARVALHO, Edgard (Org.). *Ensaios de Complexidade*. Porto Alegre: Sulina, 1997.

- MOURA, Maria da Conceição de. *Contra o relativismo: a revolta do logos selvagem* (Parte II). Comunicação apresentada no III congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994. (mimeo).
- _____. *Identidade/desidentidade: um diálogo civilizado com a “louca da casa”*. Natal: mimeografado.
- ORTEGA y GASSET, José. *A revolução das massas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val diChiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: Ferreira & Amado (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- RIBEIRO, Darcy. *A formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *O campo dos media*. Portugal: Comunicação & Linguagem, 1987.
- ROUANET, Sérgio Paulo. Ética e antropologia. In: *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RUBIM, Antônio Albino. *Idade mídia*. Salvador: Editora da UFBA, 1995.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SCHAEFFER, Jean-Marie. *A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico*. Campinas: Papirus, 1996.
- SERRES, Michel. *Filosofia mestiça: letiers-instruit*. (Trad.) Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- SILVA, Juremir Machado da. *Anjos da perdição: futuro e presente na cultura brasileira*. Porto Alegre: Sulina, 1996.
- SILVEIRA, Nise. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 1992.
- SONTAG, Susan. *Ensaios sobre a fotografia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.
- SOUZA, Mauro Wilton de (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum: ensaios de Antropologia Geral*. Campinas: Papirus, 1996.
- VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Edições 70, 1991.

Sobre Natal e a Segunda Guerra em Natal

- AGUIAR, José Nazareno Moreira de. *Cidade em Black Out. (Crônicas referentes à Segunda Guerra Mundial – 1939/45)*. Natal: UFRN – EDUFRN, 1991.
- ANDRADE, Júlio César de. *Comerciantes e firmas da Ribeira (1924-1989) – Reminiscências*. Natal: [s.n.], 1989.
- ANDRADE, Manoel Correia de. *A produção do espaço norte-rio-grandense*. Natal: UFRN/Ed. Universitária, 1981.
- CÂNDIDO, Aécio. Presente I. In: MATHIAS, Aluízio (Coord.). *Poesia circular: antologia da poesia do Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 19--.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*, 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Natal: UFRN, 1980.
- CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. *Impacto urbano de uma base militar: a mobilização militar em Natal durante a 2ª. Grande Guerra*, Natal: UFRN/CCHLA, 1995.
- _____. *Economia e urbanização: o Rio Grande do Norte nos anos 70*. Natal: UFRN/CCHLA, 1995.
- COSTA, Fernando Hippólyto da. *História da Base Aérea de Natal*. Natal: EDUFRN, 1980.
- FERNANDES, Augusto. *Trampolim da Vitória*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1946.
- GÓES, Moacyr de. *Entre o rio e o mar*. Rio de Janeiro: Revan, 1996.
- JORGE, Franklin. *Spleen de Natal*. Natal: Amarela Entretenimentos, 1996.
- MATHIAS, Aluízio. *Poesia circular: antologia da poesia do Rio Grande do Norte*. Natal: EDUFRN, 199-.
- MOTA, Mauro. *Itinerário da poesia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio/ Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação e Cultura, 1975.
- MELO, Paulo de Tarso Correia de. *Natal: secreta biografia*. Natal: Fundação José Augusto – Fundação Santa Maria, 1994.
- _____. *Folhetim cordial da guerra em Natal e cordial folhetim da guerra em Parnamirim*. Natal: EDUFRN, 1994.
- MELO, Protásio Pinheiro de. *Parnamirim e Natal na 2ª Guerra Mundial*. Natal: UFRN/PRAEU, 1982. (Série Memória).
- MELO, Protásio Pinheiro de. *A contribuição norte-americana à vida natalense*. Brasília: [s.n.], 1993.
- MOURA, Pedro Rebouças de. *Fatos da História do Rio Grande do Norte*. 1. ed. Natal: CERN, 1986.
- NUNES, Raimundo. *Sociologia do Grande Ponto*. João Pessoa: [s.n.], 1985.

- ONOFRE JR., Manoel. *Breviário da cidade do Natal*. Natal: Clima, 1984.
- PASSOS, Rubens de Souza. *Natal em perfil*. Publicação do Mandato Popular Vereador Fernando Mineiro. Natal: [s.n.], [s.d.].
- PINTO, Lauro. *Natal que eu vi*. Natal: Imprensa Universitária, 1971.
- PINTO, Lenine. *Natal, RN*. [S.l.: s.n.], 1975.
- _____. *Os americanos em Natal*. Brasília: [s.n.], 1976.
- _____. *Natal, USA. II Guerra Mundial: A participação do Brasil no Teatro de Operações do Atlântico Sul*. Natal: [s.n.], 1995.
- SANTOS, Racine. *Anti-roteiro da cidade do Natal*. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 1972.
- SEVERO NETO, Augusto. *De líricos e de loucos*. Natal: Clima, 1980.
- SMITH JR., Clyde. *Trampolim para a Vitória*. Natal: EDUFRN, 1993.
- SOBREIRA, Francisco. *Crônica do amor e do ódio*. Natal: [s.n.], 1997.
- TRINDAD, Socorro (Org.). *Grande Ponto*: Laboratório de Criatividade. Natal: UFRN/EDUFRN, 1981.

Material de pesquisa

Sonoro

BARBALHO, Grácio. Músicas brasileiras da década de 40/50 sobre a Segunda Guerra.

MEDEIROS, Walter. *O Brasil na Segunda Guerra*. Gravação do programa de rádio em português transmitido por radiodifusão em circuito aberto pela emissora BBC de Londres, 1996.

Entrevistas

CUNHA, Ayres. Promotor cultural.

FURTADO, Alvamar. Personagem dos fatos históricos pesquisados.

LOPES JUNIOR, Onofre. Pesquisador autônomo informal sobre aspectos da Segunda Guerra em Natal.

MADRUGA, Woden. Presidente da Fundação José Augusto/1997, órgão do Governo do Estado de fomento à cultura.

MELO, Paulo de Tarso Correia de. Autor de livros sobre a Segunda Guerra em Natal.

MELO, Protásio Pinheiro de. Professor de português dos americanos na década de 1940 e autor de livros sobre a Segunda Guerra em Natal.

OLIVEIRA, Hélio de. Coordenador de Museologia da Fundação José Augusto/1997.

OLIVEIRA, Marcelo Fernandes de. Colecionador de peças referentes à Segunda Guerra em Natal.

OLIVEIRA, Salomão Borges de. Empresário, primeiro funcionário dos americanos em Natal.

PINTO, Lenine. Autor de livros sobre a Segunda Guerra em Natal.

RAYMOND, Cinira. Divorciada de um cabo da Força Aérea Americana, que serviu no Parnamirim Field na época da Segunda Guerra.

RÊGO, Terezinha Lemos. Comerciante aposentada e personagem dos fatos históricos pesquisados.

RÊGO, Vanilde de Souza. Diretor do Arquivo Público Estadual/1997.

SANTOS, Racine. Dramaturgo e autor de peça de teatro sobre a Segunda Guerra em Natal.

SEREJO, Vicente. Jornalista, pesquisador da cultura local.

SILVA, Abimael. Sebista e promotor cultural.

SIQUEIRA, Cleantho Homem de. Veterano da Força Expedicionária Brasileira.

SOARES, Carlos José. Artista plástico, estudioso da cultura local.

VALLE, Luís Augusto Maranhão. Colecionar de peças e documentos históricos referentes à Segunda Guerra em Natal.

WANDERLEY, Maria Emilia. Pesquisadora autônoma informal sobre aspectos da Segunda Guerra em Natal.

Filmico

BRASIL DE ONTEM, HOJE, AMANHÃ – filme do CATRE- Centro de Aplicações Táticas e Recompletamento de Equipagens – de informação e treinamento aos soldados.

DOENÇAS VENÉREAS NO EXÉRCITO – filme do CATRE produzido pelos norte-americanos em forma de drama alertando para o perigo das doenças venéreas e como se prevenir.

FOR ALL – filme; direção: Luís Carlos Lacerda, 1997.

NATAL-BELÉM – filme do CATRE produzido pelos norte-americanos sobre rotas de guerra a partir de Natal; Natal, década de 40.

Impresso

A REPÚBLICA – 136 edições do jornal publicadas entre 1/1/1941 e 31/12/1946.

A ORDEM – 20 edições do jornal publicadas entre 19/8/1942 e 12/6/1946.

BASE ALMIRANTE ARI PARREIRAS – Compilação de folhetos e revistas diversas da biblioteca da Base Naval de Natal sobre a Segunda Guerra em Natal.

BYE BYE NATAL – roteiro e cartaz da peça teatral de Racine Santos; direção: Moncho Rodrigues, Natal, 1996.

CALENDÁRIO 1998 E RELAÇÃO DE NAVIOS BRASILEIROS AFUNDADOS DURANTE A SEGUNDA GUERRA – Associação De Ex-Combatentes do Brasil/Secção Natal.

CARDÁPIO do bar *Black Out*.

CULT – Resenha da revista do Sindicato dos Bancários do Rio Grande do Norte publicada na edição de Setembro/1994, p. 4-5.

ESCUDOS DO CATRE – Resumo histórico e iconográfico (escudos) da Base Aérea de Natal.

FOLHA DE S. PAULO – 5 edições publicadas entre 7/4/1997 e 29/6/1998.

FOR ALL – Roteiro, folheto promocional e convite da TV Cabugi para a *avant première* do filme.

ISTOÉ – Reportagem “Base Aérea Brasil”. Edição de 26/7/98, p. 68 a 71.

JORNAL DE NATAL – Edições de 7/10/1996, 1/9/1997 e 20/10/1997.

JORNAL DO BRASIL – Reportagem “Uma história americana em Natal”, publicada na edição de 15/07/1997.

O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL – Texto da palestra do Cap. Cleantho Homem de Siqueira, realizada em 4/9/1995.

DIÁRIO DE NATAL – 54 edições publicadas entre 21/3/1942 e 8/4/1947 e 24 edições publicadas entre e 16/5/1998.

O ESTADO DE S. PAULO – Edição publicada em 13/1/1998.

MUNICÍPIOS EM DESTAQUE – Reportagem “Natal e Parnamirim: o Trampolim da vitória” publicada na edição nº 72, p. 38 a 40.

MUSEU HISTÓRICO DA AVIAÇÃO E DA II GUERRA – Anteprojeto da Fundação José Augusto. S/d.

MUSEU HISTÓRICO DA AVIAÇÃO E DA SEGUNDA GUERRA – Projeto da Fundação José Augusto, 1993.

PATROL SQUADRON 83/PATROL BOMBING SQUADRON 107 – Cronologia e história das pessoas e operações de voo (mimeo.) e caderno informativo sobre a 19ª Reunião Anual realizada em Natal/1997.

PEQUENO HISTÓRICO DO CATRE – Folheto mimeografado.

KNOBEE, Margarida. A encruzilhada do mundo. Reportagem In: *Problemas Brasileiros*, nº 308, abr./1995, p. 13-21.

SUPLEMENTO “HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE”/ Nº 11 – publicado pelo jornal *Tribuna do Norte*/1997.

THE SAT'D WEEKLY POST – Coleção encadernada do Museu histórico do CATRE. Edições publicadas entre 1945 e 1946.

TRIBUNA DO NORTE – 27 edições publicadas entre 25/7/1996 e 29/6/1998.

VEJA – reportagem “Nossos Americanos” – Edição de 10/10/1990, p. 19/20.

Videográfico

BYE BYE NATAL – videodocumentário da peça teatral de Racine Santos.

BRASIL NA SEGUNDA GUERRA – Série de 5 partes do programa Globo Repórter, TV Globo, 1996.

DOCUMENTÁRIO DO CATRE – Videodocumentário sobre a história da Base da Aeronáutica em Natal; produção do próprio CATRE.

FOR ALL – Reportagem do programa Fantástico da TV Globo, 1997.

FOREIGN FERRY NEWS EM VÍDEO – Imagens produzidas pelos alunos do curso de Comunicação Social da UFRN para a disciplina História do Jornalismo, 1997.

PAISAGENS URBANAS – videodocumentário – TV Cultura, SP, 1997.

NATAL NA SEGUNDA GRANDE GUERRA – videodocumentário; dir. Carlos Meirelles; produção: Núcleo de Tecnologia Educacional da UFRN/TVU/Natal, [s.d.].

Virtual

FOR ALL – *Home page* do filme. Site: <<http://www.forall.com.br>>.

JENNYCAM – *Home page*. Site: <<http://www.jennycam.com>>.

Acervos (fragmentos)

Abimael Silva

Alvamar Furtado

Arquivo Público Estadual

Associação dos Ex-Combatentes Do Brasil

Associação dos Veteranos da FEB – Seção RN

Bar Black Out

Base Naval Almirante Ary Parreiras – Natal/RN

Biblioteca Central Zila Mamede – UFRN

Centro de Treinamento e Recompletamento de Equipagens/CATRE – Natal/RN

Escola de Música da UFRN

Cinira Raymond
Clyde Smith Junior
Diário de Natal
Escola de Música – UFRN
Fundação José Augusto
Grácio Barbalho
Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
Instituto Nacional do Cinema
Josimey Costa da Silva
Lenine Pinto
Luís Augusto Maranhão Valle
Maria do Livramento Clementino
Paulo de Tarso Correia de Melo
Protásio Melo
Racine Santos
Rede Globo
Salomão Borges
Terezinha Rêgo
Núcleo de Tecnologia Educacional/Televisão Universitária do RN – UFRN
Walter Medeiros

Apêndices

Imagen sobre imagem: a Segunda Guerra em Natal

Videodocumentário pertencente ao acervo da Televisão Universitária do Rio Grande do Norte. Gravado em sistema NTSC; formato Betacam (produção) e VHS (exibição); 23 minutos e 44 segundos de duração; coordenação de pesquisa e direção de Josimey Costa da Silva, sob orientação da Profa. Dra. Maria da Conceição Almeida; assistência de pesquisa de Marcelo Henrique e Petras Furtado; roteiro de Josimey Costa e Petras Furtado; realização da TV Universitária do Rio Grande do Norte, em coprodução com o Grupo de Estudos da Complexidade/GRECOM, o Mestrado em Ciências Sociais e o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN (CCHLA).

Estrutura: Abertura com texto de Josimey Costa e imagens de locais históricos ou relacionados à temática; créditos iniciais; extratos dos depoimentos sobre a história do episódio; imagens da cidade com texto de Josimey Costa; depoimentos de produtores culturais e estudiosos da cultura local; imagens antigas da cidade (fotos) com texto de Josimey Costa; depoimentos sobre a história; imagens antigas com poema de Paulo de Tarso Correia de Melo; depoimentos sobre a história e sobre a teoria que embasa o enfoque escolhido; imagens atuais da cidade e atividades culturais com texto de Josimey Costa; depoimentos sobre a teoria; imagens atuais da cidade que sintetizam o enfoque; depoimento que sintetiza o enfoque; imagens dos objetos e pessoas que sintetizam o enfoque com poema de Aécio Cândido; créditos finais.

Depoimentos: Protásio Melo, Terezinha Rêgo, Lenine Pinto, Cinira Raymond, Salomão Borges, Cleantho Homem de Siqueira, Alvamar Furtado, Abimael Silva, Ayres Pessoa, Vicente Serejo, Maria do Livramento Clementino, Clyde Smith Junior, Brasília Ferreira e Maria da Conceição Almeida.

Narração: Josimey Costa / Tarcísio Gurgel

Produção: Marinalva Santos / Marcelo Tavares

Direção de imagem e fotografia: Cláudio Cavalcante

Maquiagem: Marinalva Santos

Maquinista: Geraldo Perez

Pesquisa musical: Cláudio Cavalcante

Arte: Exxa Comunicação

Poemas: *Folhetim Cordial da Guerra em Natal e Cordial Folhetim da Guerra em Parnamirim*, de Paulo de Tarso Correia de Melo e *Presente I*, de Aécio Cândido.

Músicas: *Polquinha Sertaneja* – Carlos Zens/Carlos Zens – *Choro Emocionado* – Carlos Zens/Carlos Zens – *Xote* – Carlos Zen/Carlos Zen – *Saudade do Potengi* – Oriano de Almeida/Oriano de Almeida – *Natal* – Oriano de Almeida/Oriano de Almeida – *Prelúdio nº 5* – Fidja Siqueira – *Reflexos* – Wigder e Banda Imaginária – *Ranchinho de Palha* – Quarteto de Cordas da UFRN – *Moonlight Serenade* – Glen Miller/Banda de Música do CATRE.

Excertos

JORNAL DIÁRIO DE NATAL

Acervo: Arquivo do *Diário de Natal*

1942

21/3 – Nº 706, p. sem numeração

Título: Esteve em Natal o cap. Elliot Roosevelt

Resumo da reportagem: Visitou autoridades e locais da cidade.

1/10 – Nº 697, p. sem numeração

Título: Entrevista: Cel. Knox

Resumo da reportagem: Entrevistado pela imprensa carioca, o Cel. Knox, secretário da Marinha dos EEUU, declarou que Natal é hoje um dos pontos mais fortificados do mundo.

1943

21/1 – Nº 776, p. 6

Título: Fez-se ouvir ontem, na praça Pedro Velho, uma banda de música norte americana

Resumo da reportagem: Constitui uma nota de grande sucesso a audição de ontem à noite, na Praça Pedro Velho, de uma banda de música da Marinha norte-americana.

29/1 – Nº 783, p. 1

Título: Conferenciaram em Natal os presidentes Vargas e Roosevelt

Resumo da reportagem: Extraordinário interesse despertado em toda a cidade. O povo superlotou o cais Tavares de Lira. Vivas ao nome do chefe nacional. Com fotografia.

29/01 – Nº 783, p. 5

Título: Transitou por Natal Kay Francis

Resumo da reportagem: Fala à reportagem a linda moreninha. Com foto.

2/2 – Nº 783, p. 3

Título: 29 bombardeiros norte-americanos desfilam, alta madrugada, na Base de Natal, em homenagem ao ministro Salgado Filho

14/4 – Nº 407, p. 4

Título: A Base de Natal

Resumo da reportagem: Homenagens de norte-americanos a Natal.

14/5 – Nº 429, p. 1

Título: Uma festa do U.S.O. Clube de Natal

Resumo da reportagem: Uma reunião dançante da qual deverão tomar parte, além das famílias natalenses, os representantes das forças armadas dos EEUU.

1/6 – Nº 446, p. 6

Título: O Memorial Day recebe homenagens em Natal

16/8 – Nº 510, p. 5

Título: A história em ação

Resumo: Propaganda de programa de rádio com ilustração.

4/10 – Nº 551, p. 6

Título: Natal está em privilegiada situação de turismo, mesmo depois da guerra

Resumo da reportagem: Uma interessante entrevista com o novo arrendatário do “Grande Hotel”.

1/12 – Nº 598, p. 7

Título: Humphrey Bogart está em Natal

21/12 – Nº 613, p. 8

Título: Grande êxito obteve o espetáculo de ontem – homenagem das forças norte-americanas as autoridades e famílias de Natal

29/12 – Nº 619, p. 2

Título: Inglês pelo rádio

Resumo da reportagem: O comitê regional da coordenação de assuntos interamericanos e a ZYB-5 inauguraram um programa de ensino teórico e prático em inglês.

1944

4/1 – Nº 623, p. 8

Título: Uma festa em Parnamirim

Resumo da reportagem: Depois de amanhã realizar-se-á uma festa em Parnamirim, sob os auspícios da *American Red Cross*.

16/3 – Nº 680, p. 1

Título: Madame Roosevelt: demorou-se em Natal diversos dias.

Conferência com a esposa do ministro Salgado Filho, embaixador Caffery e Sr^a. Osvaldo Aranha

Resumo da reportagem: Com fotografia.

25/3 – Nº 688, p. 8

Título: Visitando Natal, pronunciará conferências sobre sociologia

Resumo da reportagem: William R. Crawford, sociólogo, pronunciará conferência sobre clima intelectual nos EEUU.

25/3 – Nº 688, p. 2

Anúncio publicitário de relógio com aviador.

27/3 – Nº 689, p. sem numeração

Título: Chegou ontem a Natal o professor William Crawford

Resumo da reportagem: Pronunciará uma palestra na rádio Educadora. Encontrou Jorge Amado na Bahia, Gilberto Freyre em Pernambuco e em Natal, Câmara Cascudo.

5/8 – Nº 796, p. 1

Título: O 2º aniversário de instalação da Base Aérea de Natal: as solenidades de amanhã em Parnamirim

Resumo da reportagem: O dia de amanhã assinala o 2º aniversário da instalação da Base Aérea de Natal, que tanta importância tem tido na defesa da costa nordestina e da larga faixa do Atlântico Sul. Será encerrado o programa com um *cocktail* às autoridades, famílias e representantes da imprensa.

7/8 – Nº 797, p. 8

Título: As brilhantes comemorações realizadas ontem na Base Aérea

- A ordem do dia do coronel Souto
- Os discursos do coronel Alves Maia e do 1º tenente Samuel Bolshow

Resumo da reportagem: A influência da Base Aérea de Natal, que não foi somente condicionada pelo determinismo geográfico, mas também alicerçada pelo espírito cooperativo e o trabalho incansável dos brasileiros.

9/8 – Nº 799, p. 6

Título: O progresso de Natal

Resumo da reportagem: Autor: Antonio Viana. Natal se acha em grande desenvolvimento com o movimento de americanos. Antes da guerra, a Prefeitura Municipal desse Estado registrava a média de quatro casas por mês; hoje, quatro estão sendo construídos por dia.

30/8 – Nº 815, p. 2

Título: Cordialidade inter-americana

Resumo da reportagem: Os nossos amigos americanos do USO vão levar a efeito, hoje à noite, no teatro Carlos Gomes o show que organizaram para brindar os militares do destacamento de Natal. É um belo e autêntico gesto de gentileza e camaradagem esse, e como tal merece a simpatia de todos nós.

8/9 – Nº 824, p. 8

Título: A imponente parada militar de ontem – a participação de uma CIA do exército americano

25/9 – Nº 838, p. 8

Título: O “show” radiofônico de hoje na Radio Educadora de Natal

Resumo da reportagem: A Rádio Educadora e a direção do USO convidam para o show radiofônico que hoje será levado ao estúdio da emissora norte-rio-grandense. Participarão os conjuntos *The Jim Bombers* e *Harmony Four*, os quais se encontram em visita às bases aéreas do Atlântico Sul.

4/10 – Nº 845, p. sem numeração

Título: Buddy e Fontomas, sábado, no teatro Carlos Gomes

Resumo da reportagem: O movimento artístico de Natal aumentou. Governo e dos particulares promovem a vinda de artistas de renome nacional e internacional, brasileiros e estrangeiros, do rádio e do teatro.

23/12 – Nº 909, p. 2

Título: Rio Grande do Norte, sua economia, seu governo e seu pôvo

– Fala a esta fôlha o jornalista Djalma Maranhão

– Trampolim da vitória e Shangai

Resumo da reportagem: Natal rapidamente se transformou no Trampolim da Vitória. Chegou a dar impressão de cidade internacional, uma verdadeira Shangai, com homens e mulheres de todas as raças, enchendo as ruas e os hotéis com seus trajes bizarros, com suas línguas arrevesadas, que vêm “arejando” Natal.

28/12 – Nº 912, p. 8

Título: O U.S.O.: Show número 5 se apresentará nesta capital

Resumo da reportagem: No sábado próximo se exibirá, no teatro Carlos Gomes, o Show número 5 do USO, composto por artistas do Cassino da Urca.

1945

29/1 – Nº 936, p. 12

Título: Comemorará o U.S.O., no próximo dia 3, o seu 4º aniversário: atividades se realizarão no Town Club e no Beach Club

Resumo da reportagem: A *United Service Organization*, associação, que visa proporcionar aos soldados americanos, que lutam além das fronteiras da pátria, uma espécie de lar comum, comemorará o 4º aniversário de sua instalação em Natal.

4/4 – Nº 587, p. 8

Título: A 628th Military dará um concerto na Praça Pedro Velho

Resumo da reportagem: Realizar-se-á, no próximo sábado, 7 do corrente, às 19:30h, na Praça Pedro Velho, um concerto da 628th Military Band dos EEUU em homenagem ao Interventor Federal, General Antonio F. Dantas, autoridades e povo de Natal.

1/4 – Nº 661, p. 6

Título: Grupo escolar Presidente Roosevelt, Parnamirim

– Palestra sobre os Estados Unidos

Resumo da reportagem: O Comitê Inter-americano iniciará hoje, às 20 horas, série de conferências sobre assuntos americanos, o que coincide com o transcurso da data de aniversário da independência dos Estados Unidos.

10/4 – Nº 699, p. 7

Título: A força policial derrotou os “coloreds” da armada americana

Resumo da reportagem: Torneio de bola-ao-cesto entre Polícia Militar norte-rio-grandense, Marinha e Aeronáutica americana.

2/5 – Nº 717, p. 7

Título: Vitória dos yankees no jogo revanche com a força policial

Resumo da reportagem: Revanche de bola-ao-cesto entre as policias militar brasileira e americana. Houve execução dos hinos brasileiro e americano.

27/5 – Nº 873, p. 8

Título: A espionagem nazi-integral-facista no Rio Grande do Norte

– Atividades perniciosas ao interesse nacional

– Lucks, Burgers, Werbelling e Lettieri, condenados á 14 anos de prisão pelo Tribunal de Segurança Nacional – A sentença do juiz Eronides de Carvalho.

24/6 – Nº 762, p. sem numeração

Título: Natal, encruzilhada dos destinos

– O intenso movimento de forasteiros no ‘Grande Hotel’

– A segunda frente ao inverso – africanos, chineses, turcos, árabes e persas: o mundo condensado no hall de um dos hotéis mais conhecidos do globo

Resumo da reportagem: Como um *movietone*, o mundo desfila em Natal. O centro de atração é o Grande Hotel onde se reúnem, por algumas horas ou por muitos dias, homens do deserto, do gelo ou das planícies, pessoas que jamais sonharam vir para Natal e que nos visitam graças às contingências da guerra. Depois da guerra, o mundo voltará a passar em Natal, porque de agora em diante, o seu posto de trampolim da América não será arrancado.

5/10 – Nº 736, p. 6

Título: Natal – Base Aérea que o Brasil tem como trunfo na competição do comércio aéreo futuro

– Fala no Rio um tecnico norte-americano sobre as possibilidades estratégicas da capital norte-rio-grandense

Resumo da reportagem: O professor Richard M. Smith, diretor do Departamento Engenharia Aeronáutica do MIT, proferiu conferência sobre o “O Brasil, futura potência aérea” [...] “Todo o comércio aéreo de sudoeste a nordeste, de noroeste a sudeste e de este a oeste, que atravessa o Atlântico à altura do Equador, entre quaisquer países, tem que chegar a uma Base Aérea em Natal e de lá partir. Muitos poucos, talvez nenhum aeroporto nas linhas internacionais esteja tão maravilhosamente situado sob o ponto de vista estratégico”.

1946

12/1 – Nº 813, p. 2

Título: O desastre da fortaleza voadora: ainda não localizadas as outras 3 vítimas
– Foi realizado o enterramento de 4 aviadores

Resumo da reportagem: Foram sepultados ontem, no cemitério do Alecrim, 4 pilotos norte-americanos, com a presença do Interventor Federal, José Fernandes, e autoridades americanas e brasileiras.

4/2 – Nº 832, p. sem numeração

Título: 5º aniversário do U.S.O

– Festividades sociais comemorativas, logo à noite

Resumo da reportagem: USO – “United Service Organization”, organização americana que objetiva proporcionar diversão a “sargentos e inferiores das forças norte-americanas” nas bases de operações. Comemoração em Natal é no USO *Town Club*, para autoridades americanas e brasileiras. No Brasil há *clubs* em Belém, Fortaleza, Natal (2), Recife (2), Maceió e Bahia. Alguns fechados com o término da guerra. Astros vistos no USO em Natal: comediante Jack Benny, cantores Jeanette Mac Donald e Nelson Eddy, atores Humphrey Bogart e Francis Langford, entre outros. Entre os brasileiros, estiveram Grande Otelo, Carmem Costa e Paulo Sobral.

21/2 – Nº 846, p. 6

Título: Material americano usado vendido em Parnamirim

Resumo da reportagem: Há cerca de duas semanas as autoridades americanas em Parnamirim expuseram à venda um lote de veículos, considerados, terminada a guerra, material supérfluo às forças armadas do país-irmão no nordeste brasileiro. O lote em questão era composto de 124 veículos.

11/3 – Nº 859, p. 6

Título: Natal sob o império de especulações abusivas

Resumo da reportagem: Durante a guerra, houve aumento do custo de vida em geral. Naqueles dias, comerciantes tiveram liberdade para aumentar a seu talante o preço de tudo quanto americano pudesse comprar. Hoje, entretanto, não há mais guerra, os americanos foram quase todos embora e o suprimento de gêneros e manufaturados do sul estão chegando com maior regularidade, mas os preços continuam altos...

16/4 – Nº 889, p. 3

Título: As Bases militares do Brasil á disposição da defesa inter-americana

Resumo da reportagem: Apura-se que o Brasil, no seu projeto para o tratado de defesa mútua inter-americana, oferece o uso das Bases que foram utilizadas durante a guerra em Natal, Belém e Recife.

31/5 – Nº 924, p. 6

Título: Problemas natalenses e planos urbanísticos

Resumo da reportagem: Com a diminuição sensível das atividades militares americanas em Parnamirim, centenas de pessoas vêm ficando sem emprego.

10/06 – Nº 932, p. 6

Festas de despedidas do U.S.O., no Hipico

Título: Desmobilizados, regressam á pátria

Resumo da reportagem: Após terem sido desmobilizados, aguardam transportes para os EEUU diversos soldados americanos da Base Aérea de Parnamirim. Nos salões do clube Hípica, esses rapazes serão homenageados.

15/7 – Nº 960, p. 1

Título: Retirada das tropas americanas nas Bases do Brasil

Resumo da reportagem: Um acordo entre Brasil e Estados Unidos para aquisição da propriedade norte-americana excedente ainda no país irá apressar a retirada das tropas americanas ainda aqui estacionadas.

3/8 – Nº 976, p. 6

Título: Natal hospeda, hoje, o general Eisenhower

Resumo da reportagem: Chegou, às 15 horas, o chefe do Estado Maior do Exército dos EEUU.

5/8 – Nº 977, p. 1

Título: “Se Parnamirim tivesse caido, estariam em perigo a liberdade e a defesa das democracias”

Resumo da reportagem: Eisenhower declarou que “se por acaso, o inimigo tivesse tentado um golpe de mão a fim apoderar-se de Parnamirim, sentiríamos em perigo a liberdade e a defesa da democracia. Durante a guerra, nós americanos olhavamos Parnamirim como um ponto decisivo para a defesa das democracias”.

4/10 – Nº 1027, p. sem numeração

Título: Transferência do comando em Parnamirim

– Iniciada a entrega definitiva ao Brasil da importante Base Aérea

Resumo da reportagem: Dia 1º do corrente houve o ato de transferência do comando da Base. A entrega da Base depende ainda do inventário do material a receber, processo iniciado há semanas e que só terminará cerca de 30/11.

5/10 – Nº 1028, p. sem numeração

Título: Afirma a reportagem o coronel Miller: “Jamais os EEUU mantiveram tropas de ocupação em Natal”

Resumo da reportagem: “Na acepção, os EEUU jamais tiveram em Natal tropas de ocupação ou material bélico. O que foi mantido aqui foram técnicos e operários especializados, convocados para cuidar os serviços de operação e manutenção, devido ao intenso tráfego militar”.

9/10 – Nº 1031, p. 2

Título: Diante do corredor da vitória

Resumo da reportagem: Artigo de Assis Chateaubriand sobre importância na guerra.

Dados da Base:

– 965 pessoas trabalhando entre militares e especialistas;

– 5000 brasileiros empregados em Parnamirim;

– 200 a 300 aviões por dia manobravam na Base.

1947

21/1 – Nº 1104, p. 6

Título: O “Jeep” em que Roosevelt percorreu a Base será instalado na estação de Parnamirim

Resumo da reportagem: O primeiro comandante brasileiro da Base de Parnamirim, coronel Canabarro Lucas afirmou que desde quando assumiu a Base, opinava pela conservação em museu do “Jeep” em que percorreu a Base o presidente Roosevelt. Foi então que decidiu preparar um recinto especial para o “Jeep” que será cercado pelas bandeiras das Nações Unidas em homenagem ao “cidadão do mundo” e nas paredes serão gravadas frases celebres do notável estadista.

30/1 – Nº 1112, p. 1

Título: Homenagem á memória de Roosevelt

– Desde ontem, encontra-se em Natal o general Gordon P. Saville

Resumo da reportagem: Realizar-se-á hoje, na Base de Parnamirim, uma festividade de caráter cívico, na qual será homenageada a memória do saudoso presidente Franklin D. Roosevelt.

3/2 – Nº 1115, p. 6

Título: A cidade

Resumo da reportagem: Parnamirim é, e continuará a ser, no futuro, um ponto de vital importância quer na paz, quer na guerra e todos os povos do mundo enxergam isso perfeitamente. Parnamirim prestou ao país e ao mundo serviços de inestimável valia e que só o futuro, quando forem esclarecidas as operações de guerra, poderá testemunhar.

31/3 – Nº 1156, p. 1

Título: Altas homenagens aos mortos americanos em Natal

– Aguardado o navio para o transporte dos restos mortais

Resumo da reportagem: O prefeito da capital determinará os necessários serviços para a construção de um monumento no cemitério do Alecrim onde estiveram enterrados os americanos.

8/4 – Nº 1161, p. 1

Título: Embarque, para os EEUU, dos despojos mortais dos soldados americanos

Resumo da reportagem: No próximo dia 10, quinta feira, às 9 horas da manhã, realizar-se-á o embarque, com destino aos EEUU, dos despojos mortais dos oficiais, soldados, aviadores e marinheiros americanos mortos durante a guerra, que até então estão sepultados no cemitério do Alecrim.

10/4 – Nº 1163, p. 6

Título: Morreram pela Pátria, em terras estrangeiras

Resumo da reportagem: 214 caixões encimados pelo pavilhão americano foram conduzidos em caminhões do Exército Brasileiro e da FAB desde Parnamirim até o cais do porto.

1996

Recorte sem data – Geral, p. 8

Título: Chegada de Roosevelt foi filmada ontem

Resumo da reportagem: Na manhã do dia anterior, foi filmado um dos pontos altos do filme *For all*, que é a visita dos presidentes Vargas e Roosevelt a Natal.

1997

Recorte sem data – Lazer e Cultura, p. 6

Título: Gramado apresenta os filmes estrangeiros de 97

Resumo da reportagem: Apresenta lista de concorrentes ao Kikito de Ouro em Gramado. Foto da cena do *For all* (visita de Vargas a Natal).

5/7 – Roda Viva, p. 2

Título: Reencontro

Resumo da reportagem: Visita de 25 americanos que viveram em Natal na Segunda Guerra.

6/7 – Lazer e Cultura, p. 2

Título: Os americanos chegaram (1)

Resumo da reportagem: Texto composto da primeira parte do livro “Feriado Municipal” de Geraldo Edson de Andrade, onde o autor revive a chegada dos norte-americanos à Natal com fotos da época.

10/7 – Lazer e Cultura, p. 6

Título: Sai listagem das mostras de Gramado

Resumo da reportagem: Lista oficial dos participantes do Festival de Gramado. Destaque para *For all* com foto da visita de Vargas.

13/7 – Lazer e Cultura, p. 2

Título: Os americanos chegaram (2)

Resumo da reportagem: Continuação do conto de Geraldo Edson de Andrade sobre norte-americanos em Natal. Foto do anfiteatro da Base Aérea.

23/7 – Cidades, p. 2

Título: Morre a Dama das Camélias

Resumo da reportagem: Vítima de trombose, aos 77 anos de idade, faleceu Maria Oliveira de Barros – “Maria Boa” – proprietária do bordel que marcou época na cidade. Foto do enterro.

Título: Morena brejeira, era também uma lady

Resumo da reportagem: Artigo de Cassiano Arruda sobre o personagem Maria Boa, sugerindo no final que sua vida daria um enredo de filme, a exemplo de *For all*.

Título: Ação trabalhista continua, diz Lopo

Resumo da reportagem: O advogado de cinco ex-prostitutas que interpelaram Maria Boa na Justiça do Trabalho garante que o processo continuará, apesar da morte.

Título: Três depoimentos, três histórias

Resumo da reportagem: O cardiologista Hellen Costa, o ex-governador Lavoisier Maia e o advogado Ney Marinho relembram histórias vividas na casa ou ao lado de Maria Boa.

25/7 – Roda Viva, p. 2

Título: Nota

Resumo da nota: Os problemas enfrentados para a instalação do museu da aviação em Natal.

Título: Red Cap

Resumo da nota: A procura de um rapaz que serviu de guia para pilotos americanos na segunda guerra e por eles apelidado de *Red Cap*. A busca deve-se à visita de ex-soldados americanos que serviram em Natal. Foto do procurado.

29/7 – Vestibular, p. 1

Título: Natal na II Guerra Mundial

Resumo da reportagem: Pequeno resumo da participação da cidade na segunda guerra mundial. Imagem do filme *For all* – visita de Vargas.

19/8 – Cidades, p. 4

Título: Ex-pracinhas dos EUA chegam à cidade

Resumo da reportagem: Chegada de ex-pracinhas americanos à cidade e programação da visita.

19/8 – Lazer e Cultura, p. 6

Título: Jurados de Gramado preferem mediocridade contra ousadia

Resumo da reportagem: Artigo de Luiz Zanin Oricchio (Agência Estado) sobre premiação do festival de cinema de Gramado. Com imagem de *For all*.

19/8 – Roda Viva, p. 2

Título: Acervo

Resumo da reportagem: Acervo sobre a história da aviação do fotógrafo João Alves pode virar livro com o apoio do governador.

20/8 – Cidades, p. 6

Título: Recordações da Guerra

Resumo da reportagem: 16 ex-combatentes dos EUA desembarcaram ontem em Natal. Eles faziam parte do Esquadrão VP83, que tinha função de vigiar e guardar as costas do Atlântico Sul. Todos relembraram histórias como a de Oscar Brooks, que afirmou que havia ordens durante a guerra para não se casarem com brasileiras. Fotos da época e atuais.

21/8 – Cidades, p. 6

Título: Diversão no ex-campo de batalha

Resumo da reportagem: Pontos visitados por ex-combatentes. Com foto.

Título: Encontro é uma confraternização

Resumo da reportagem: Apesar de ser a 19ª Reunião do Esquadrão VP83, esta foi a primeira vez que ela foi realizada fora dos EUA. A ideia de trazer o encontro para cá foi do comerciante Salomão Borges, primeiro funcionário na Base de Parnamirim.

23/8 – Cidades, p. 5

Título: Ex-combatentes visitam o CATRE

Resumo da reportagem: Visita ao CATRE de ex-combatentes, que relembram histórias. Com fotos.

24/8 – Roda Viva, p. 2

Título: Cinema

Resumo da reportagem: Os prêmios conquistados por *For all* devem atrasar o seu lançamento comercial previsto inicialmente para dezembro.

26/9 – Lazer e Cultura, p. 4

Título: Crônica de Natal na II Guerra

Resumo da reportagem: Lançamento do livro “Crônica do amor e do ódio” de Francisco Sobreira, cuja crônica que dá nome ao livro remete a Natal da Segunda Guerra. Foto do autor.

19/10 – Cidades, p. 10

Título: Empresário organiza valioso museu sobre a segunda guerra

Resumo da reportagem: Planos do empresário Leonardo Barata para construir um museu sobre a Segunda Guerra em Natal. Foto da época da guerra.

24/10 – Podium, p. 2

Título: Viagem

Resumo da reportagem: Mais informações obtidas pelo pesquisador Barata, entre elas um superfaturamento de uma ponte pelo prefeito de Natal, na época Gentil Ferreira, além de filmes que mostram Vargas e Roosevelt passeando por Ponta Negra.

9/11 – Cidades, p. 1

Título: Vestígios de uma guerra

Resumo da reportagem: Mergulhadores e colecionadores buscam no fundo do mar destroços de aviões utilizados durante a Segunda Guerra em Natal. Com foto.

Título: Localização determinou a Base

Resumo da reportagem: Dados sobre criação da Base em Natal, devido à localização geográfica.

1998

6/3 – Lazer e Cultura, p. 1

Título: Trampolim da memória

Resumo da reportagem: Matéria sobre o lançamento do documentário *Imagem sobre imagem*, que ajuda a entender Natal na Segunda Guerra. Fotos da documentarista e imagem da época.

17/3 – Muito, p. 6

Título: For all tem reprise hoje à tarde

Resumo da reportagem: Entrevista com Luiz Carlos Lacerda, diretor de *For all*, que rebate os críticos de cinema. Foto do diretor.

18/3 – Muito, p. 1

Título: Para Todos

Resumo da reportagem: Auditório lotado. Finalmente, às 21h, entra em cena *For all*, que superou todas as expectativas de público do penúltimo dia de Festival. Com fotos.

12/5 – Muito, p. 1

Título: *For all* decola para o sucesso

Resumo da reportagem: Pré-estreia de lançamento do filme na Base Aérea de Parnamirim contou com a presença de atores e grande público. Com fotos.

16/5 – Urgente, p. 8

Título: DN participa da exposição dos anos 40

Resumo da reportagem: Evento da Capitania da Artes que reuniu pesquisadores e objetos que se relacionam com o tema “Americanos em Natal”. Com foto.

JORNAL *A ORDEM*

Acervo: Biblioteca Central Zila Mamede/UFRN

1942

19/8 – Nº 2049, p. sem numeração

Título: A reação dos brasileiros contra os brutais ataques nazistas

Resumo da reportagem: Sobre manifestações contra o afundamento de 4 navios.

24/8 – Nº 2053, p. sem numeração

Título: Brasil declara guerra a Alemanha e Itália (I)

– De passagem por esta capital o embaixador dos EEUU no Brasil, Jeferson Caffery

31/8 – Nº 2058, p. sem numeração

Título: Passou por Natal o ex-candidato a presidência dos EEUU

Resumo da reportagem: Com destino ao Oriente próximo, transitou, dia 28 do corrente, por Natal, o Sr. Wendell Wilkie...

4/9 – Nº 2061, p. sem numeração

Título: Campanha de defesa passiva de Natal

Resumo da reportagem: Será inaugurada amanhã, nesta capital, sob o patrocínio do verpertino *O Diário* aulas que visam o preparo psicológico e físico da população.

9/9 – Nº 2064, p. sem numeração

Título: Instalada nesta capital a Liga de Defesa Passiva

21/10 – Nº 2100, p. sem numeração

Título: Comunicado: Diretório Regional do Serviço de defesa Passiva Anti-Aéreo

Resumo da reportagem: Comunicação de ensaio de defesa nos dias 23, 24 e 25, com ocorrência de *blackout*.

1943

29/1 – Nº 2177, p. sem numeração

Título: Roosevelt e Vargas em Natal

Resumo da reportagem: Encontro sensacional, ontem, nesta cidade dos dois maiores estadista do continente americano.

30/1 – Nº 2178, p. sem numeração

Título: Pormenores, fornecidos pela Agência Nacional sobre memorável entrevista, em Natal, dos presidentes Vargas e Roosevelt

1/6 – Nº 2275, p. sem numeração

Título: Em memória dos norte americanos mortos a serviço da pátria

Resumo da reportagem: Domingo, às 6 horas, no cemitério do Alecrim houve uma homenagem aos soldados americanos mortos.

14/10 – Nº 2388, p. sem numeração

Título: Fala sobre sua viagem ao nordeste o chanceler Osvaldo Aranha

Resumo da reportagem: "...Natal é um dos mais poderosos bastiões da luta contra a bárbarie nazistas..." .

2/12 – Nº 2426, p. sem numeração

Título: Os representantes da imprensa natalense foram recepcionados ontem, pelo comando dos EEUU na Base Aérea de Parnamirim.

1945

4/1 – Nº 2738, p. sem numeração

Título: Na Base de Parnamirim

Resumo da reportagem: Brilhante festividade de intercâmbio americano-brasileiro teve lugar no dia de ano bom [...] constante de um *cocktail* oferecido as nossas autoridades civis e militares pelo Cel. Cortland Johnson.

9/1 – Nº 2740, p. 4

Título: A bolsa de estudos na Escola de Aviação de Oklahoma

Resumo da reportagem: 11 jovens filhos do RN na Base Aérea de Parnamirim passaram os dois primeiros anos de seus estudos e agora irão para os EEUU.

12/1 – Nº 2743, p. 5

Título: Cel. Thomas Ferguson

Resumo da reportagem: Assumiu, esta semana, o cargo de comandante da divisão do Atlântico Sul do Comando de Transporte Aéreo dos EEUU, em Parnamirim.

30/1 – Nº 2758, p. 6

Título: Visitaram Natal os generais Walsh e Wooten

24/2 – Nº 2777, p. 3

Título: A cerimônia de onte-ontem em Parnamirim – comemorativa da data de nascimento de G. Washington

5/7 – Nº 2871, p. 2

Título: Comemorado ontem o dia da independência dos EEUU

7/7 – Nº 2873, p. 6

Título: Transitará amanhã por Natal, o Gal. Mascarenhas de Moraes

Resumo da reportagem: Natal será o primeiro ponto do Brasil, a ser pisado pelo bravo comandante... Em Parnamirim será recepcionado com honras militares...

16/7 – Nº 2879, p. 1

Título: Esteve em Natal o general Mark Clark

Resumo da reportagem: O general-comandante do 5^a Exército, desceu em Parnamirim.

12/6 – Nº 3151, p. 1

Título: Passa por Natal o ministro Dodsworth

Resumo da reportagem: O titular da pasta da Marinha dos EEUU foi recepcionado em Parnamirim.

JORNAL A REPÚBLICA

Acervo: Arquivo Público Estadual

1941

1/7 – p. 10

Título: Noticiário da guerra

Resumo da reportagem: Acontecimentos na Europa.

1/7 – p. 12

Título: Contra-almirante Ary Parreiras – chefe dos serviços de construção da Base Naval de Natal

3/7 – p. 1

Resumo da reportagem: Góes Monteiro, militar, dá depoimento prevendo guerra entre dois continentes; Brasil vulnerável pela vizinhança com Dakar.

Obs.: Todas as edições deste período têm noticiário da guerra.

6/7 – p. sem numeração

Resumo da reportagem: Discurso de Getúlio Vargas em 4/7, saudando os Estados Unidos da América.

8/7 – p. 7

Título: Comissão da instalação da Base Naval de Natal

Resumo: Editorial

13/7 – p. 3

Resumo: Edital fala da colaboração dos estrangeiros para a grandeza do Brasil

Resumo da reportagem: Salões do Aero Clube “abertos para elegante matinal dan-sante” (clube local ligado ao Aero Clube do Brasil).

1/8 – p. 8

Resumo da reportagem: Festa no Aero Clube para homenagear oficiais da Marinha de Guerra em Natal.

13/9 – p. 1

Resumo da reportagem: Dia 12, Roosevelt dá ordens de ataque a navios e aviões alemães e italianos em território defendido pelos EUA.

Obs.: Quase todas as notícias são nacionais, uma pequena parte é internacional e local.

8/10 – p. 1

Resumo da reportagem: Gal. Cordeiro de Farias assumiu a 7^a Região Militar.

10/10 – p. 1

Resumo da reportagem: Atividades do Almirante Ary Parreiras – Chefe da Seção da base Naval de Natal.

14/11 – p. 1

Título: Aviões da Força Aérea Brasileira sob os céus de Natal.

1942

4/1 – p. 1

Resumo da reportagem: Noticiário da Guerra na Europa.

6/1 – p. 1

Resumo da reportagem: Noticiário da Guerra na Europa.

8/1 – p. 1

Resumo da reportagem: Atividades da comissão de instalação da Base Naval.

30/1 – p. 1

Resumo da reportagem: Discussão sobre a neutralidade do Brasil.

5/2 – p. 1

Resumo da reportagem: Visita do General Cordeiro de Farias a Natal.

8/2 – p. 1

Título: O RN e a solidariedade continental

12/2 – p. 1

Resumo da reportagem: Manifestação pública dos natalenses sobre a guerra.

4/3 – p. 3

Resumo da reportagem: Informações sobre a instalação da Base Aérea em Natal.

Título: Exercício e disciplina de extinção de luzes

Resumo da reportagem: Orientação à população sobre os *blackouts*.

5/3 – p. 3

Título: Natal sob blackout

Resumo da reportagem: Informações sobre acordos com os EUA e os exercícios de apagamento das luzes de Natal que irão acontecer.

7/3 – p. 3

Resumo da reportagem: Notícia sobre o decreto governamental que criou a Base Aérea de Natal.

1/4 – p. 1

Resumo da reportagem: Comentários sobre as características do homem nordestino, que se fez forte para enfrentar a guerra.

5/4 – p. 1

Título: A guerra e o papel do RN

2/6 – p. 1

Resumo da reportagem: Orientações sobre a defesa passiva antiaérea, com referências aos futuros *blackouts*.

1/7 – p. 1

Resumo da reportagem: Primeira página tomada de notícias sobre a guerra.

Obs.: Fato se repete nas edições publicadas após a instalação da Base.

3/7 – p. 3

Resumo da reportagem: Espécie de editorial fala da especulação, dos custos abusivos de gêneros e da majoração de preços do material de construção e das passagens entre Natal e Parnamirim, Macaíba etc.

Obs. 1: Os editoriais insuflam o orgulho do natalense em participar da guerra; as colunas sociais não falam dos americanos.

Obs. 2: Muitas edições entre julho e agosto sem grandes referencias à presença norte-americana em Natal.

19/8 – p. 1

Resumo da reportagem: Solidariedade dos natalenses a Vargas pelo afundamento de 5 navios da frota brasileira. Texto fala sobre a comoção.

Obs.: Brasil declara guerra ao eixo em 22/8/42; a partir de agosto jornal começa a publicar fotos, a maioria das agências internacionais e sobre a guerra nos EUA e Europa. Colunas sociais refletem apoio de enfermagem das mulheres natalenses na guerra.

9/9 – p. 5

Resumo da reportagem: Primeiros exercícios de “black out” no Rio.

Obs.: O jornal, como imprensa “oficial” (ligada à Intendência) não reflete a revolução dos costumes com os americanos.

8/10 – p. 7

Resumo da reportagem: Nota conclama os natalenses a participarem do serviço de defesa passiva da prefeitura, em obediência ao decreto presidencial.

Obs.: A programação da REN – Rádio Educativa de Natal (hoje, Rádio Poti), era publicada diariamente e só referia à guerra no noticiário jornalístico.

9/10 – p. 7

Título: Na sociedade e no lar

Resumo da reportagem: Coluna fala das mudanças de comportamento dos jovens locais com a vinda dos americanos para Natal como “elemento nocivo e deprimente”.

6/11 – p. 3

Resumo da reportagem: Editorial em defesa do abrigo público.

15/11 – p. 1

Resumo da reportagem: Visita de personalidade do Congo Belga vinda de “Nova York”.

15/11 – p. 11

Título: Motivos para uma meditação

Resumo da reportagem: Artigo de Aluizio Alves fala sobre a guerra.

17/11 – p. 1

Resumo da reportagem: Maior parte do noticiário é sobre o *black out* na cidade.

17/11 – p. 2

Título: Natal e a realidade da guerra

Resumo da reportagem: Entrevista com o Gal. Cordeiro de Farias sobre estratégia bélica.

26/11 – p. 12

Resumo da reportagem: Nota sobre festa de Ação de Graças nos EUA.

26/11 – p. 8

Anúncio publicitário de seguros relacionando o *black out* à árvore de Natal, com referências ao conflito.

26/11 – p. 11

Edital da Base Aérea de Natal.

Obs.: A falta de gêneros (carne verde) gera diversas notícias e editoriais nesta edição e seguintes.

18/12 – p.7

Título: Na sociedade e no lar

Resumo da reportagem: Colunista Danilo fala sobre a Base Naval de Natal em festa pelo dia do reservista.

22/12 – p. 3

Resumo da reportagem: Editorial sobre o *black out*, pedindo vedação das janelas e portas.

25/12 – p. 11

Título: Noite de Natal silenciosa

Resumo da reportagem: Coluna *Na sociedade e no lar* manifesta preocupação com a guerra, parecendo revelar um sentimento da cidade para além do noticiário oficial.

31/12 – p. 12

Resumo da reportagem: Baile no Aero com pouca iluminação por causa do *black out*.

1943

1/1 – p. 1

Resumo da reportagem: Suspensos o *black out*.

1/1 – p. 3

Resumo da reportagem: Notificação para residências que descumpriram o *black out*.

19/1 – p. 1

Resumo da reportagem: Visita do ministro da aeronáutica, Salgado Filho, à Base de Natal

Obs.: Hoje, esse personagem dá nome a um trecho da rodovia BR-101, em Natal, antiga pista, que ligava Natal à Base de Parnamirim.

24/1 – p. 7

Anúncio publicitário da Esso mostra ilustração de navios de guerra.

Obs.: Os jornais até agora falam muito pouco da visita de artistas nacionais e estrangeiros e personalidades renomadas a Natal.

28/1 – p. 7

Título: Confissões de um espião nazista

Resumo: Anúncio do cinema Rex fala sobre o lançamento do filme e eleva a atividade à categoria de tribuna livre.

30/1 – p. 1

Título: Conferenciam em Natal os presidentes Vargas e Roosevelt

Resumo da reportagem: Quase a página inteira só com esse assunto, mostrando fotos do Gal.Giraud, Gal. De Gaulle, *premier* Winston Churchill e Presidente Roosevelt; as imagens têm referências nitidamente estrangeiras inseridas no imaginário local.

2/3 – p. 8

Resumo da reportagem: referência à comemoração de um ano do primeiro *black out* no Brasil.

25/3 – p. 5

Anúncio publicitário da Rádio Educadora de Natal sobre *A marcha da guerra*, programa de comentários de segunda a sexta-feira.

25/3 – p. 7

Anúncio publicitário sobre o programa *Esírito de vitória*, também debatendo a guerra, às quintas-feiras.

17/4 – p. 1

Resumo da reportagem: Características do avião do almirante Ary Parreiras, chefe da comissão de instalação da Base Naval de Natal, são manchete de primeira página.

8/5 – p. 8

Resumo da reportagem: Texto com foto da aviadora Anésia Pinheiro Machado, que fará curso pela *Pan-American Airways*.

16/5 – p. 1

Resumo da reportagem: Transcrição de texto do jornal *A Tarde*, de Ribeirão Preto, que trata de Natal como símbolo nacional por causa da guerra.

17/6 – p. 8

Resumo da reportagem: Matéria informa que voltarão os “exercícios de escurecimento total” na cidade.

Obs.: Não usam o termo *black out*.

23/6 – p. 8

Resumo da reportagem: Natal recebe a visita de dois pilotos portugueses famosos: o Almirante Gago Coutinho e o Major Sarmento de Beiros.

29/6 – p. 5

Título: A oposição do retrato do presidente Roosevelt na Liga Artística-Operária

1/7 – p. 2

Resumo da reportagem: Natal recebe a visita de artistas da rádio Tupi.

2/7 – p. 3

Resumo da reportagem: Natal comemora a Independência dos Estados Unidos.

4/7 – p. 3

Resumo da reportagem: A programação comemorativa em Natal para o *Independence Day*.

2/10 – p. 3

Resumo da reportagem: A coluna *Acta Diurna*, de Luís da Câmara Cascudo, faz referências sobre o papel de Natal na guerra.

1944

1/1 – p. 6

Título: Na sociedade e no lar

Resumo da reportagem: A coluna fala sobre o programa *Estamos aprendendo inglez*, da REN, que vai ao ar regularmente.

Obs.: As primeiras páginas, nos primeiros meses do ano tratam preponderantemente de assuntos militares e da guerra.

9/2 – p. 6

Resumo da reportagem: Informações sobre o *show* de Nelson Gonçalves para as Forças Armadas Brasileiras e Americanas.

1/3 – p. 3

Resumo da reportagem: Câmara Cascudo fala de livro sobre autoaprendizado de inglês.

9/3 – p. 1

Título: Natal – uma das maiores bases do mundo

Resumo da reportagem: Entrevista com o superintendente naval da *Air Transport Service*, Mr. Sanger Green.

28/5 – p. 6

Anúncio publicitário do *whisky* Schenley, dizendo ser o melhor da América.

Obs.: Até então, só havia propaganda de bebidas locais e nacionais.

11/6 – p. 1

Resumo da reportagem: Batalha do Riachuelo é comemorada pela Base Naval com jogo entre brasileiros e americanos.

27/6 – p. sem numeração

Título: Na sociedade e no lar

Resumo da reportagem: Coluna fala da visita de Jane Gleig (artista de Hollywood) à redação do jornal.

3/7 – p. sem numeração

Resumo da reportagem: Como será comemorada a independência dos Estados Unidos em Natal.

5/7 – p. sem numeração

Resumo da reportagem: Resultados da comemoração do *Independence Day*.

1945

Obs.: Até este ano, não há praticamente fotos de paisagens de Natal, só da guerra.

19/1 – p. 8

Resumo da reportagem: Realiza-se festa da gratidão em benefício das famílias dos expedicionários.

22/3 – p. 8

Título: Acta Diurna

Resumo da reportagem: Luís da Câmara Cascudo fala do governador da Luisianna, Jimmie Davis, que bebe leite de cabra.

Obs.: Americanos declararam gostar de produtos pelos quais os potiguares tinham vergonha de demonstrar apreço, por serem rústicos, pobres.

1/4 – p. 3

Título: Carta aberta a Richard Paltee

Resumo da reportagem: comentário sobre a entropia cultural americana e necessidade das Américas serem nação católica única.

14/4 – p. 8

Resumo: Nota paga de pesar em solidariedade aos americanos em Natal pela morte do presidente Franklin D. Roosevelt. Assina Durval Paiva Filho, da empresa Paiva e Freire Ltda.

3/5 – p. 1

Resumo da reportagem: Anunciada, em grandes manchetes de primeira página, a queda de Berlim em 2/5/45.

5/5 – p. 11

Resumo da reportagem: Entrevista com Oriano de Almeida, que fala do *boogiewoogie* e de orquestras norte-americanas.

10/5 – p. 1

Resumo da reportagem: Celebração da vitória dos aliados em Natal.

12/5 – p. 1

Resumo da reportagem: Autoridades americanas dirigem mensagens a Natal pela vitória.

26/5 – p. 3

Resumo da reportagem: Coordenação de assuntos inter-americanos faz exibição de cinema sobre a guerra na Europa.

Obs.: As notícias sobre a guerra começam a escassear; vários meses não trazem informações sobre os americanos em Natal; a revista ‘Seleções’ faz propaganda através dos anos.

5/7 – p. 1

Resumo da reportagem: Natal comemora o dia da independência dos EUA.

1/8 – p. 2

Título: Na sociedade e no lar

Resumo da reportagem: Informações sobre festa na Base Aérea de Natal.

1/8 – p. 4

Resumo da reportagem: Detalhes da festa da Base Aérea por conta do aniversário de 38 anos da Força Aérea Americana.

Resumo da reportagem: Desastre do B-25 do dia 30/7/45, nas imediações de São Gonçalo do Amarante.

12/8 – p. 12

Resumo da reportagem: Visita do marechal do ar Sir Arthur Harris, que teve destaque na ofensiva aérea da guerra.

14/9 – p. 8

Resumo: Anúncios mesclam filmes americanos com peças de teatro potiguares.

11/11 – p. sem numeração

Título: Remember Coção

Resumo da reportagem: Cascudo, na *Acta Diurna*, mistura idiomas.

1946

23/1 – p. 1

Resumo da reportagem: Muitas notícias sobre os EUA, Canadá e França rivalizam com a posse de Dutra.

19/3 – p. 12

Resumo da reportagem: Notícia sobre a visita do prefeito Silvio Pedroza à Base Aérea e sobre benfeitorias em Parnamirim feitas por causa da Base. Não há menção aos americanos.

12/4 – p. 1

Resumo da reportagem: Sessão solene na prefeitura em homenagem ao presidente Roosevelt com o discurso de Câmara Cascudo.

Obs.: Há, muito raramente, fotos de brasileiros e menos ainda de natalenses.

5/5 – p. 2 e 12

Resumo da reportagem: Coluna *Na sociedade e no lar* e matéria jornalística falam da inauguração em Parnamirim, mas não se referem aos americanos, cujo único sinal é o nome da escola inaugurada: Grupo Escolar Pres. Roosevelt.

Obs.: Fala-se nos pracinhas, em homenagens nacionais e locais, ajuda às famílias, emprego, mas pouco. Parnamirim é vista como apêndice de Natal. Nem prefeito próprio tem; é vila.

1/7 – p. 5

Resumo da reportagem: Primeiras fotos de Natal e realizações da prefeitura.

Obs.: Coleção com várias páginas rasgadas, recortadas.

4/7 – p.7

Resumo da reportagem: Consulado americano faz exibição de cinema para os pobres em Natal.

4/7 – p. 8

Resumo da reportagem: Mais uma matéria jornalística sobre festas no dia 4 de julho em Natal.

3/8 – p. 8

Resumo da reportagem: Notícias sobre a visita de Eisenhower a Natal, mas sem menção a americanos residindo na cidade.

4/8 – p. 8

Resumo da reportagem: Falando da visita de Eisenhower, a matéria jornalística menciona contingente de americanos.

11/8 – p. 8

Resumo da reportagem: Visita de Eisenhower a oficiais americanos em Natal.

6/10 – p. 2

Título: Na sociedade e no lar

Resumo da reportagem: Colunista Danilo queixa-se do tratamento dado pelos americanos no desmonte dos USO em Natal.

TRIBUNA DO NORTE

Acervo próprio

1996

25/7 – Teen, p. 9

Título: *For all* seleciona figurantes para filme em Natal

Resumo da reportagem: Preparativos para filmagem de *For all* em Natal, com orgulho, pelo fato do filme ser produzido pela Columbia Pictures e afirmando que o filme tem tudo para alcançar o sucesso da trama gaúcha *O Quatrilho*.

Título: Filmagem de 4,8 US\$

Resumo da reportagem: Fornece dados a respeito do orçamento, número de figurantes (3.500) e a presença de atores globais no elenco.

Título: Uma história de amor em plena guerra

Resumo da reportagem: Trama do filme, que gira em torno do romance de um piloto americano com uma jovem natalense.

29/9 – Viver/capa

Título: O *For all* vai começar

Resumo da reportagem: Fotografia destacando atores principais do filme.

p. 3

Título: Comédia romântica ambientada em Natal

Resumo da reportagem: Conta a trama do filme.

Título: Parte do elenco de 27 pessoas já desembarcou em Natal

Resumo da reportagem: Destaca atores globais que estão na cidade.

Título: Veja por onde andou a produção

Resumo da reportagem: Destaca locações utilizadas.

Viver, p. 3

13/10 – Recorte sem numeração de página

Título: Filme será lançado aqui e no exterior em abril do ano que vem
Resumo da reportagem: Datas de lançamento do filme.

Viver, p. 1

Título: Vestidos para encantar

Resumo da reportagem: Figurino do filme.

1997

2/5 – Viver, p. 1

Título: Avant-premiére de *For all* será no CATRE

Resumo da reportagem: Filme em fase de finalização e o percurso de festivais que fará.

Título: David Tygel e Chico Buarque de Holanda preparam trilha sonora

13/7 – Viver, p. 7

Título: “*For all*” vai competir em Gramado

Resumo da reportagem: O filme foi selecionado para participar da 25ª edição do Festival de Cinema de Gramado – RS.

16/7 – Viver, p. 1

Título: Gramado é a primeira parada de *For all*

Resumo da reportagem: A película chegará a Natal após apresentação no Festival de Gramado.

23/7, p. 1

Título: Morre Maria Barros, a “Maria Boa”

Natal, p. 7

Título: Morre a dona do cabaré mais famoso de Natal

Resumo da reportagem: Detalhes da doença que vitimou Maria Boa.

Título: O último dia do cabaré que agitou a cidade

Resumo da reportagem: Relembra a noite de 17 de março de 1995, último dia de funcionamento do cabaré.

Título: Fama e prestígio não afastam os problemas com a justiça trabalhista

Resumo da reportagem: Cinco ex-funcionárias do cabaré lutam na justiça para receber indenizações trabalhistas.

Natal, p. 8

Título: Exuberância e descrição fizeram de Maria Boa uma mulher de destaque

Resumo da reportagem: ...Enquanto a segunda guerra agitava o cotidiano da pequena Natal, Maria Boa bombardeava os frequentadores de sua casa com o que podia existir de melhor...

24/07 – Coluna Espaço Livre, p. 2

Título: Dona Maria Boa

Destaque

Resumo da reportagem: ...Ninguém poderá escrever a história de Natal nas décadas de 40 e 50, sem inserir o personagem de Maria Boa, sua casa, “suas meninas”...

27/7 – p. 20

Título: Maria Boa primava pela qualidade dos serviços

Resumo da reportagem: Descreve os serviços prestados.

7/8 – Viver, p. 1

Título: O Trampolim da vitória dos velhos marinheiros

Resumo da reportagem: Ocorrerá em Natal entre os dias 19 e 23 a 19^a Reunião do Esquadrão da Marinha dos Estados Unidos da 2^a Guerra Mundial.

Título: Comitiva visitará praias e Base Naval

Resumo da reportagem: Programação que será desenvolvida pela comitiva em Natal.

11/8 – Viver, p. 1

Título: Um Museu para os “Ases Indomáveis”

Resumo da reportagem: Criação do Museu da Aviação pelo pesquisador, sociólogo e empresário Leonardo H. Barata.

Título: Lufthansa enviou fotos e documentos inéditos

Resumo da reportagem: Documentos fornecidos pela Lufthansa para o futuro museu.

17/8 – p. 1

Título: Fotos inéditas resgatam parte da história da aviação no RN

p. 14

Título: Ex-pracinhas americanos chegam na terça-feira

Resumo da reportagem: Grupo de ex-pracinhas americanos integrantes do esquadrão, que serviu na Base de Parnamirim chegam em Natal para participar da 19^a Reunião do Esquadrão da Marinha dos USA na 2^a Guerra.

Título: Filmes têm dados sobre a ação no RN

Resumo da reportagem: 4 filmes localizados pelo pesquisador Barata sobre ação dos americanos no Brasil durante a 2^a Guerra.

p. 15

Título: Posição estratégica do RN atrai grandes potências

Resumo da reportagem: Importância estratégica do estado na história da aviação mundial desde o início do século.

Título: Cidade do sol entra no cenário internacional

Resumo da reportagem: Artigo de Luiz Antonio Porpino sobre Natal e sua importância devido à localização geográfica.

18/8 – Viver, p. 7

Título: E o Kikito de melhor filme vai para For all

Resumo da reportagem: *For all – O Trampolim para a Vitória* foi o grande vencedor do 25º Festival de Gramado. É uma comédia romântica ambientada nos anos 40 em Natal no instante que a cidade estava lotada de militares norte-americanos.

Título: Um sonho que já dura dez anos

Resumo da reportagem: A ideia de *For all* surgiu em 1987, quando Luiz Carlos Lacerda veio para Natal participar de um festival de cinema.

Título: Romance e humor em tempos de guerra

Resumo da reportagem: A trama do filme é a trajetória de uma família de 4 pessoas.

20/8 – p. 1

Título: Ex-combatentes americanos chegam a Natal

Sociais, p. 3

Título: J. Epifânio é nome de museu no CATRE

Resumo da reportagem: O Museu do CATRE recebeu o nome de J. Epifânio, que trabalhou naquela instituição militar entre 1º de janeiro de 1947 a 18 de maio de 1978.

p. 11

Título: Marinheiros americanos voltam 50 anos depois

Resumo da reportagem: Grupo de 16 militares, convidado pelo estado brasileiro, recorda em Natal e Parnamirim os dias da 2ª Guerra mundial em Natal.

Título: Roosevelt visitou Parnamirim

Resumo da reportagem: O veterano de guerra Oscar Brooks conta o seu encontro com o presidente americano Roosevelt no dia 28/1/43 na Base Aérea de Parnamirim.

Título: Xavier recorda a guerra vivida aqui e na Itália

Resumo da reportagem: “Os americanos eram excelentes com os soldados brasileiros. Não nos faltava nada [...]”, recordou o ex-pracinha natalense Joaquim Xavier de Souza, 76 anos.

21/8 – Recortes sem numeração de página

Título: Veteranos se emocionam com Natal

Resumo da reportagem: Ex-combatentes americanos lembram a “boa cerveja” e as “senhoritas bonitas”.

Título: Ex-pilotos lembram atos de guerra na costa do RN

Resumo da reportagem: Ex-pilotos lembram paisagens de Natal nos anos.

22/8 – p. 1

Título: Veteranos vão rever base onde serviram na guerra

Resumo da reportagem: O grupo de 16 ex-combatentes americanos que serviram em Natal durante a 2ª Guerra vão hoje visitar a Base Aérea de Parnamirim.

p. 12

Título: Americanos voltaram à Base Naval

Resumo da reportagem: Hoje vão visitar a Base Aérea de Parnamirim e o bairro da Ribeira.

Título: Ida a Macaíba recorda de amores clandestinos

Resumo da reportagem: “[...] era proibido vir pra cá (Macaíba), mas nós vínhamos beber, comer e quebrar a monotonia, namorando um pouco”, revelou o veterano Jerry Sternpeag, 74 anos”.

23/08 – p. 13

Título: Americanos regressaram à Base de Parnamirim 50 anos depois da guerra

Resumo da reportagem: A visita ao CATRE durou pouco menos de 30 minutos, mas serviu para emocionar os 16 ex-combatentes.

p. 13

Título: Centro histórico da 2^a guerra merece elogios

Resumo da reportagem: Visitantes ficaram impressionados com a conservação dos equipamentos.

24/8 – Viver, p. 1

Título: For all tem o humor do Rio Grande do Norte

Resumo da reportagem: Entrevista com um dos diretores do filme, Buza Ferraz.

16/9 – Viver, p. 1

Título: Disseram que eu inventava a automedicação

Resumo da reportagem: Entrevista com Gilberto Gil, que fez show na Rampa da Ribeira.

21/9 – Revista da TV/OnLine, p. 4

Título: For all no centro de Convenções

Resumo da reportagem: Exibição do filme For all no Centro de Convenções nas comemorações dos 10 anos da TV Cabugi.

22/9 – Viver, p. 1

Título: For all passa pelo crivo do público natalense

Resumo da reportagem: Apresenta a reação do público natalense ao filme apresentado em *avant première*.

5/10 – Opinião, p. 2

Título: “For all: para mim, não!”

Resumo da reportagem: Crítica ao filme feita por Dalton Melo de Andrade, ex-Secretário de Educação do Estado. Critica a visão de que todas as mulheres natalenses queriam “arrumar” um americano. Acha que o filme apresenta as mulheres natalenses como prostitutas e os homens, como acomodados.

19/10 – p. 1

Título: A lista de Natal

Resumo da reportagem: Foto de avião americano bombardeando submarino alemão. Fotos pequenas de Câmara Cascudo, Dinarte Mariz e Ulisses de Góis.

Natal, p. 17

Título: Natalenses suspeitos de espionagem na lista do FBI

Resumo da reportagem: Da lista de Natal, fazem parte nomes como Câmara Cascudo, Celestino Pimentel, Teodorico Bezerra. A lista destes e outros suspeitos foi conseguida pelo pesquisador Barata nos Estados Unidos.

Título: Sociólogo reúne preciosidades nos EUA e França

Resumo da reportagem: Apresenta a pesquisa e os passos do professor Leonardo Barata nos EUA.

Especial, p. 18

Título: Posição estratégica de Natal exige trabalho de reconhecimento na região

Resumo da reportagem: Processo de “monitoramento” de pessoas influentes de Natal feito pelo FBI. Foto de trincheira em Santos Reis.

Título: Espião nazista morou na rua Trairi no Tirol

Resumo da reportagem: Detalhes da vida de Ernst Walter Lück – suposto espião nazista que residiu em Natal.

20/10 – Geral, p. 9

Título: Cidade não tinha espiões, diz escritor

Resumo da reportagem: Para Lenine Pinto, cidade tinha vários germanófilos, mas nenhum era espião. Foto de Lenine e outra da Base de Parnamirim durante a 2ª Guerra.

21/10 – Natal, p. 15

Título: Filha nega a simpatia de Cascudo pelo nazismo

Resumo da reportagem: Segundo Anna Maria Cascudo seu pai chegou a rejeitar uma comenda do governo italiano, por sua lealdade ao Brasil. Foto de documento do governo americano com o que pensava sobre Cascudo.

26/10 – Especial, p. 20

Título: Filho de alemão confirma espionagem em Natal

Resumo da reportagem: Ernst W. Lück fornecia para o consulado alemão informações sobre o movimento de aviões e navios ingleses e americanos na cidade. Informação confirmada pelo filho Werner em Recife. Fotos da época.

Título: Família é presa na Colônia de Jundiaí

Resumo da reportagem: A família inteira esteve presa, tendo o pai sido condenado a 14 anos de prisão e cumprido metade da pena.

p. 21

Título: Empresário recorda as marcas do preconceito

Resumo da reportagem: Preconceitos sofridos na época das prisões, fazendo a família mudar-se de Natal.

Título: Cabeça do trio de espiões nazistas é um homem responsável e cuidadoso

Resumo da reportagem: Breve perfil do homem que foi acusado pelo FBI como chefe da espionagem nazista local.

27/10 – Natal, p. 7

Título: Empresário revela história em livro

Resumo da reportagem: O empresário Werner Lück distribui para toda a família um documento por ele escrito onde apresenta a sua versão sobre os atos de espionagem que seu pai foi o principal acusado.

1998

1/3 – Arte e Cultura, p. 2

Título: 2ª Guerra mundial em Natal

Resumo da reportagem: Nota sobre o lançamento do vídeo *Imagen sobre imagem*.

4/3 – Viver, p. 1

Título: A antropologia do chiclete com banana

Resumo da reportagem: Sobre o documentário *Imagen sobre imagem*. Foto da realizadora, capa do documentário e de Roosevelt e Vargas.

Título: A Natal que ainda não descobrimos totalmente

Resumo da reportagem: Realizadora do documentário – Josimey Costa – reflete sobre imagens percebidas.

10/5 – Cultura e lazer, p. 7

Título: CATRE revive os tempos da segunda guerra

Resumo da reportagem: O filme *For all* estará em cartaz no cinema ao ar livre do CATRE, que será decorado à moda dos anos 40, com direito a parafernália histórico-militar.

29/6 – Geral, p. 6

Título: Documentos secretos contam a história do RN

Resumo da reportagem: A revista *IstoÉ* dedica cinco páginas aos documentos encontrados pelo pesquisador natalense Leonardo Barata com revelações inéditas sobre as atividades das forças militares norte-americanas no Brasil, e em especial no RN. Fotos da Base e Cemitério do Alecrim na época.

JORNAL DE NATAL

Acervo próprio

1996

7/10 – Caderno de Encartes, p. B1

Título: *For all* reflete domínio americano

Resumo da reportagem: Detalhes sobre o filme, entrevista de Luiz Carlos Lacerda.

p. B10

Título: *For all* traz oportunidade única para Natal

Resumo da reportagem: Artigo de Aldrovandro Claro – vice-presidente do Núcleo de Cinema de Natal – sobre os benefícios da gravação de um filme para Natal.

1997

1/9 – p. B6

Título: Breve histórico da Base Naval de Natal

Resumo da reportagem: Histórico da Base Naval de Natal escrito pelo capitão-tenente Francisco Antonio de Oliveira. Foto da entrada da Base.

20/10 – Geral, p. A3

Título: Pesquisador consegue documentos secretos nos EUA sobre Natal na Segunda Guerra

Resumo da reportagem: Documentos e informações obtidas pelo pesquisador e empresário Leonardo Barata nos EUA e na França. Fotos da época.

FOLHA DE S. PAULO

Acervo próprio

1996

22/7 – Ilustrada, p. 9

Título: Brasil está fora da disputa internacional

Resumo da reportagem: Informações sobre o Festival Internacional de Cinema de Gramado – RS, onde um dos destaques nacionais é *For all*, rodado em Natal. Foto de cena do filme *For all*.

1997

7/4 – Turismo, p. 6

Título: Natal teve a primeira fábrica da Coca-Cola

Resumo da reportagem: Dados sobre fundação de Natal e informações históricas e turísticas. Fotos do Forte dos Reis Magos e Vargas e Roosevelt.

Título: Câmara Cascudo foi deputado por 3 dias

Resumo da reportagem: Curiosidades sobre a vida do principal intelectual norte-rio-grandense.

18/8 – Ilustrada, p. 10

Título: *For all* vence 25ª edição do Festival

Resumo da reportagem: “[...] Como muitos esperavam e muitos mais temiam, ‘*For all* – o trampolim da Vitória’, de Luiz Carlos Lacerda, foi o grande vencedor do Festival em Gramado”.

Título: Análise: Em 98, festival refunda-se ou devora-se

Resumo da reportagem: Análise de Amir Labaki sobre os concorrentes do Festival. “[...] *For all* é uma comédia superficial e bem produzida que fica além do belo tema que elegeu [...]”.

1998

24/6 – Ilustrada, p. 7

Título: O Brasil ingênuo encontra a bobeira de Hollywood

Resumo da reportagem: “Na verdade, ‘For all’ brinca com o eterno otimismo nacional. Mas transforma esse otimismo em paródia do otimismo americano... Esse otimismo-paródia do enredo só se sustenta na medida em que trata os brasileiros segundo a ótica americana: simpáticos, inofensivos, infantis, dóceis e interesseiros. Coisa que os brasileiros são, em especial se vistos sob a ótica americana, que aliás é a nossa também.

Mas para nós, brasileiros, todo americano é um pouco bobo e simpático, um pouco infantil e interesseiro. Nós infantilizamos os americanos, assim como eles nos infantilizam.

[...] *For all* não enaltece a malandragem brasileira, nosso pretenso ponto de superioridade com relação às potências dominantes. Brinca com o fascínio que elas exercem sobre nós. Há uma dupla ingenuidade em jogo: o fascínio do Brasil pelos Estados Unidos e o fascínio dos Estados Unidos pela ingenuidade brasileira [...]” (Artigo de Marcelo Coelho).

29/6 – Brasil, p. 8

Título: Arquivo exibe ‘guerra ignorada’ no Brasil

Resumo da reportagem: Informações descobertas pelo pesquisador Barata nos EUA. Fotos da época.

Título: ‘Só vi bolhas e manchas marrom’

Resumo da reportagem: Partes do relato de um piloto que afundou submarino alemão no litoral de Santa Catarina.

Título: Investigação do FBI atingiu casa de ferragens no RN

Resumo da reportagem: Informações sobre Ernst Walter Lück, condenado por espionagem em Natal durante a Segunda Guerra. Foto da ficha policial.

O ESTADO DE S. PAULO

Acervo próprio

1998

13/1 – Viagem, p. G18

Título: Bairro da Ribeira é endereço indicado para os notívagos

Resumo da reportagem: Informações sobre bares da Ribeira, chamando a atenção para o bar Black Out com sua decoração “toda inspirada no período da segunda guerra, quando Natal serviu de base”. Foto de cena do filme *For all*.

JORNAL DO BRASIL

Acervo próprio

1997

15/7 – Caderno B, p. 5

Título: Uma história americana em Natal

Resumo da reportagem: Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz começam em setembro as filmagens de *For all*, sobre a presença dos americanos na cidade durante a guerra.

A palavra sobreposta: imagens contemporâneas da Segunda Guerra em Natal trata da reconstrução imaginária de Natal tendo como referência a presença norte-americana na cidade. As representações da comunicação urbana sobre esse fato, em especial as trazidas à tona pelos Meios de Comunicação de Massa, são o material de pesquisa. O exercício vivo e necessário da reflexão científica mostra que tais manifestações produziram campos de ressonância importantes para a cidade. Seu desenvolvimento se deu a partir de alguns imprintings (marcas culturais indeléveis) postos em sincronia social e atualizados pela difusão em massa através de jornais, revistas, livros, rádio, cinema, cartazes, televisão, redes telemáticas e videodocumentários. Nessas expressões, se justapõem passado, presente e futuro, e se mostra a cidade, que é também todo esse invólucro sínico.

Neste livro, a autora optou por um estilo de pensamento científico que já não fratura observador/objeto. Assim, o texto é uma narrativa eivada de subjetividades, que por vezes subsume a autora nas historicidades e, por vezes, a revela como uma das personagens da cidade. A alternância entre terceira e primeira pessoas dos pronomes pessoais e concordâncias verbais, longe de serem um acidente, se constituem num recurso da linguagem, que denota a mestiçagem entre a persona da autora e os monumentos, os documentos, a cidade.